

Série
Se entregando
ao Amor

Doce & LIBERTINO

LIVRO IV

AGATHA SANTOS





AWF Santos

Copyright© 2018 AWF Santos

Revisão: Hellen Caroline, Mari Sales.

Capa: AWF Santos.

Diagramação: Mari Sales.

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.



Sumário

[Dedicatória](#)

[Prefácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da Autora](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Epílogo](#)



Dedico esta obra as pessoas que foram os anjos que descobri no meio literário e hoje guardam um lugar especial no meu coração. O apoio, incentivo e cuidado que recebi de vocês nunca terá preço.

A vocês, Lene Gracce, Juh Wayne, Dani Moreno, Mari Sales, Mariana Canan, Nana Simons, Hellen Caroline, Helô Coimbra e M. F. Correa.



Falar da Série e de Agatha não é tão simples assim. Até poderia usar da comédia como ela e tentar soar extrovertida, mas escrever sobre ambos é mais que meramente um prefácio para mim. Então vamos lá...

Agatha foi o primeiro nacional que trazia comédia e hot que li. E cara, me apaixonei nas primeiras linhas. A escrita fluente, o jeito faceiro de nos encantar com seus personagens me teve rendida a essa autora que só acompanhava de longe. Então, viramos fã e ídola e a cada dia me apaixonei mais por ela. Uma alma como poucas, uma amiga insubstituível, minha eterna palhaça. Cheia de defeitos sim, porém seu coração gentil se sobressai sempre.

Quem olha essa carinha ou a acompanha nas redes sociais não faz ideia do que se esconde por detrás de seus olhos. Desvendar Agatha é como andar por um labirinto, cheia de enganos, de curvas erradas e extremamente encantador, uma tarefa árdua, no entanto perfeito, com suas imperfeições. Hoje posso chamá-la de amiga e o orgulho que sinto transcende o entendimento.

A Série é uma mistura de quem ela é com uma pitada do que ela ainda será. Vega, Antônio, Aldria, Júlio, Amanda, Caio, Lola, Olavo, Cláudio e Lucca não poderiam ter suas histórias contadas que não fosse com a maestria de Agatha. Histórias clichês que nos fazem suspirar com os mocinhos, aplaudir de pé as mocinhas e ficar com um gostinho de quero mais ao findar de cada uma.

Vega e Antônio são meus primeiros amores, mas Lola e Olavo roubaram meu coração para sempre. Não apenas por ter um pouquinho de Cicatrizes em uma passagem da história, mas por que é claro como água o crescimento e amadurecimento da escrita de Agatha. É quase palpável o quanto ela se dedicou e se empenhou para fechar com chave de ouro essa série deliciosa de acompanhar.

Suas histórias encantaram e ainda encantarão milhares de pessoas. O seu brilho não é passageiro, seu talento não é meramente obra do acaso. Você nasceu com um dom que permaneceu adormecido por tempo suficiente. Agora é chegada a hora de permitir que tudo floresça e que seu talento viaje pelo mundo.

Obrigada por dividir todas suas loucuras comigo, por permitir que eu faça o mesmo e principalmente pelo privilégio de chamá-la não só de amiga, mas poder chamá-la de minha outra metade.

Que venham mais histórias, que você alcance as estrelas e que todos os seus sonhos se realizem.

Agora, se deliciem com Lola e Olavo, curtam o passeio e o adeus a personagens viciantes.

M.F. Correa



Muito mais do que agradecer, hoje sinto o gosto de um ciclo maravilhoso e apaixonante se encerrando em minha vida. Quando comecei toda essa loucura de ousar escrever um livro, nunca imaginei que chegaria aqui.

Sinto-me realizada de formas inexplicáveis, conheci pessoas incomparáveis e tive o apoio e carinho das melhores leitoras do mundo. As pequenas atrevidas.

Cada página dessa trajetória foi escrita com todo meu coração e espero que lhes tragam todo conforto e leveza que eu senti quando as preenchi.

Agradeço sempre aos blogs, páginas, grupos e todas as pessoas do meio literário que participam ajudando nós autoras a divulgarmos nossas obras.

Dói o coração estar digitando as últimas palavras que irão compor esta série, em contrapartida me encho de expectativas por tudo que ainda tenho dentro de mim e quero dividir através das letras com vocês.

Encerro essa fase deixando uma frase da sábia Clarice Lispector, traduzindo exatamente meus sentimentos agora:

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.”



No último livro da série senti que algo faltava para que meu coração aceitasse o fim dessa trajetória que amei vivenciar. Foi quando percebi que Lola e Amanda tinham algo em comum com uma personagem de uma linda obra que tenho orgulho de dizer que sou madrinha: Cicatrizes, da escritora M.F. Correa.

Preparem-se, pois irão sentir um pequeno gostinho de Allie e Justin de uma forma bem especial.

Obrigada, minha amiga, por me proporcionar esse presente de ter um *crossover* da sua linda história no fechamento da minha.



Um homem convicto de sua vida desregrada, Olavo Gouvêa tem tudo que almeja aos seus pés. Mulheres, dinheiro, poder e a promessa de assumir a cadeira do império dos Gouvêa.

Tudo cai por terra quando sua família o pressiona para mudar seus hábitos nada discretos. Sua conduta na vida pessoal começa a interferir na imagem da empresa e ele acaba sendo colocado contra a parede.

Sua única saída é convencer a pessoa que ele mais magoou, devido a sua vida promiscua, a ajudá-lo com a pressão familiar.

Lola, a menina do interior que conseguiu a duras penas conquistar seu espaço no mercado de trabalho, se encontra linda, forte e determinada em perseverar na vida. Só há um porém: ela não consegue esquecer seu amor descabido por Olavo.

Em um pedido nada convencional ela vê a oportunidade de mostrar ao cafajeste do ex o que ele perdeu. Mas ela será capaz de fazer isso sem envolver seus sentimentos e coração?

Com muitas confusões, negações e doses cavalares de humor, venha conferir o último livro da série Se Entregando ao Amor.



Prólogo

Olavo

Eu não a queria, isso era uma certeza mais que absoluta, mas algo nela... Não sei...

Cada vez que eu a tive em meus braços, que sentia seu cheiro de pitanga e sua pele macia estava ao meu alcance... eu simplesmente me perdia da realidade e toda minha razão se esvaía dando lugar a um desejo alucinado de possuí-la.

Faz exatamente dois anos que não a sinto próxima de mim, que não toco seu corpo e não aplaco o desejo que sinto por ela. No começo insisti, fui atrás para vivermos mais um dos nossos momentos alucinados de tesão, mas ela se negou. Por um tempo ela se esquivou e não faço a linha cachorrinho sem dono.

Ela não queria e eu não insistiria. Tenho minha vida e ela é muito confortável e regada de mulheres querendo me oferecer mais do que quero pegar, e olha que eu pego.

O problema é que fui colocado em uma merda de sinuca de bico. Tenho que dar um jeito na minha vida desregrada de solteiro ou corro o sério risco de não ser nomeado o sucessor a cadeira da *Gouvêa & Associados*.

Eu não posso perder aquilo que tenho batalhado duramente para conquistar. Não entendo esse incomodo todo com minha vida pessoal, mas lutar contra meus pais e tios é batalha perdida.

Preciso mexer os pausinhos, fazer algo que tire o foco da minha família e eles larguem do meu pé e eu só consigo pensar em uma pessoa para isso: Lola.

Apesar desse tempo sem vê-la, ela é a mulher mais próxima de um relacionamento que eu tive e para o que tenho em mente, ela será perfeita e eu aproveito para tirar minha lasquinha daquele corpo gostoso que ela tem.

Convencê-la será o mais difícil, mas eu tenho um plano e meu charme. Sei que isso basta para conseguir o que quero.



Capítulo 1

Sonhar, delirar, clamar e desegar

Lola

Meu Deus, minha mesa está parecendo que passou por algum combate muito difícil. Pilhas de papéis contendo relatórios financeiros ainda não vistoriados, pelo menos uma meia dúzia de memorandos com pedidos de materiais, uma infinidade de recados e retornos que ainda não aconteceram e um pedaço de sanduíche deixado do almoço. Enfim, não sei onde começa ou termina a quantidade de papelada que preciso analisar e colocar em ordem.

Desde que Amanda saiu para sua licença maternidade isso aqui tem sido a maior loucura. Ocupo o cargo administrativo da Studio, sua escola de dança e, nesses dois anos que trabalho com ela, nunca tive problemas em exercer minha função.

Com o nascimento do seu bebê, que por sinal é a coisa mais fofa que já vi, tudo saiu um pouco dos trilhos. Têm exatas duas semanas que isso aconteceu e por mais que tenhamos planejado, a coisa como um todo acabou sobrecarregando a mim e aos auxiliares.

A parte boa do pequeno caos que vivo hoje é que minha atenção e dedicação estão totalmente voltadas a isso, assim minha mente não vaga por pensamentos nada favoráveis a minha saúde emocional.

Já faz algum tempo que não tenho pensado seriamente na minha vida sentimental e acho que isso tem sido muito positivo para mim, de modo geral. Nem todo mundo precisa de um par romântico para ser feliz e eu vou aprender a ser assim.

Apesar dos grandes ensinamentos que a Aldria fez questão de reforçar na minha cabeça, ainda tenho dificuldades de assimilar tudo isso.

“Lolita, querida! Não se iluda! Homem nenhum presta e quando traz o sobrenome Gouvêa, menos ainda!”

Ainda consigo visualizá-la me falando isso em uma das nossas inúmeras conversas sobre a minha loucura sentimental pelo pior dos Gouvêa, Olavo.

Sou uma moça do interior, minha base de criação sempre foi pautada na família e nos bons costumes, e isso me romantizou de certa forma. Meus pais vivendo uma relação admirável também não favoreceu para que eu fosse menos sonhadora no quesito amor.

Quando cheguei a São Paulo, há mais de seis anos, realmente não esperava aprender e mudar tanto o meu modo de enxergar as coisas, só que isso não quer dizer que eu não sinta. Tem coisas que são difíceis de eliminar da nossa essência e acho que esse é meu maior problema.

A *Gouvêa & Advogados* foi meu primeiro emprego, minha primeira oportunidade, minha primeira lição e fatalmente minha primeira decepção.

Não a empresa em si, na verdade, eu amava o que fazia. Assistir Vega e posteriormente Aldria foi um grande aprendizado na minha vida profissional e pessoal. Elas são mulheres de fibra e sabiam lidar com as situações da vida tão bem que eu adorava ser telespectadora disso.

Minha derrocada naquele lugar foi ceder aos encantos daquele homem sedutor de sorriso fácil e que sem nenhuma dificuldade conseguiu me envolver na sua fantasia luxuriosa. E eu, como uma típica moça do interior inocente, caí em seus encantos.

No começo me neguei a aceitar que Olavo era realmente o cafajeste que ele aparentava. Pensei que pudesse ser o medo de relacionamentos ou até mesmo pela pouca idade que tínhamos, mas aos poucos fui enxergando que essa era sua verdadeira essência, a canalhice.

Vivi quase dois anos sendo seu capacho, exatamente assim!

Sempre que ele queria e quando queria, vinha me procurar e eu, como a moça iludida que era, acabava por ceder e me entregar a ele.

Teve um momento que eu realmente achei que tudo poderia mudar, que ele finalmente me assumiria a todos, mas não passou de mais uma ilusão.

Ele me levou ao almoço da empresa e me apresentou como sua acompanhante, passamos algumas semanas bem e comecei a fantasiar o romance do século. Não muito tempo depois o peguei em seu apartamento com uma ruiva azeda. Ele disse que foi sem querer e que uma coisa levou a outra. Bem, não sei como uma reunião particular pode mudar para um belo oral, com ele sentado no sofá e ela de joelhos à sua frente.

Constrangedor? Sim, mas não espantoso.

Olavo é exatamente assim, um canalha por natureza e isso já está enraizado nele. Não tem nada que possa mudá-lo a não ser que se apaixone de verdade, o que eu realmente acho uma piada vinda da parte dele.

Depois desse episódio bem constrangedor, acabei dando uma chance ao meu coração partido e tentei embarcar em um novo lance com Henrique, hoje chefe do RH da Gouvêa, mas não fluiu.

Ele é bacana, um cara divertido, mas eu simplesmente não conseguia me entregar totalmente. Claro que conta o fato do Olavo me procurar às escondidas e testar meus limites até eu ceder e nos atracarmos onde estivermos. Preferi terminar o que mal havia começado com Henrique, assim não seria tão calhorda com ele.

Aguentei mais alguns meses vivenciando isso. Eu vivia minha vida, via Olavo desfilando com as mais belas mulheres e quando ele sentia vontade vinha até mim e eu, como era uma fraca, cedia.

Mais uma vez tive que agradecer imensamente a Aldria, que percebendo que eu estava em um ciclo doentio muito complicado, mexeu os *pausinhos* e me colocou aqui. Pelo menos não teria mais o contato profissional com o futuro presidente do meu trabalho e isso me ajudaria a criar uma distância.

E foi exatamente o que fiz.

No dia que saí da Gouvêa, eu não me despedi de ninguém, somente da minha chefe que

acabou virando uma amiga querida, Aldria. Cheguei aqui e trabalhei com afinco para provar meu valor, mesmo Amanda sendo um anjo de patroa.

Fiz valer minha indicação e me empenhei para mostrar um serviço de qualidade. Aproveitei a determinação e dei um basta no cafajeste do Olavo.

Ele veio me procurar logo que soube da minha saída e literalmente bateu com a cara na porta, pois não o deixei mais subir ao meu apartamento e nas vezes que ele tentou, eu o atendi na recepção.

Bloqueei o celular para não receber mais ligações e nem mensagens, ele já estava ficando muito insistente e eu estava sentindo minhas barreiras esmorecerem.

Graças a Deus isso não durou tempo suficiente. Logo ele entendeu o recado e se afastou. Lamentei e depois agradei.

Já faz dois anos que não temos nada e eu já o vi em alguns lugares, mas nunca mais tivemos uma conversa íntima. Absolutamente nada que me colocasse à prova e, sinceramente, esse é meu maior medo hoje.

Eu não quero fraquejar. Preciso ser forte por mim, mas eu não sou uma tola iludida e sei o que guardo dentro do peito.

Olavo consegue mexer com a minha sanidade. Normalmente eu sou uma pessoa calma, pacífica, eu diria até submissa, mas quando o encontro, tudo se transforma. Meus instintos se afloram e eu acabo permitindo que todo esse louco desejo venha à tona e me perco.

Meu telefone toca tirando meus pensamentos dos caminhos nebulosos da minha mente. Retomo minha realidade e volto aos meus afazeres.

— Alô!

— *Oi, Lola! Como vai?*

— Amanda, querida! Estou bem e você? Como está esse valente?

— *Lindo e forte! Infelizmente puxou ao pai e eu já enfrento a dificuldade de tirar as mulheres babonas do caminho.* — Rio do seu comentário.

— Eu imagino, mesmo. A última foto que me mandou ele estava uma graça de lindo. Mas diga, chefe, o que precisa?

— *Estou ligando para saber como estão as coisas por aí, e claro, para te convidar para o almoço no domingo de boas vindas do meu príncipe na casa do meu pai..*

— Uau, estou honrada! É claro que vou! As coisas por aqui estão uma loucura, mas nada que não damos conta.

— *Que bom, Lola.* — Escuto um chorinho ao fundo. — *Ouviu isso? É meu despertador de “venha cuidar de mim, mamãe”.* — Ela e eu rimos.

— Vai lá, mamãe. Não se preocupe, aqui está tudo bem.

— *Ótimo. Beijos, querida. Te vejo domingo!*

— Até domingo!

Desligo o telefone ainda rindo e sinto uma emoção tocar meu coração. Ver Amanda tão nova conquistar tudo que ela sempre sonhou, se tornou uma inspiração para mim.

Ela conquistou o homem que sempre amou, apesar de que, pelo que soube, ela quase o abandonou de vez, mas eles encontraram uma forma de viver esse amor e acho isso admirável.

A Studio também foi sua realização de vida e consigo ver em cada canto deste lugar o amor e dedicação que ela empenhou aqui.

Mas o que mais admiro e invejo, de forma positiva, é o fato de ela ser mãe. Não foi algo planejado e quando ela descobriu, foi como se finalmente concretizasse suas metas de vida.

Eu vi isso acontecer e confesso que sonho com o dia que possa ser comigo. Quero um amor, uma casa, um filho e talvez um cachorro. Seríamos o pilar e apoio uns dos outros, e eu dedicaria minha vida a eles.

Como nem tudo são flores pelo caminho, desperto pela segunda vez dos meus devaneios e afundo as mãos, olhos e mente no meu trabalho. Esse sim não me decepciona e sempre está ali, me desafiando a ser melhor.

Abro a porta do meu apartamento e como sempre, sou recebida pelo meu bichano que se entrelaça nas minhas pernas, pedindo por atenção. Faço um carinho em sua cabeça, ele ronrona de um jeito fofo e eu finalmente consigo fechar a porta.

Deixo minha maleta e bolsa no meu aparador, jogo as chaves por ali também e caminho em direção à cozinha, tirando meus sapatos pelo caminho. Nunca fui um exemplo de organização e isso sempre me rendeu sermões da minha mãe.

Sorrio sozinha, lembrando o quanto ela implicava comigo por eu deixar meu material de escola espalhado pela casa, ou até meus sapatos jogados na entrada da sala. Existem hábitos que não mudam mesmo.

Theodor resmunga seu pedido de comida e eu vasculho o armário procurando sua ração. Sirvo uma boa quantia em sua vasilha, aproveito, troco sua água e limpo sua caixa de areia.

Vou para o meu quarto, tiro minha roupa e a deixo em um canto. Mais uma vez penso em minha mãe e o quanto ela me repreenderia se visse isso. Um aperto no meu peito me faz soltar o ar com pesar. Sinto falta deles.

Sou filha única, meus pais sempre fizeram o possível para me dar tudo que fosse necessário para que eu tivesse oportunidades na vida.

Hoje eu moro em São Paulo e eles no interior, em Pindamonhangaba, quase três horas daqui. Não é relativamente longe, mas pela vida corrida que levo, acabo os visitando bem menos do que gostaria.

Eles têm uma padaria na cidade, nada de grande porte, mas que sempre foi possível sustentar a família e investir na minha educação.

Quando cheguei a São Paulo, por um tempo eles que bancaram minha faculdade e as despesas para ficar aqui, mesmo eu conseguindo uma república que barateava bastante o custo de vida. Sei o sacrifício que fizeram e isso me faz amá-los ainda mais.

Depois do meu banho, coloco uma roupa folgada e vou para a cozinha. Hora de extravasar o acúmulo do dia naquilo que eu realmente sou boa em fazer, massas.

Como uma boa filha de padeiro e confeitadeira, o gosto por cozinhar veio naturalmente e sempre fui uma curiosa por natureza. Me esgueirava no meio dos adultos e fazia valer minha vontade de aprender e colaborar com tudo que preparavam.

Eu já tinha deixado minha massa fresca pronta no fim de semana, ela leva um certo tempo e como a semana é meio corrida, faço alguns dias antes e a deixo armazenada para usar depois.

Com a massa *fetutinni* a mão, concentro no molho. Apesar de saber fazer vários tipos de molho, sou a tradicionalista do molho à bolonhesa.

Ao contrário do que pensam, a carne do molho não é moída e sim picada. Na Itália a chamam de *ragu*. Pego a carne na geladeira que já está picada e aqueço a panela com um fio de óleo.

Enquanto a carne refoga, pego na geladeira um delicioso vinho tinto que ganhei do pai de uma aluna da Studio. Acho que ele tem algum tipo de interesse em mim, mas sinceramente, nem que eu quisesse, conseguiria sair com ele.

Vejo todos os pais e frequentadores da Studio como clientes e minha ética profissional e a pitada moral que ainda me resta impede que eu queira qualquer coisa pessoal com eles.

Sirvo uma taça do vinho e volto para minha panela. Cozinhar livra minha mente de tal forma que não vejo a hora passar. Retiro a carne da panela e coloco em um recipiente, a mesma panela eu uso para refogar a cebola e a cenoura. Parece estranho, mas a cenoura tira a acidez do molho e traz um ar adocicado ao gosto, que eu amo.

Quando a cebola já está dourada, volto a carne para a panela, refogo um pouco mais e acrescento o molho sugo, também feito por mim. Não sou italiana e nem descendente de lá, mas eu simplesmente amo a culinária daqueles pais e tento fazer ao máximo tudo parecido de lá. Faz-me sentir no próprio lugar.

Acrescento água, pico um tomate bem pequeno e coloco no cozimento também. Uma folha de louro e dois dentes de alho inteiros, pois gosto do aroma dele e não do gosto forte, então, quando o cozimento chegar ao fim, tiro tanto a folha quanto os dentes. Pronto, agora é

deixar apurar por uns quarenta minutos e está pronto.

Sorrio, feliz por conseguir fazer tudo isso sem sujar quase nada. Por mais impressionante que pareça, na cozinha eu consigo manter uma organização imprescindível. Como meu pai sempre disse, “cozinha desorganizada, desordem no sabor”.

Não sei se isso é verdade ou ele falava isso para controlar meus ímpetos desorganizados, fato é que funcionou e pelo menos nos limites de uma cozinha consigo me organizar.

Vou para a sala e ligo a televisão em algum canal de filme. Theo sobe no meu colo pedindo sua atenção do dia e dedico a ele todo meu carinho. Como todos os dias, nossa rotina se cumpre sem nenhum imprevisto desagradável e fico relativamente feliz.

Claro, evito ao máximo pensar que quando eu finalmente deitar minha cabeça no travesseiro irei sonhar, delirar, clamar e desejar aquele homem de sorriso fácil, barba malfeita e olhos sedutores.



Capítulo 2
♡ Gouveia mais safado ♡

Lola

Visto uma saia preta social que gosto muito - ela me deixa sensual sem ser vulgar -, meu camisã *pink* de seda sem mangas e um *pepetoe* preto no pé, completam minha vestimenta para mais um dia de batalha.

Aplico pouca maquiagem no rosto, não gosto de nada carregado de dia. Prendo meu cabelo em um rabo alto, com certeza hoje fará um calor intenso e mais certeza ainda que ele estaria em um coque desajeitado antes do almoço caso eu insistisse nele solto.

Alimento Theo, que já sabe que será deixado sozinho, por isso ele mal me deixa andar pela cozinha, pois está fazendo aquela coisa de trançar entre as minhas pernas.

Olho para meu relógio de pulso e percebo que estou em cima da hora. Saio correndo, pego minhas chaves, bolsa, pasta e rumo para o metrô. Odeio chegar atrasada.

Entro na Studio digitando uma mensagem no celular para minha mãe. Ela tem o costume de falar comigo nesse horário quase todos os dias, e aí de mim se não responder.

Estou tão distraída que não percebo as costas enormes que inevitavelmente acabo trombando na recepção da Studio. No impacto, meu celular escapa da minha mão e vai ao chão.

— Não acredito! — falo um pouco alto demais e me abaixo para resgatá-lo.

Pego o aparelho ainda abaixada e começo a conferi-lo para ter certeza de que não quebrou nada. Respiro aliviada que não trincou a tela e aparentemente nada foi danificado. Estou tão distraída que me assusto com o timbre da voz que escuto se desculpando comigo.

Levanto rapidamente e meus olhos seguem a linha corporal que está na minha frente. Mauro, o tal pai de uma garotinha linda que me deu um vinho de presente, está parado e sorrindo para mim.

— Oi, me desculpe, Mauro. Eu estava distraída — falo envergonhada.

— Não por isso, Iolanda. — Ele sorri de forma acolhedora.

— Veio trazer Tina para a aula?

— Sim! Ela já entrou, mas eu resolvi esperar um pouco mais para ver se conseguia ter uma palavrinha com você.

— Comigo? Claro! No que posso ser útil?

— Na verdade, eu gostaria de conversar fora daqui. Será que poderia ser na cafeteria do outro lado da rua? — Seus olhos esperançosos me encaram e eu me incomodo com isso.

— Se for sobre a Studio, é melhor na minha sala. Por favor, queira me acompanhar.

Ele concorda com a cabeça, meio desanimado, e eu lidero a frente. Mauro me acompanha. Entro na minha sala e indico a cadeira em frente a minha mesa para que se sente e

eu logo me acomodo na minha.

— Então, Mauro. Em que posso te ajudar?

— É Tina. Eu não sei mais o que fazer. Sei que a Studio não tem nada a ver com os problemas pessoais de seus alunos, mas Tina está tendo um comportamento cada vez mais fechado. Só aqui ela consegue ser a menina cheia de vida que sempre foi. Acredito que a falta da mãe esteja sendo demais para ela.

— Entendo. Não deve ser fácil para uma menina de oito anos lidar com uma perda tão séria.

— Não, não é! Como aqui ela ainda se sente à vontade, eu já vi que vocês têm um acompanhamento assistencial e psicológico, por conta da ONG. Queria saber se, mesmo ela sendo uma aluna comum, pagante eu quero dizer, se ela poderia passar por alguma consulta. Eu pago o que for preciso.

— Mauro, não é política da Studio atender casos assim. A nossa parte social e psicológica é realmente por conta do trabalho com crianças carentes, que sofrem problemas sociais, familiares, enfim.

— Mas Iolanda, eu...

— Se acalme. Eu disse que não é nosso costume, mas vou pedir para Talita, nossa psicóloga, dar uma sondada nela. Quem sabe avaliar alguma coisa e se julgar necessário, ela encaminha sua filha para um tratamento.

— Ah, obrigado! Eu não sabia mais a quem recorrer. Somos sozinhos desde que minha esposa partiu e é tão difícil lidar com isso.

— Não posso dizer que imagino, Mauro, pois nunca passei por algo assim. Mas jamais fecharíamos os olhos para isso. Tina é uma excelente aluna, além de ser uma criança muito amorosa e prestativa com as colegas. Faremos nosso melhor.

— Mais uma vez obrigada, Iolanda.

— Não por isso.

Ele se levanta estendendo a mão para me cumprimentar, retribuo o gesto, mas Mauro mantém minha mão mais do que o necessário na sua. Seus olhos me fitam de uma forma intensa e eu começo a sentir meu rosto aquecer.

— Até breve, Iolanda.

— Até...

Mauro sai da minha sala e só assim consigo puxar o fôlego de ar para meus pulmões. Nossa, fazia um certo tempo que não recebia um olhar tão intenso. Levo minha mão ao peito respirando fundo e começo a pensar que preciso mudar meus hábitos e sair um pouco mais.

Aldria já havia mencionado que estou me colocando demais no banco de reserva da vida, ela ainda diz que faço isso na esperança do cafajeste do Olavo vir atrás de mim e eu estar disponível para ele.

Aquele dia me irritei demais com esse comentário e dei um jeito de terminar nosso encontro o mais rápido possível para ir embora. Refleti sobre isso durante semanas e tentei me convencer que isso nunca passou pela minha cabeça.

Depois disso fiquei ainda mais introspectiva com meus sentimentos, o tempo todo passo analisando minhas ações e procurando sempre justificativas para minhas escolhas de nunca sair.

Eu trabalho demais, não tenho amigos de balada e sinceramente não tenho saco para ir a uma boate apertada, com milhões de pessoas estranhas e acabar sendo apalpada por algum bêbado sem noção.

Reflito sobre o que disse e chego a mesma conclusão de todas as vezes: sou uma covarde. Tenho medo de sair, me aventurar por aí e quebrar a cara de novo. Não quero fazer papel de idiota e para todo homem que olho, no fundo acredito que eles farão a mesma coisa que o cachorro Gouvêa.

— Lola? — Olho assustada para a porta.

— Oi, Carol.

— Desculpe, eu bati na porta e você não respondeu. Resolvi entrar.

— Não tem problema.

— Preciso passar a agenda da coordenação para você. Normalmente a Amanda olhava isso, mas eu acho que ela não vai conseguir, não é?

— Não. Nada de Amanda por um bom tempo. Sente-se. Me explica como funciona isso e faremos juntas. — Sorrio e ela se senta.

Depois de um lanche nada saudável na frente da Studio, volto aos meus afazeres. Aquela programação com a Carol tomou toda minha manhã e isso atrasou consideravelmente meu dia.

Entro na Studio e nesse turno ele tem pouco movimento. Não tem horário de aula e a maioria dos funcionários já saíram para almoçar. Passeio pelos corredores observando as salas, gosto dessa tranquilidade e quietude, me faz bem.

Escuto uma música vindo de uma das salas e vou verificar. Entro e vejo que alguém esqueceu o aparelho de som ligado, nele toca uma melodia que eu conheço, *Havana* — *Camila Cabello*, provavelmente uma música de ensaio da turma de Jazz.

Olho em volta tendo a certeza de que estou sozinha, sorrio e começo a balançar os quadris. O fato de eu não gostar de multidões e não sair há um longo tempo não significa que eu

não goste de dançar.

Começo jogando meus quadris timidamente de um lado para o outro, fecho os olhos e acabo me entregando aquele embalo. Giro, danço, rebolo, faço movimentos espalhafatosos com a minha mão e me liberto.

A música chega a seu fim e eu estou suada, descabelada e sorrindo de orelha a orelha. Escuto da entrada da sala palmas fortes sendo batidas lentamente. Viro-me assustada e quase desmaio com quem vejo.

Olavo Gouvêa, impecavelmente em seu terno sob medida, cabelo revoltos, um sorriso sacana no rosto e com um olhar matador em minha direção.

Ele dá dois passos adentrando a sala e eu, por instinto, acabo recuando um. Mesmo que nossa distância seja de mais de três metros, prevenir é sempre bom.

— Confesso que amei o show.

Sua voz suave e o sorriso fácil fazem com que meu corpo inteiro se acenda. Não respondo e pigarreio, ajeitando minha saia que estava no lugar, mas o gesto nervoso foi minha fuga do desconforto que sinto. Vou até o aparelho e interrompo o som.

— Não vai me cumprimentar, Lola?

Sua voz está mais próxima, sinto o sorriso sacana em cada palavra que sai daquela boca. Respiro fundo reunindo cada gama de força de vontade e raiva que sinto dele, viro com a maior cara de tranquilidade, que eu não tenho, para respondê-lo:

— Claro! Fui pega de surpresa. Como vai, Olavo?

— Nossa, quanta formalidade. Antes, um lugar como esse — Ele aponta a sua volta —, seria mais do que suficiente para conversarmos de outro jeito.

— Exatamente. Antes. Dois anos se passaram e muita coisa mudou.

— Eu ainda vejo a mesma moça bonita que conheci.

— Obrigada, você continua bem também, mas não é essa a questão e você sabe.

— Acho que não sei. Me lembre Lola. — O maldito pende a cabeça para o lado, fingindo inocência.

Com as duas mãos no bolso da sua calça ele se aproxima a passos lentos e eu sinto meu coração falhar uma batida com sua aproximação.

— Olavo, o que você quer aqui? Vai se matricular em alguma aula? — Escuto sua risada e percebo que senti falta desse som.

— Só se fosse para eu dar aulas, meu bem. Mas as alunas teriam que ser maiores de idade, para evitar problemas.

Não rio da sua piada boba e ele ainda assim se mantém me olhando com um ar de felicidade, que, sinceramente, não entendo.

Olavo sempre foi assim, o homem de sorriso fácil. Sempre ganhou tudo com muito jogo de cintura, tanto no trabalho como com as mulheres.

— Se já acabou a gracinha, por favor, diga o que veio fazer aqui.

— Vim te convidar para almoçar.

Rio com visível deboche.

— Corta essa. O que você quer?

— Ei, está me chamando de interesseiro? Nunca te dei motivos para isso.

— *Tá* falando sério? Mesmo?

— Quando eu já me aproveitei de você?

— Olavo, não vamos voltar ao nosso passado conturbado, ok?! Ele é passado e por conta disso vai ficar onde está.

— Eu até hoje não entendo porque sumiu e não quis mais sair comigo. Poxa, Lola, a gente se dava tão bem na cama — ele fala isso acabando com a distância entre nós.

— Já disse que não quero discutir isso. Meu Deus, mas o que você quer aqui? — Perco a paciência.

— Nossa! Você está muito estressada, querida. Não anda extravasando as emoções o suficiente? Se quiser posso dar um jeito nisso. — Ele movimenta as duas sobrancelhas com ar sugestivo.

— Já chega! Pode ir embora daqui. — Passo por ele o mais rápido que posso enquanto falo e saio da sala.

— Ei, espera!

Escuto-o chamando e aperto ainda mais meu caminhar. Preciso achar alguém, preciso de uma testemunha por perto para que eu não corra o risco de fazer nada que me arrependa depois.

— Ei! — Ele finalmente me alcança na recepção e segura meu braço.

— O que você quer? — pergunto, encarando seus olhos.

Seu sorriso fácil foi embora e ele fita meu rosto com espanto, diria até que curiosidade. Nunca o tratei dessa forma, sempre foi “sim, Olavo”, “claro, Olavo”, na verdade, minha atitude está sendo um choque para ambos.

— Só queria te ver, Lola. Não gostei de como as coisas terminaram entre a gente e eu sinto sua falta.

— Nada terminou entre a gente, Olavo. Nós nunca tivemos nada.

— Não fala assim. Tivemos um lance legal, não negue.

— Eu já disse que não vou falar sobre isso. Então, se esse era o assunto que o fez atravessar a cidade, pode voltar para sua vidinha.

Tento me esquivar novamente e sair dali, preciso respirar urgentemente. Não posso permitir que ele me convença com palavras doces. Eu conheço esse jogo de cor e salteado, então já consigo prever o próximo passo.

— Lola, não faz assim. — *Eu não disse?*

Olavo adotou a postura menino perdido, está olhando nos meus olhos com pesar, como se eu fosse a errada e estivesse lhe causando algum sofrimento. Sua mão livre alcança meu rosto ele desce o dorso pela minha bochecha. Fecho os olhos e respiro fundo.

— O que quer, Olavo? — Termino de falar e o encaro. Ele sorri feito um menino feliz.

— Quero conversar com você, mas não aqui. Vamos ao pub perto da Gouvêa hoje a noite, o que acha?

— Não posso. Amanhã eu levanto cedo e...

— Eu prometo que não vai demorar. É muito importante. — Vejo a ansiedade em seu rosto. Ele prende o lábio inferior entre os dentes e eu quase gemo.

— Tudo bem — solto com pesar.

— Maravilha! — Ele me solta e bate a palma das mãos em comemoração. — Às 20h, tudo bem?

— OK! — Não consigo responder nada além disso.

— Obrigado, Lola! — Ele segura meu rosto com as duas mãos e beija minha testa, meu nariz e quando percebo que ele vai me dar um selinho, desvio o rosto.

— *Tá maluco?!* — Olho-o brava e ele solta uma risada alta.

— Estou salvo, isso sim! Até à noite! — Ele vai se afastando de mim enquanto fala.

Eu balanço a cabeça em negação, sentindo meu coração ainda acelerado, mas o que mais me preocupa é minha mente. Olavo me procurar dois anos depois de eu ter lhe negado, pedindo para conversar... Tem coisa aí e eu começo a temer pela minha saúde mental, emocional e física.

Isso vai ser uma grande catástrofe e espero que eu realmente faça valer os conselhos da Aldria e não caia na lábia do cachorro Gouvêa mais safado daquela família.



Capítulo 3
Ele quer que eu seja sua cooba

Lola

Tentei de todas as formas possíveis me manter neutra depois daquela visita inesperada, porém, tudo que tentei foi em vão.

Coloquei música para tocar na minha sala, não adiantou. Cada letra me fez pensar nele, algumas me lembraram coisas que já vivenciamos e eu fiquei ainda mais ansiosa com o encontro de hoje.

Não. Isso não é um encontro!

Forço minha mente para fixar essa frase.

Tentei afundar minha cara na pilha de relatórios que eu tinha para revisar, só que me peguei lendo a mesma página de documento por três vezes, pois não entendi nada nas duas primeiras tentativas.

Resolvi pessoalmente vistoriar o almoxarifado da empresa para localizar alguns documentos que precisava, e essa foi a pior jogada da tarde. Assim que entrei na sala, lembrei todas as vezes em que encontrei Olavo no almoxarifado da Gouvêa. Em uma das vezes a própria Aldria nos pegou numa posição nada confortável e fiquei por alguns minutos batendo minha cabeça na parede para tentar afastar as lembranças.

Desisti de tudo e fui embora mais cedo. Avisei a Carol para ligar no meu celular se precisasse e parti. Ficar ali não estava adiantando em nada e minha ansiedade aumentava cada vez mais.

Fui direto para casa. Theo ficou animado quando me viu mais cedo. Acariciei sua cabeça, fui na cozinha, tratei dele rapidamente e segui até meu quarto.

Abri meu guarda-roupas e peguei uma caixinha guardada no fundo do armário, atrás de uma pilha de blusas de frio. Sentei na minha cama, meu coração, como sempre, disparou quando abri e peguei o conteúdo dela.

Uma flor, já seca, uma foto e um pedaço de papel. Seguro esses itens como se fosse minha maior relíquia, sinto uma lágrima escapulir dos meus olhos e já não consigo mais conter.

Fazia dois anos que não olhava essa caixa. Não tive coragem de jogar fora, mas a mantive o mais afastada dos meus olhos, para não cair na tentação de remoer a boa época.

Esses itens são as únicas lembranças boas que tive de Olavo, as consegui quando vivemos a curta fase boa, na época em que mais acreditei que teria o meu felizes para sempre.

Todas são do mesmo dia. Depois do evento na casa dos Gouvêa, eu dormi no apartamento que Olavo mantinha para ter sua vida privada. Digo isso porque ele passava a maior parte do seu tempo com os pais, na casa deles. A noite foi como sempre maravilhosa e regada a muito sexo. Dormimos abraçados e no outro dia Olavo me convidou para um passeio no parque.

Foi um dia especial. Me senti uma adolescente que saía com o namorado. Olavo tem um

lado bom, ele é sorridente e descontraído, não tem medo das pessoas a sua volta e não se importa com o que possam falar.

A flor ele pegou de um ramo do parque e colocou no meu cabelo, disse que me deixava com ar angelical. A foto foi ele quem tirou do seu celular, depois peguei para mim e mandei revelar. Nela estávamos sentados na grama, ele atrás de mim e eu no vão das suas pernas.

Ele fez alguma piada sobre eternizar o momento e me fez sorrir enquanto ele mirava a câmera para uma *selfie*. Bateu a foto olhando para mim e eu rindo para o nada. Ficou linda.

O pedaço de papel é o bilhete que ele me deixou no outro dia desse passeio. Saímos do parque e viemos para o meu apartamento, passamos o resto do dia e a noite quase inteira nos amando. Bom, pelo menos eu estava. No outro dia acordei na cama sozinha, com um bilhete dele dizendo o seguinte: “Obrigado pelo melhor dia e a mais intensa noite, denguinho”.

Choro um pouco mais quando leio o bilhete novamente. Ele tinha me apelidado de denguinho logo depois de me ver conversando ao telefone com a minha mãe. Ele disse que eu parecia uma criança dengosa e ficou uma tarde inteira me zoando com isso. Hoje sei que isso era mais uma de suas formas de me seduzir e me fazer sentir única, mas ainda é difícil não sentir falta.

Limpo meu rosto. Já está virando uma situação lamentável toda essa nostalgia sem fim. Guardo meus tesouros na caixa e volto a escondê-la de mim. Um dia eu conseguirei me livrar disso e, aí sim, posso dizer que me desliguei totalmente do cachorro Gouvêa.

Vou direto para o chuveiro tentar limpar um pouco da minha bagunça emocional. Apesar de passar tanto tempo afastado percebo que isso não apagou quase nada do que eu guardava. Ver e principalmente falar com Olavo, tê-lo ali, procurando por mim, devolveu como um grande balde de água escaldante os meus sentimentos adormecidos.

No fundo eu sempre senti que não tinha superado nada e meu maior temor ainda era que ele viesse atrás e eu não resistisse. E isso está acontecendo, eu sei o que devo fazer, mas não acho que serei forte o suficiente para evitar.

Meu banho é em água fria, se pudesse seria com pedrinhas de gelo, para ver se consigo esfriar minha cabeça de todos esses pensamentos, meu coração de todos os sentimentos conflitantes e meu corpo de todo o fogo que me despertou.

Já no meu quarto tento escolher uma roupa que não entregue nada do meu estado crítico. Coloco um *jeans*, eles são básicos e não condenam nada. Penso em colocar um camisão, mas para um pub e tendo em vista que estive em casa antes de ir para lá, não quero que ele pense que me arrumei demais, então, opto por uma *babylook* branca lisa.

Escolho uma sapatilha floral que eu tenho e é muito confortável, assim ele entende que estou casual e não quero chamar sua atenção. Coloco um brinco de argola dourado não muito grande, aplico um pouco de lápis e rímel e completo meu visual com um batom roxo.

Sim, ele é mais pesado, mas gosto dele por me dar um ar mais sério, fechado. Assim ele

entende que estou confortável, mas não estou para brincadeiras.

Pego meu celular e faço algo que pensei em fazer várias vezes, mas consegui resistir bravamente, até hoje. Entro no meu aplicativo de mensagens e desbloqueio o número de Olavo.

Olho a sua foto de perfil e ele está lindo. Usa uma camiseta preta básica, óculos aviador e calça branca. A câmera está mirando nele de cima para baixo e isso permite vê-lo de corpo inteiro. Ele mantém seu característico sorriso leve na face e condena na cara o sinal de perigo.

Vejo a hora e percebo que me arrumei rápido demais. São só dezoito e trinta e o pub não é tão longe daqui indo de carro. Vou de *Uber*, assim economizo tempo e não me canso. Penso em ir antes e ficar esperando, mas mudo de ideia. Ele quem quer falar comigo, então ele que espere por mim.

Brinco com Theo, coloco algumas roupas para bater na máquina, ligo a TV e passo alguns canais sem prestar atenção em nada. Fuço minhas redes sociais e confiro o relógio novamente.

Hora de ir.

Chamo o carro no aplicativo e começo uma reza silenciosa para que eu tenha a mente no lugar, não entregue nada do que estou sentindo e que tenha algum sentido o fato de Olavo me procurar quase dois anos sem me ver.

— Que Deus me proteja.

Fico admirada quando entro no pub que Olavo marcou comigo. Faz muito tempo que não venho aqui e não mudou quase nada. Sempre evitei esse lugar por causa dele, nas vezes em que Aldria marcou somente comigo ou com o quarteto para sairmos e beber alguma coisa, ela tinha o cuidado de não ser aqui. Ela sabe que eu evitava ao máximo vê-lo e aqui sendo tão próximo da Gouvêa seria algo difícil de acontecer.

Olho em volta e não demoro muito a localizar o tipo sentado em uma mesa mais ao canto. Ele acena com a mão para mim e mostra seu sorriso fácil, lamento internamente, eu sei que essa conversa vai ser difícil de manter minha mente sã.

Ele usa uma polo preta ajustada no corpo, seus cabelos, como de costume, jogados numa bagunça sexy. Olavo usa um relógio grande no pulso. Ele sempre foi fã desse adereço e eu sempre fui fã de vê-lo em seu braço torneado.

Respiro fundo pelo menos umas duas vezes antes de alcançar a mesa. Ele se levanta e quando estendo minha mão para cumprimentá-lo, Olavo solta um riso baixo e, pegando na minha mão, me puxa de encontro ao seu corpo e beija minha bochecha.

— Olá, Lola. Você está incrível e cheirosa, como sempre.

— Olá. Obrigada, Olavo, você não está nada mal, também.

Vejo seu sorriso se abrir largamente para mim. Ele encara meus olhos ainda mantendo minha mão em seu aperto firme. Um incômodo aperta meu peito e forço minha mão a sair da dele. Sento na cadeira à sua frente e Olavo faz o mesmo.

— Você está diferente. — Eu o olho desconfiada. — Quero dizer, não fisicamente. Seu jeito... eu não sei. Não parece a Lola que conheci.

— Com certeza não sou a Lola que você conheceu. — Sorrio com arrogância.

— Percebi. Agora estou num dilema.

— Qual?

— Não sei se gosto mais da antiga ou dessa que está na minha frente.

Engulo a saliva com dificuldade, o maldito tem o dom de conseguir me desconsertar e eu ainda nem sei o motivo de estar aqui. Ignoro seu comentário e mudo o rumo da conversa.

— Tenho certeza que o motivo de eu estar aqui não é esse. Então, não perca o seu e nem o meu tempo, Olavo. O que você quer comigo?

— Gostava mais quando nossas conversas fluíam de forma fácil.

— Esse tempo já foi e, sinceramente, não me lembro de você ser tão aberto a conversas.

— A falar não, mas outras coisas... — Ele pisca para mim e seu olhar sacana encara meus seios.

— Vou ignorar sua indelicadeza. Vamos direto ao assunto.

— Você não baixa a guarda mesmo, hein? Vou pedir outra cerveja, você quer?

Dou de ombros enquanto ele pede a bebida no balcão, saco meu celular da bolsa e finjo que estou verificando algo importante. Não quero que ele veja a ansiedade que estou sentindo. Preciso fingir desinteresse.

— Então, como está a vida, Lola?

— Me chamou aqui para perguntar do tempo? — Sorrio.

Olavo entrega minha cerveja e batemos nossa garrafa *longneck* em um brinde silencioso.

— Será que pode se desarmar um pouquinho e conversar com um velho amigo? Estou tendo vários problemas e queria poder dividir eles com você.

A menção da palavra problemas chama totalmente minha atenção e toda a muralha que eu insistia em manter alta começa a sofrer as primeiras rachaduras. Olavo nunca foi de dividir nada, pelo contrário, ele sempre foi fechado, vivia em torno de uma imagem de brincalhão e descontráído. Ter problemas não resolvidos e me procurar para ouvi-lo foge totalmente do seu perfil.

— Problemas? Que tipo de problemas?

— Corro o risco de perder a sucessão da cadeira da Gouvêa, Lola. — Pela primeira vez vejo um olhar derrotado em Olavo e isso aciona minha preocupação.

— Como assim? Alguém quer concorrer com você? Há mais de dois anos já estava definido que este lugar seria seu.

— Para você ver. Mais de dois anos me dedicando a tudo, aprendendo, aprimorando e me moldando para ser um bom presidente e agora resolveram me derrubar.

— Quem está fazendo isso?

— Meus pais e tios — ele solta em lamento.

— Como? Eles? Não entendo. Você foi escolhido por eles.

— Eu também não entendo, Lola. Eu fiquei puto com tudo isso, mal estamos nos falando. Tenho passado mais tempo no meu apartamento do que na casa deles e os almoços em família não têm tido minha presença.

— Você conversou com Júlio? Quem sabe ele não consiga reverter isso. Vega também poderia interferir.

— Eles disseram que não vão fazer nada. Que isso é para meu próprio bem.

— Eu não entendo... O que aconteceu de tão grave para mudar tudo isso, Olavo?

— Minha vida pessoal — ele fala, mas eu continuo o encarando, confusa. — Os velhos acham que não sou maduro o suficiente para assumir a presidência e que minha vida pessoal prova isso.

— Acho que não entendi.

— Eles acham que por eu levar uma vida de solteiro, não possa assumir essa responsabilidade. Disseram que minha vida pessoal vai manchar a reputação da empresa e que se eu não mudar meu hábito, nunca teria respeito suficiente para cuidar dos negócios. — Ele termina de falar e vejo raiva nos olhos dele.

— Espera. Me deixa ver se entendi direito. Sua família quer te cortar da presidência, por ser um safado na vida pessoal? — Não consigo esconder a graça que acho em tudo isso.

— Também não é assim, Lola. Eles só acham que eu deveria sossegar. Quem sabe namorar alguém, deixar as coisas mais serenas, por assim dizer.

— Nossa! Você deve estar pior do que quando deixei a Gouvêa, para fazer eles chegarem a esse ponto.

— Não estou aqui para ser julgado. Além do mais, nunca fiz nada que nenhuma delas não quisesse.

Torço o nariz para seu comentário.

— Como sempre, o cachorro Gouvêa falando.

— Não sou nada disso. Gosto de mulheres e sexo, e se encontro mulheres que querem a mesma coisa, por que não? Onde está escrito que sou obrigado a me castrar para assumir a presidência de uma empresa? Isso é absurdo!

— Na parte de ser obrigado tenho que concordar com você. Agora, sinceramente Olavo, você saiu com praticamente todas as funcionárias da empresa. O que quer que eles pensem?

— Não existe nenhuma norma na empresa que me impeça disso.

— Mas pode existir um lindo processo de assédio. Você é o chefe, pelo amor de Deus.

— Não me lembro de todo esse moralismo quando éramos nós — ele fala, desdenhando, e minha irritação surge com força total.

— Mas eu me lembro de todas as vezes que eu me esquivei, tentei evitar e você ia lá me atormentar.

— Ok. Eu vacilei, eu sei. Você nunca vai me perdoar?

— Perdão requer esquecimento, Olavo, e você conseguiu me calejar no quesito trouxe. Não tem como não me ressentir com isso.

— Nunca foi minha intenção te magoar, Lola. Só que eu não nasci para essa coisa a dois. Só não consigo. — Sinto lamento em sua voz.

— Tudo bem. Remoer isso não vai mudar nada. Me diga, o que pretende fazer?

— O que eles querem.

— Vai se amarrar? Quer dizer, vai namorar alguém?

— Sim. Não. Pelo menos por um tempo, até as coisas acalmarem.

— Você é maluco. E como vai convencer uma mulher a ficar com você por um curto espaço de tempo? O que seria isso? Um contrato de relacionamento com prazo para terminar? — Rio, pensando na possibilidade.

Olavo me encara, sério. Sua cabeça entorta ligeiramente para o lado e vejo brotar um sorriso travesso em seus lábios. À medida que seu sorriso aumenta, o meu diminui e logo minha ficha cai.

Ele quer que eu seja a sua cobaia.



Capítulo 4

Eu ainda não me decidi

Lola

— De jeito nenhum! — praticamente grito dentro do pub.

— Fala baixo — sussurra e insiste. — Lola, por favor!

— Não. Olavo, isso é absurdo. Você quer que eu te namore por um prazo determinado para burlar seus pais e você conseguir a presidência da Gouvêa. Tem noção do quanto isso é doentio?

— Você falando desse jeito parece meio louco, mas entenda meu motivo. Eu não vou me casar, Lola. Eu não quero nem namorar alguém. Não vou arrumar uma mulher qualquer para ficar no meu pé e criar ilusões que não existem. Você é a única mulher com quem saí e conheço um pouco mais de mim. Foi o mais próximo de um relacionamento que eu já tive. Além disso, nos damos bem na cama e também fora dela, você não pode negar. Fora minha família que também te adora.

— E você, como o safado que é, quer usar isso a seu favor.

— Sim! — ele fala, animado, e eu me levanto da mesa. — Não! Espera, Lola!

Dou as costas para ele e saio pisando duro do lugar. Sei que ele está vindo atrás de mim, mas eu não vou responder por mim se ele insistir com esse absurdo. Prefiro não ter testemunhas quando eu voar em seu pescoço e esganá-lo.

— Dá para esperar, Iolanda?

Paro abruptamente e ele tromba nas minhas costas. Com o impacto eu perco o equilíbrio e só não vou de cara no chão porque Olavo tem reflexo rápido e me segura pela cintura.

— Me solta! — Consigo me equilibrar e tiro as mãos dele do meu quadril.

— Lola, me escuta. Eu estou desesperado, você não entende?

A raiva transborda o pouco de bom senso que tenho e olho em direção a Olavo e disparo a falar batendo meu dedo indicador no seu peitoral firme a cada ênfase que dou no meu discurso.

— Entendo, sim! Que você sempre foi um mimado, nunca gostou de assumir nenhum compromisso na vida e não é por falta de ensinamentos, mas por ser um canalha de carteirinha. Sempre achou que era fácil demais jogar com as pessoas e isso você fez muito bem, Olavo. Se seus pais chegaram a esse ponto, é porque você deve ter perdido totalmente o bom senso e a compostura no ambiente de trabalho e com toda a certeza isso estava afetando e muito a empresa. E agora, como se não bastasse tudo o que você faz, quer enganar sua família com uma mentira descabida e pior, me usar para isso! Esquece, querido!

Devo ter aberto um buraco onde cutuquei no seu peitoral com meu dedo, pois Olavo passa a mão no lugar logo que eu me afasto, fazendo uma careta. Abro meu celular procurando o aplicativo para chamar um carro, precisando ir embora agora.

— Lola, você tem razão em tudo que disse. — Eu o encaro. — Sei o quão leviano sou, mas eu não quero te usar. Você nem ouviu o que tenho a dizer.

— Acho que ouvi e entendi o suficiente.

— Eu acho que não. Quero propor a você uma tentativa de relacionamento não convencional.

— Como? Você acabou de dizer lá dentro que não nasceu para isso.

— Mas eu estou disposto a tentar algo com você. Olha, eu não estou dizendo que viveremos um conto de fadas e nem nada disso, mas se você topa se passar pela minha namorada perante a minha família, eu conseguiria sair dessa pressão que estou sofrendo por eles. Encare isso como uma caridade a um amigo.

— Eu não estou acreditando no que estou ouvindo.

— Lola, seja razoável. Eu sei que pisei na bola com você, mas não tem um único dia nesses malditos dois anos que não pense em você. Sinto sua falta, sinto falta dos nossos momentos, meu dengo.

— Não fala assim. Isso é golpe baixo! — Aponto o dedo para ele de novo.

— Tudo bem. Estou tentando ser o mais sincero possível com você. Quero unir o útil ao agradável e se for para fazer isso, quero que seja com você.

— Não tenta enfeitar a coisa toda, Olavo. — Cruzo meus braços e ando de um lado para o outro, pensando. — Por que eu? Por que me procurar depois de dois anos?

— Eu não tenho mais ninguém para recorrer, Lola. E apesar de sentir saudade da gente, eu não iria te procurar depois de ter me chutado diversas vezes naquela época. Tenho meu orgulho, mulher!

— Você mereceu cada uma delas.

— Eu sei.

Vejo Olavo enfiar as mãos no bolso e aguardar por mim. Eu não sei o que tudo isso realmente significa, o fato de ele me procurar, pensar em mim, mesmo que para algo tão maluco, mexeu literalmente com a minha razão. Preciso me afastar e pensar.

— Ok.

— Ok? Você aceita? — Ele tira as mãos do bolso, todo alegre.

— Não! Eu vou pensar. Com calma e cuidado. Isso é muito louco e me tira totalmente da minha zona de conforto.

— Legal! Pensa sim. Ainda tem meu número? Me ligue, mande mensagem, qualquer coisa.

— Eu ligo, pode deixar. Agora preciso ir embora.

— Eu te levo.

— Não! Vou de *Uber*. Preciso pensar, lembra?

— Tudo bem. Vou te dar algo interessante como argumento a meu favor.

— O quê?

Os braços de Olavo transpassam minha cintura e ele consegue tomar minha boca em um beijo desejoso, me pegando de surpresa. O choque dos nossos lábios, a sensação do seu corpo junto ao meu, é a faísca certa para acionar o pavio do desejo que venho suprimindo por dois longos anos.

Sua língua circula a minha de maneira envolvente, como se a cada movimento ela quisesse me mostrar algo bom, algo quente, saudoso. Sim, confesso que quase me derreti com o sentimento de saudade que invadiu meu coração.

Olavo consegue ditar o ritmo desse beijo, ora rápido, ora devagar, e nesses intervalos ele faz questão de prender meu lábio inferior entre os dentes e mordê-los com apelo. Tenho certeza que ficarão doloridos e vermelhos do jeito que ele gosta, deixando em mim sua marca registrada.

Eu não sei dizer quanto tempo se passou, mas somos despertados desse momento nostálgico por uma buzina muito próxima de nós. Olavo finda nosso beijo quente com alguns beijos curtos e molhados, me fazendo sorrir.

— Argumento registrado, senhor Olavo.

— Ah, como eu senti falta de ouvir isso. Meu pau fica louco quando lembro dessas palavras.

— Não seja indiscreto. — Afasto-me dele, dando um tapa em seu braço.

— Boa noite, dengueiro.

— Boa noite, Olavo.

Entro no *Uber*, ao qual o motorista me encarava com impaciência. Não dando trela, ligo o motor e passo meu endereço. Olho pela janela e vejo Olavo parado com as mãos no bolso, me fitando.

Eu não acredito que estou prestes a aceitar essa loucura, mas como vou conseguir me livrar de tudo que sinto quando estou com ele? Olavo domina cada parte de mim e eu preciso tomar muito cuidado para que ele não tome total ciência disso.

Se ele souber o poder que ainda tem sobre mim, o quanto eu me perco cada vez que ele se aproxima... Quando me toca, faz todas as minhas dúvidas e inseguranças evaporarem e somente o desejo marca sua presença...

Essa seria minha derrocada total.

Entro no apartamento jogando minha bolsa sobre o aparador e vou tirando minha roupa ali mesmo. Blusa no sofá, sapatos no canto da sala, a calça vou desabotoando e a tiro totalmente no meu quarto. Jogo-me de costas na cama, sinto meu corpo vibrar ao me lembrar dele, mas minha mente pesa uma tonelada com tudo que ele me falou.

Em todo esse tempo eu nunca imaginei que meu reencontro com aquele cafajeste seria dessa forma. Um acordo combinado, provavelmente com uma data para o término e uma pergunta que não para de martelar na minha mente, desde que Olavo soltou essa bomba sobre mim: Como eu vou conseguir sobreviver a tudo isso?

Ele mais uma vez conseguiu me confundir a ponto de eu odiar e amar o que aconteceu. Detesto pensar que estou sendo usada e que isso não passa de um acordo para ele enganar sua família, mas em contrapartida, amei saber que sou a única pessoa que ele pensou para isso.

Eu sou uma pessoa horrível!

Cubro meus olhos com o antebraço e continuo batendo meus pés um no outro, em um nítido sinal da minha impaciência e ansiedade.

Theo sobe na minha cama, miando, pedindo minha atenção.

— Oi, garotão. — Acaricio sua cabeça. — Theo, mamãe está em uma enrascada das brabas, o que eu faço?

Theo me encara por um momento e eu chego a pensar se ele realmente entendeu o que eu disse. Percebo que mesmo que tenha entendido, o que não é o caso, ele não deu a mínima para meu apelo, já que desceu da cama e caminhou para a saída.

Sinto falta do meu celular e vou buscá-lo na bolsa que está na sala. Escuto o barulho dos *bip's* das mensagens chegando, olho para minha parede e verifico as horas. É meio tarde para ser minha mãe ou alguma das meninas.

Desbloqueio a tela e vejo o nome de Olavo postado em varias notificações. Respiro fundo e abro o aplicativo.

Olavo — Oi

Olavo — Chegou bem?

Olavo — Responde, Lola!

Olavo — Droga! Você não facilita.

Olavo — Adorei te ver hoje e estou muito esperançoso que aceite me ajudar... Obrigado, de verdade.

Respiro fundo pela milésima vez hoje e penso no que devo responder.

Eu — Oi, cheguei bem sim, não se preocupe. Sobre a ajuda, eu ainda não me

decidi. Para falar a verdade, acho tudo isso meio estranho e imoral.

Clico em enviar e logo aparece um “digitando” na barra de informações.

Olavo — Que bom que está bem! E sobre ser imoral, esqueça isso. Eles estão tão errados quanto eu. Querem me forçar a algo que não é minha realidade.

Eu — Mentir e enganar não vai lhe ajudar em nada.

Olavo — Mas me dará algum tempo para arrumar uma forma de me safar disso com tranquilidade. Além disso, eu tenho o bônus de ter você perto de mim de novo.

Eu — Eu não contaria com isso...

Olavo — Ah, mas eu conto, meu dengo. Com isso e muito mais. Não é porque fingimos uma condição que não podemos nos divertir.

Eu — Como sempre um safado! Agora eu vou dormir. Boa noite, Olavo.

Olavo — Boa noite, meu dengo. Te ligo amanhã.

Eu — *Pra quê????*

Olavo — Dois anos sem falar com você, sem te ver ou sem te tocar... temos muitos assuntos a colocar em dia.

Eu tenho a nítida impressão de que caí no canto da sereia, que nesse caso seria nas garras do sedutor. A mesmice que minha vida vinha passando está a um passo de ruir e o vendaval Olavo Gouvêa, pelo jeito, vai devastar tudo no meu mundo seguro.

Não respondo sua mensagem, com certeza o assunto iria se estender sem fim e ele acabaria me induzindo a uma resposta para sua proposta. Preciso pensar, raciocinar tudo isso.

Não sou boba, é claro que estou considerando tudo isso, pensando também na oportunidade de vê-lo novamente. Saber que ele depende de mim agora e eu estar na zona de apoio dele, eleva meu ego e me traz certa sensação de controle.

O que eu realmente preciso saber é se conseguirei lidar com todas essas sensações, com os sentimentos enterrados dentro de mim e a excitação que toma conta dos meus sentidos quando estou com ele.

Se eu encontrar o equilíbrio dentro disso, acredito que possa ajudá-lo, ao mesmo tempo resolver todas as nossas pendências e torcer para que quando chegar ao fim, eu esteja forte e preparada para finalmente o deixar partir e levar consigo tudo que eu sempre guardei dele e para ele.



Capítulo 5

Não se vire contra mim

Lola

Meu despertador irritante não para de berrar e eu tenho vontade de jogá-lo na parede. Normalmente não tenho dificuldades em levantar cedo, mas tendo em vista que fui dormir já passavam das duas horas da manhã, meu corpo está cobrando arduamente essa lacuna.

Eu simplesmente não consigo pegar no sono. Pensando, sonhando, analisando, ponderando tudo que Olavo me falou. Minha consciência grita que eu não deveria nem levar em consideração tudo que ele disse, só que meu coração não consegue ver forma melhor de tê-lo novamente por perto.

Encaro o despertador e percebo que estou muito atrasada. Salto da cama tropeçando no lençol que enroscou no meu pé. Começo meu ritual matinal muito corrido para tentar amenizar o tempinho que resolvi ficar a mais na cama.

Pego meu vestido preto tubinho, um clássico e que requer muito pouco esforço para terminar de me produzir. Visto-o enquanto escovo meus dentes, coloco o mesmo sapato de ontem que já está na porta da sala, praticamente jogo a comida do Theo na vasilha e saio correndo para o serviço.

Chego tão esbaforida na Studio que Carol me grita e não dou atenção. Preciso de uma dose generosa de café para conseguir começar meu dia.

Entro na minha sala verificando meus e-mails no celular que não me dou conta de quem está sentado na minha cadeira.

— Olá, denguinho.

Dou um grito de susto e Olavo ri da minha reação. O homem está esparramado na minha cadeira giratória, impecavelmente vestido em seu terno três peças chumbo, uma gravata azul clara e camisa branca.

Sua barba cerrada e os cabelos revoltos fazem um contraponto maravilhoso com sua vestimenta, dando a ele o ar jovial que lhe é tão peculiar. Como sempre traz um sorriso fácil nos lábios que combina perfeitamente com todo seu rosto bem moldado.

— O que faz aqui? — sussurro a pergunta.

— Vim te ver. É bom que as pessoas comecem a nos ver juntos, precisamos tornar isso o mais real possível.

— Eu não aceitei nada. — Contorno a mesa deixando minha bolsa e pasta na bancada e o encaro. — Saia da minha cadeira.

— Quanta agressividade, denço.

— Não me chame assim! Anda logo, Olavo! — Bato a mão na minha coxa. Ele é muito exasperante.

— Ok, entendido!

Ele levanta da cadeira e quando vai passar por mim, faz questão de prensar seu corpo no meu, mesmo tendo espaço para que ele fique mais afastado.

O cheiro amadeirado do seu perfume entra por minhas narinas e eu quase fecho os olhos com as lembranças. Esse cheiro é divino e eu amo quando ele está misturado ao seu suor durante o sexo.

Lola, acorda mulher!

— Você não me deu uma resposta ainda.

— Eu mal dormi, me deixa raciocinar isso, *tá?*

— Lola, eu não tenho tempo. Eles estão me pressionando muito.

— Nossa, como eu estou com pena de você, Olavo. — Sento-me na cadeira e cruzo os braços sobre a mesa, encarando-o.

— Você costumava ser mais doce.

— Eu era é trouxa, e isso acabou.

— Podemos almoçar juntos? — Ele muda de assunto.

— Para que exatamente?

— Conversarmos. Faz tempo que não nos vemos.

— Me mande uma mensagem, vai depender do meu dia.

— Ok. — Ele vira para sair, mas para no caminho e volta-se para mim. — Sabe, Lola, eu mal consegui dormir ontem.

— Por que, Olavo?

— Fiquei lembrando de quantas vezes eu te fodi naquela empresa e no meu apartamento. Me deu uma saudade. — Ele fala olhando para o nada, seu rosto displicente e a voz tão manhosa que me fez corar inteira. — Bons tempos, aqueles.

— Passado. Aprenda a lidar com isso. — Sinto que minha voz falha.

— Lola, Lola... Eu acho que este acordo vai nos trazer muitas lembranças, e melhor, vai nos fazer criar mais uma porção delas. — Ele pisca um olho para mim e sorri, sacana.

E está aí a marca registrada do cachorro Gouvêa.

A velha Lola volta a reinar em minhas ações e eu o vejo sair da minha sala sem que eu tenha nenhuma reação. Não sei como ele consegue, mas ainda fico totalmente desconsertada com o jeito sem pudor desse homem.

Pisco algumas vezes, ainda olhando para onde ele acabou de sair, esfrego minhas mãos no rosto e solto o ar com pesar. Eu não sei o que ele pretende com isso, só sinto que vou cair dura e pesadamente, e vou acabar me ferindo com a queda.

Como fingir algo que é real dentro de mim? Para Olavo isso é um jogo, uma guerra de poder contra a sua família e eu ao que parece, sou sua melhor arma.

Montar uma cena para ele vai ser muito simples, afinal, não envolve sentimento. Eu o conheço e sei o quanto ele gosta de brincar com isso. Fazer seu jogo sedutor e enredar sua vítima e, mesmo tendo ciência disso, acabo me deixando ir.

Seria até bom reviver nossos momentos, poder pelo menos por um tempo esfregar na cara de todas as mulheres que caem a seus pés que ele é meu.

E isso seria somente a casca. No fundo, ele nunca foi e nunca será. Meu maior medo é o que restará de mim quando tudo isso chegar ao fim.

Chego ao local que Olavo marcou comigo, ele visivelmente está jogando mais uma vez. Tive que atravessar a cidade para vir almoçar no restaurante de costume da maioria dos executivos da Gouvêa. Golpe de visibilidade, claro.

Quando ele mandou a mensagem, pensei em negar e digitar todo o discurso que idealizei para cair fora dessa enrascada. Analisei melhor e achei que seria digno falar tudo cara a cara, até mesmo para ele não achar que estou me acovardando, embora em algum ponto eu realmente esteja.

Minha manhã não rendeu nada, minha mente vagou a todo momento pela situação que estava me enfiando e resolvi acabar com o mal pela raiz. Eu não vou aceitar.

No fundo sei que não saberei separar e lidar com isso. Olavo é anos luz mais experiente que eu no quesito fingimento e com certeza chegarei ao ponto de me perguntar o que é real ou ilusório nesse faz de conta.

Eu o vejo sentado em uma mesa e uma mulher loira e pernuda, está curvada próxima dele, falando algo que ele ri.

Safado!

Todo meu discurso se evapora e chego a mesa começando minha encenação para todos e principalmente a sirigaita ver.

— Querido! Desculpe a demora! — Chego do seu lado na mesa e me abaixo, dando um beijo de desentupir pia.

Sim, eu atravessei a conversinha dos dois e segurei o rosto de Olavo com tanta força que provavelmente a marca dos meus dedos permaneceram onde toquei.

— Dengo. — Ele sorri maroto assim que me afasto e pisca um olho para mim.

— E você, quem é? — Levanto-me na mesma altura da loira pernuda e a questiono.

— Sou uma amiga dele, advogada.

— Ah, prazer, lindinha, eu sou Iolanda. Namorada do Olavo. — Estendo a mão para ela.

Vejo a pernuda engolir em seco, encarar o rosto de Olavo e voltar a olhar minha mão. Finalmente ela me cumprimenta.

— Deborah. Prazer. Eu não sabia que tinha uma linda namorada, Olavo. — Sinto acidez no título mencionado.

— Pois é, Deborah. Começamos há pouco tempo, mas já conheço Lola há anos.

— Meus parabéns. — Seu sorriso amarelo mostra o quanto ela odiou a notícia.

— *Dengão*, vamos almoçar logo. Estou morta de fome — falo acariciando seu cabelo e ele se esquia, me olhando de cara feia.

— Claro, *fofucha*. Deborah, se nos der licença, eu preciso alimentar minha namorada.

— Ah, claro. — A loira pernuda fica toda atrapalhada e sai de cena sem nos dar um segundo olhar.

— Posso saber o que foi isso? — indago, sentando a sua frente.

— O quê? — Ele novamente mostra o sorriso maroto.

— Vai namorar comigo e ficar de conversinha com cada rabo de saia à sua volta?

— Isso é um acordo, lembra, Lola? Um teatrinho para minha família.

— Teatro ou não, eu não vou fazer o papel da namorada corna. Ou reavemos as cláusulas desse acordo ou ele não vai existir.

Olavo tem um olhar desesperado no rosto e eu quase rio de sua situação. Era para eu estar dando a notícia que desisti de tudo e que isso nunca daria certo, mas minha raiva falou mais alto quando o vi com a pernuda.

— Tudo bem. Vamos conversar sobre isso, mas não aqui.

— Pois eu acho aqui um ótimo lugar. Definimos os limites e regras, assim começamos o teatro com tudo esclarecido.

— Fala baixo, Lola. Desde quando você se tornou tão prática?

— Desde que aprendi que ser enrolada não é legal. — Encaro seu rosto, não deixando brecha para dúvidas de que estou falando dele.

— OK! Já entendi. Nada de gracinhas com as mulheres.

— Não é só isso, meu bem. Eu não quero fazer papel de idiota perante os outros. Então,

Olavo, nada de funcionárias, amigas, conhecidas, colegas, ou qualquer pessoa que possa conhecer o nome Iolanda, entendeu?

— Tô começando a me sentir castrado. Droga, Lola.

— Ou isso, ou nada.

Ele bufa na minha frente e tenho que segurar a vontade de rir. Se eu farei essa palhaçada toda, será em meus termos. Não vou servir de deboche para ninguém e de quebra farei ele sofrer um pouquinho. Mais que merecido.

— Eu pego. Pelo menos vamos transar?

— Que coisa rude para se dizer a sua namorada de um dia — falo com cara de nojo.

— Eu não vou ficar sem sexo.

— Masturbe-se.

— Não é o suficiente. Preciso de boceta.

— Olha o linguajar! — chamo sua atenção.

— Querida namorada, eu preciso realmente de um canal úmido, quente, escorregadio e de preferência bem apertadinho, para saciar todos os meus instintos, por assim dizer. Ficou melhor? — o filho da mãe fala com fome e desejo nos olhos e isso causa um certo incômodo no meu baixo ventre.

— Eu entendo seu ponto, mas não precisa ser um cão no cio com qualquer cadela que passa.

— Uau. Te incomodou tanto assim ver Deborah flertando comigo?

— Não! Me incomodou ver uma mulher em cima de você, no restaurante onde a diretoria frequenta, enquanto você aguarda sua doce e fiel namorada para almoçar — pontuo, olhando em seus olhos, e Olavo mostra-se envergonhado.

— Vacilei, eu sei! É o habito de anos.

— Que vai mudar em horas. Se eu sonhar que você me passou para trás, Olavo, eu juro por Deus que caio fora e te entrego para sua família.

— Está me ameaçando? — Ele arregala aquele lindo par de olhos na minha direção.

— Sim! — respondo com firmeza.

— Isso é quente — ele diz, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— *Para* de ser safado. Agora vamos aos pormenores. Algo que eu precise saber? Digo, da sua vida.

— Nada demais. Vou falar para todos que nos reencontramos e que estamos saindo. A

coisa vai fluir naturalmente, mas é importante que ninguém saiba, Lola. Ninguém!

— Ok, entendi. Aldria não pode saber.

— Jamais! Ela arrancaria minhas bolas. — Seu olhar medroso me faz rir.

— Entendido.

— E sobre nós? Quer dizer, fora esse teatro. A gente vai se curtir, não vai, Lola?

— Não. Olavo, eu topei te ajudar e não quero confundir as coisas. Isso tem começo, meio e fim, e é melhor se mantermos tudo na amizade.

— Amigos também transam.

— Bom, eu não transo com os meus, então, acostume-se. — Dou uma piscada para ele.

Olavo encosta suas costas na cadeira e fica me analisando por um tempo. Vejo-o passar as costas da mão pela barba serrada e tombar a cabeça para o lado.

— Nem fodendo que eu não vou te foder, denguinho — ele fala tão baixo que finjo não escutar.

Um calor toma conta de mim e agradeço a providência divina que enviou um garçom para me tirar dessa saia justa. Eu sei o quanto Olavo é determinado quando quer algo, e no fundo conto com isso a meu favor.

Não sei onde estou me metendo, minha razão está espancando minha consciência agora, cobrando uma atitude drástica do tipo sair correndo e nunca mais olhar para esse homem.

Isso com toda certeza não vai dar certo, eu sei, o único problema é que não consigo negar. No fundo eu quero ajudá-lo, mas meu lado negro quer muito dar o troco por tudo que já me permiti passar com ele.

Estar ao seu lado, mostrar-me a melhor namorada do mundo, aticá-lo e depois partir, será minha melhor arma e minha melhor paga.

Só espero que minha tática não se vire contra mim.



Capítulo 6
♡ moreno catagete mundou meus sonhos

Lola

Fecho os olhos enquanto bato com a minha cabeça na mesa. Tem em torno de vinte minutos que voltei do meu almoço catastrófico com Olavo e não paro de pensar na porcaria que eu fiz.

Era para eu ter dito não. Eu tinha que ter lhe explicado o quanto isso é moralmente errado e que no fim das contas não daria certo. Ele é o que é e a família precisa aprender a lidar com isso sem querer forçá-lo a nada.

No fim das contas eu assinei minha própria sentença de morte e agora não consigo ver uma forma de fugir disso. Olavo disse que precisamos ir juntos para o almoço na casa da Amanda. Nossos amigos estarão lá e vai ser o ponto inicial do bochicho sobre estarmos juntos.

Concordei, já que não havia muito o que contestar. Eu agi no impulso da minha raiva e escolhi um caminho, agora preciso lidar da melhor forma com ele.

Levanto minha cabeça da mesa e vejo Carol parada na porta da sala, que estava aberta, olhando em minha direção com espanto e acho que um pouco de medo.

— Está tudo bem? — pergunta receosa.

— Sim... — falo desanimada e corrijo minha postura.

— Já que diz... Bom, eu vim te avisar que a psicóloga já conversou com a filha do Sr. Mauro e parece que vai fazer o encaminhamento para tratamento terapêutico.

— Que bom, isso é muito bom. — Me animo com a notícia.

— Temos que verificar a agenda do festival em Gramado.

— Ai, me esqueci disso. — Bato a mão na testa.

— Eu sei, por isso estou aqui para te lembrar. — Carol ri da minha falta de memória.

— Certo! Vamos fazer o seguinte, você monta a lista de quem vai e o que será apresentado. Domingo eu estarei pessoalmente com a Amanda e vamos alinhar isso.

— Tudo bem. Só mais uma coisa... — ela fala ainda da porta e vejo seu rosto transparecer curiosidade. — Quem era o bonitão que veio aqui ontem? Só se fala nisso entre as funcionárias. Giovana o atendeu na recepção ontem e ele disse que era um velho amigo seu.

— Como vocês são *futriqueiras* — comento, espantada com a fofoca de corredor.

— Desculpe a indiscrição, chefe, mas ela falou tanto da beleza do homem que todo mundo está curioso.

— Pois mande todo mundo cuidar dos seus afazeres. Onde já se viu isso?! — Rio da curiosidade deles.

— Entendido, chefe. Vou cuidar da minha vida. Fui!

Carol sai da sala e fico perplexa com a repercussão da visita do meu antigo amigo. Começo a pensar o que vão falar quando souberem que ele é meu suposto namorado.

Estou vestida no meu típico pijama folgado, esparramada no sofá e Theo está deitado na minha barriga, achando que é o dono do lugar. Estamos assistindo a uma série da Netflix.

Por alguns momentos consigo me distrair com o enredo da série. Ela tem um humor interessante e isso acaba me tirando boas risadas.

Meu interfone toca, Theo desperta da sua soneca e sai do meu colo. Fico intrigada com quem possa ser a essa hora, não tenho amigos que frequentem minha casa e principalmente que possam vir sem me avisar.

Atendo o interfone no quinto toque e temo em quem possa ser do outro lado. Minha cabeça e meu coração vagueiam para a possibilidade de um certo cachorro ter vindo à minha porta.

— Oi, Lolita. Finalmente me atendeu.

— *Aldria?*

— Claro, quem mais seria? Eu sei que você não tem amigas.

— *Isso é grosseiro de se dizer.*

— É a verdade, lide com ela. Vai me deixar aqui?

— *Tô liberando a porta.*

Desligo o telefone e faço uma careta para o desaforo dela. Aldria e sua sinceridade grosseira sempre sentando minha bunda na sarjeta.

Abro a porta do apartamento para ela entrar assim que o elevador subir e vou para a cozinha preparar algo para bebermos. Eu sei que sua visita tem uma finalidade, principalmente estando sozinha.

Meu ritmo cardíaco acelera pensando no tanto que vou ouvi-la falar e eu já sei todo o assunto e argumentos. O cachorro Gouvêa. Provavelmente ela está sabendo de alguma coisa, afinal, o marido dela é irmão dele, então não fica difícil de deduzir isso.

— Olá, maluca.

— Oi, Aldria. A que devo essa visita não combinada?

— Não seja chata! Mal consigo sair de casa por conta das três crianças que moram lá. Elas me sugam, sabia?!

— Três?

— Sim. Sara, Rodrigo e o pai deles, Júlio. — Gargalho com o comentário.

— Você não existe, Aldria.

— Existo sim! E por existir tão bem é que eu vim saber o que a senhorita estava fazendo com o devasso do Olavo hoje no restaurante perto da *Gouvêa*.

— Como você sabe disso? — Olho-a espantada.

— Eu vi. Esqueceu que trabalho naquela empresa?

— Não, mas eu não te vi.

— Eu estava de saída quando você chegou. A conversa de vocês parecia tão séria, principalmente enquanto a Deborah estava por lá.

— Você conhece a pernuda?

— Sim. Ela é uma parceira da *Gouvêa*. Chamamos esporadicamente seus serviços quando estamos com sobrecarga. *Peraê!* Pernuda?

— Ah, esquece. Mas ela vai muito lá? Quer dizer, ela tem muito contato com o Olavo?

— Não muito. Ela lida mais comigo e Júlio, já que o setor de controladoria de empresas tem aumentado. Mas o foco aqui não é ela, e sim você. — Engulo a saliva que não tenho.

— O que tem eu?

— Realmente tenho que fazer a pergunta, Lola?

Ficamos nos encarando por um momento. Ela de um lado da mesa, ainda de pé, e eu do outro. Tento buscar em minha mente qualquer coisa que possa saciar sua curiosidade, mas a forma que Aldria me olha não deixa dúvidas que mentir não é o melhor caminho.

— Olavo quer sair comigo.

— QUÊ?

— Isso mesmo. Ele me procurou, disse que sentia falta dos nossos momentos e me convidou para jantar, mas eu aceitei somente um almoço.

— E isso nada tem a ver com a pressão que a família está colocando nele?

— Que pressão? — Dou uma de desentendida e acho que ela morde a isca.

— Nada. Os *Gouvêa* só estão preocupados com o rumo da empresa na mão de um presidente tão novo e... libertino — a última parte ela fala tão baixo que finjo não ouvir.

— Ele comentou mesmo que está sobrecarregado.

— Você tem certeza disso, Lola? Você sabe tudo que passou nas mãos dele e já se passaram dois anos.

— E eu não o esqueci — lamento.

— Sim, eu sei. Não estou te julgando, garota, mas por favor, tome cuidado. Eu não quero ter que atentar contra a vida do padrinho da minha filha.

— Obrigada, amiga. — Dou a volta na mesa e pego sua mão.

— Por nada. Agora me dê algo alcoólico. Faz séculos que só tomo suco das crianças e já estou a ponto de afogar um na banheira.

— Credo, Aldria. Que horror falar isso dos seus filhos.

— Não! Meus filhos, não. Penso em afogar o Júlio, mesmo.

— Não acredito. — Rio — O que está acontecendo? Crise no paraíso?

— Me sirva algum incentivo e conversamos.

— Amanhã trabalhamos.

— *Para* de ser certinha e serve logo. Faz três meses que não tenho uma noite de folga.

— Tudo bem. Cerveja? — Ela concorda com a cabeça e eu pego duas *longnecks* na geladeira. — E então, como anda o casamento?

— Muito bem. Claro que nossa vida mudou muito, aliás, a minha vida mudou muito. Duas crianças não são brincadeira, mas olhar nos olhos deles faz tudo valer a pena.

— E Júlio?

— Ah, estamos bem. Ultimamente estamos sobrecarregados de serviço, mais as crianças, que têm uma rotina e toma nosso tempo. Quando chega o nosso momento, estamos tão cansados que não aproveitamos o suficiente.

— Você está incomodada com isso?

— Sim. E eu tenho um ótimo plano para resolver isso.

— Vocês não irão a nenhum outro show, né?!

— Claro que não! Eu irei sequestrá-lo por um fim de semana. — Começo a rir de seu plano.

— E as crianças?

— Eles têm padrinhos e avós para isso. Aliás, tem você também.

— Eu?

— Sim. Você pode ajudar o Olavo a olhar a afilhada dele.

— E o Olavo sabe olhar crianças?

— Não. Por isso você estará lá. — Bate a garrafa na mesa e decreta: — Está resolvido! No próximo fim de semana você ajuda Olavo a cuidar da Sara, o Rodrigo fica com a Vega e Antônio, e eu vou ter um fim de semana de muito sexo com o meu ser infernal.

— Como assim? Eu não posso! Aldria, isso é loucura!

— Loucura seria eu ficar sem uma boa trepada escandalosa durante tanto tempo. Vou surtar, Lolita. Quebra essa, vai? Ajuda sua amiga e de quebra fica pertinho do seu pervertido.

Sorrio, pensando na ideia. Seria realmente interessante ver Olavo cuidando de uma criança. Acho que isso seria uma ótima oportunidade dele mostrar o quão doméstico está e em contrapartida posso fazer com que ele veja que uma vida assim não é tão ruim.

— Tudo bem.

— Maravilha. Agora eu vou embora.

— Você só veio aqui para me pedir isso?

— Sim. E também para verificar a sua história com Olavo, sair da minha rotina doméstica e dar um pequeno susto no meu ser infernal.

— Ele não sabe que veio aqui?

— Não pela minha boca. Provavelmente algum segurança o avisou.

— Ele vai ficar bravo.

— Eu sei. — Ela sorri diabólica.

— Você não vale nada. — Balanço a cabeça em negação.

— Nunca disse que valia. Fui! — Beija meu rosto rapidamente e a acompanho até a porta.

Assim que Aldria sai pela porta, o arrependimento e a dor de consciência começam a bater em mim. Não sei se fiz a melhor coisa mentindo para Aldria, afinal de contas, ela sempre foi meu apoio quando precisei.

Olavo foi categórico ao dizer que não poderia falar para ninguém, principalmente a ela, por ser mulher do seu irmão. Eu não sei realmente se Aldria contaria alguma coisa, mas achei melhor omitir essa parte.

Resolvo avisar Olavo sobre a visita de Aldria, assim ele não é pego de surpresa.

Eu — Aldria esteve aqui e perguntou sobre nós.

Fico olhando para a tela, esperando por uma resposta que não vem. Olho o relógio e

vejo que ainda é cedo. Olavo não costuma dormir a essa hora, pelo menos não costumava. O celular vibra na minha mão e encaro a tela, vendo o nome de Olavo piscar.

— Alô?

— *Oi, Iolanda. Você falou alguma coisa para ela?*

— *Tá achando que eu te entreguei, Olavo?*

— *Não. Eu só fiquei curioso.*

— Não falei nada demais. Só que você me procurou, disse que sentia falta e queria jantar, e eu aceitei um almoço.

— *Nessa história eu que corri atrás?*

— Na real história foi você quem correu atrás.

— *Touché.*

— Bom, era só isso. Vou desligar, boa noite!

— *Espera. Você... já vai dormir?* — Sinto a mudança de tom na sua voz.

— Sim.

— *E o que tá usando?*

— Pijama, Olavo — respondo com voz de tédio, apesar do formigamento que surge dentro de mim.

— *Pijama de que tipo? Shortinho? Camisolinha bem pequena? É transparente? Ah, não, espera! É um daqueles conjuntinhos minúsculos de bichinho? Diz que é, Lola. Cara, já tô duro pensando nisso.*

— Seu pervertido! — Escuto sua gargalhada reverberar em mim.

— *Agora somos namorados. Posso dizer esse tipo de coisa.*

— Isso é teatrinho, lembra?

— *Fala isso pro meu pau.*

— Indecente. Eu vou desligar. Boa noite, Olavo.

— *Boa noite, denguinho. Sinta-se beijada. Se bem que se eu estivesse aí, a última coisa que você faria é dormir. Eu lamperia todo seu corpo e perderia um bom tempo chupando sua...*

Desligo o telefone sem ao menos me despedir. Olavo é um devasso e eu não sei como, mas ele consegue me fazer pegar fogo apenas com palavras.

— Theo, vamos dormir.

Recolho-me mais cedo que o normal, as palavras dele me acenderam de forma que não consigo dormir. Fiquei revirando na cama e até Theo desistiu de me acompanhar e saiu do quarto.

Não me lembro em que momento peguei no sono, mas é fato que o moreno cafajeste inundou meus sonhos e me fez delirar de prazer enquanto eu dormia.



Capítulo 7
Ele daria um ótimo pai e chefe de família

Lola

Finalmente chega a sexta-feira e com ela meu desespero e ansiedade aumentam em níveis incontáveis. Prometi ajudar Olavo a cuidar da pequena Sara, e Aldria realmente levou a sério.

Ela me ligou essa tarde avisando que deixou a menina na casa dos avós, para que eu vá mais tarde acompanhada de Olavo buscá-la. Quase surtei quando me dei conta de que vou novamente encontrar com Ricardo e Rute, pais de Olavo, e agora vou na qualidade de namorada impostora.

Começo a me lamentar de toda essa confusão e penso em minha mãe. Ela com certeza arrancaria meu couro se soubesse que estou envolvida em algo assim. Sinto tanta falta dela. Sua sabedoria seria imprescindível para não cometer essa burrice homérica.

Limpo meus pensamentos e termino de ajeitar algumas coisas na minha mesa de trabalho. Olavo ficou de me buscar, assim vamos direto para a casa de sua mãe e pegamos a pequena Sara. Já tem algum tempo que não a vejo, ela deve estar linda e sapeca.

— Entre — respondo logo que ouço batidas suaves na porta.

— Oi, Lola. Tem um deus grego intitulado seu namorado, na recepção. — Sinto meu rosto esquentar com o comentário da Carol.

— Olavo. Diz que já vou.

— Só não demora. A Giovana parece que vai ter um infarto a qualquer momento. — Rio do exagero dela.

— Tudo bem, já estou saindo.

Solto minha respiração com força assim que Carol deixa minha sala. Eu não o vejo desde nosso almoço, só trocamos algumas mensagens e sempre que ele tentava levar a conversa para algo mais íntimo eu pulava fora.

Pego minha bolsa e a agarro em meu ombro, como se ela fosse algum tipo de escudo que me salvaria de olhar para aquele homem e não sentir tudo que normalmente sinto. Seria tão mais fácil se o que existisse em mim fosse desejo puro e sexual, porque eu não estaria me sentindo tão perdida e sem rumo. Uma bússola sem o norte.

Reúno o restante de coragem que tenho e saio da sala, logo vejo a bela silhueta masculina em um terno, provavelmente muito caro, de costas para mim. Paro por um minuto, contemplando todo aquele tamanho. Olavo deve ter em torno de 1,80m e eu em meus 1,65m nem de salto consigo ficar decente ao seu lado.

Ele nunca foi um lutador igual ao irmão, mas sempre gostou de corrida e alguns exercícios. Claro que a genética da família ajuda muito nesse contexto todo, afinal, tirando todo o tamanho e corpo incrível que ele tem, o rosto de Olavo é uma mistura dos deuses.

Apesar de ser o mais novo, a diferença de idade dos irmãos é somente de pouco mais de um ano. O que difere ambos é a personalidade. Olavo com seu jeito fácil e malandro acaba mostrando que é o mais novo e consequentemente o mais imaturo.

Seu rosto traz a marca de um sorriso encantador e isso sempre faz com que eu me perca da realidade. E ele escolhe esse momento para se virar e me dar sua marca registrada. O sorriso preguiçoso, lindo, branco e muito sedutor. Olavo não precisa brincar com a sedução, ele carrega a luxúria a cada gesto que faz e isso coloca todas as mulheres a sua volta, inclusive eu, de joelhos.

— Oi, denguinho. — Ele me alcança e passa seus braços pela minha cintura.

— Não me chame assim. — Tento soar brava.

— Se quiser posso te chamar de gostosa, delícia, safá... — Tapo sua boca com as minhas mãos.

— Chega! Vamos sair daqui. — Olho para os lados, me certificando de que ninguém ouviu isso.

— Só depois do meu beijo.

— Que beijo, Olavo? — Não tenho tempo de reação quando ele toma minha boca em um beijo de tirar o juízo.

Como sempre, nada com Olavo é pouco ou contido. Ele desliza suas mãos que estavam na base da minha coluna mais abaixo e alcança minha bunda. Rapidamente tiro-as dali e finalizo o beijo.

— Não abuse — advirto, ainda ofegante.

Ele só sorri daquela forma “eu te tenho nas minhas mãos” e pisca um olho. Pegando minha mão na sua, Olavo nos guia para fora da Studio como se fôssemos o casal mais apaixonado da face da Terra. Arrisco um olhar em direção ao balcão da recepção e vejo Giovana fazendo sinal positivo com o polegar, exibindo um sorriso ridículo, e Carol que tem uma cara divertida por tudo que presenciou.

Sorrio para as duas e sinto o calor de timidez afogear minha face. Em dois anos trabalhando aqui, eu nunca deixei minha vida pessoal sobrepor a nada dentro da empresa. Acho que em vários momentos eu passei por esquisita, já que nunca estava enturmada o suficiente e namorado era algo inexistente na minha rotina.

Olavo abre a porta do carro para mim e entro rapidamente, colocando sobre meu colo minha pasta executiva e ainda por cima, minha bolsa. Melhor criar barreiras para aquelas mãos salientes.

— Hora de buscar minha princesinha e visitar seus sogrinhos.

— Menos, Olavo.

— Temos que nos ater ao papel, denguinho, ou ninguém vai acreditar.

— Só toca o carro e vamos logo com isso.

— Eita, que mau humor, mulher. Tem algo aqui que te livraria facilmente dessa cara amarrada. — Olho para ele, chocada.

— E eu tenho uma mão pronta para estalar na sua cara de pau!

— Não está mais aqui quem falou. — Ele ergue as mãos em sinal de trégua.

Seguimos pelo caminho em silêncio. Eu, provavelmente pelo nervosismo que estou sentindo, e ele, por medo da minha ameaça.

Entramos pelos portões da casa de seus pais e mais uma vez fico impressionada com a estrutura. Tudo grita riqueza e luxo, acho que Olavo nunca conheceu a expressão “você não pode ter isso, pois não temos como pagar”.

Um grande jardim, muito bem cuidado, contorna a grande casa dando vida e elegância em toda a paisagem. Eu estive aqui duas vezes, uma com Vega quando ainda era assistente dela e a outra quando seus pais não estavam em casa e Olavo quis fazer uma reunião particular comigo.

Conheci pelo menos três cômodos e batizamos várias superfícies. Um calor toma conta de mim e levo minha mão ao rosto só para ter a certeza de que está fervendo.

— Ei, calma. Você já conhece os velhos e eles vão amar te ver.

— Vamos ver...

Saio do carro e me junto a Olavo, que mais uma vez faz questão de entrelaçar nossos dedos. Subimos a escadaria de entrada da casa.

— Mãe! Pai! — Olavo chama assim que entramos.

— Aqui! — Escuto dona Rute gritar.

— Dinho! — Olavo olha para mim e ri.

— Onde está a princesinha do padrinho? — Ele faz uma voz engraçada e eu escondo um sorriso.

Entramos na sala de estar e ela está repleta de brinquedos e aparates infantis. Vejo dona Rute sentada em uma poltrona enquanto Sara pula no chão com as mãos apoiada no sofá.

— Princesa!

— Dinho!

Olavo solta da minha mão e se ajoelha enquanto uma Sara toda desengonçada corre como pode em direção ao seu padrinho. Fico vidrada olhando a interação dos dois, quando Sara o alcança jogando-se em seus braços, dando um beijo muito molhado em sua bochecha.

Olavo ri e fala com ela coisas que não consigo entender em uma voz infantil, o que o torna ainda mais engraçado. Fico contemplando admirando os dois e ao que parece, a pequena venera tanto seu padrinho que ainda não se deu conta de que tem mais uma pessoa na sala.

— Lola?! Como vai, querida?

— Oi! Dona Rute, como vai? — Fico atrapalhada quando percebo ela me abraçando.

Estava tão fixada na bolha dos dois que não percebi que ela veio me cumprimentar. Ela termina o abraço, mas ainda não se desvincula de mim.

Olho em seus olhos e o vejo transparecer curiosidade e um misto de alegria e divertimento. Acho que ela espera que eu responda todas as suas perguntas silenciosas, mas não me sinto preparada para nenhuma delas.

— Oi, mãe!

— Filho!

Olavo beija o rosto de sua mãe. Sara agora está em seu colo e agarrada ao seu pescoço, feito grude.

— Oi, Sara — brinco com ela.

— Oi! —Ela me olha e logo me reconhece. — Lolo!

Ela se contorce no colo de Olavo vindo na minha direção. Eu a pego e recebo um abraço apertado que me faz rir.

— Oi, pequena Sara. Como você está?

— Bem. Quelo doche.

— Nada de doces antes de jantar, Sara — dona Rute adverte e ela me olha dando de ombros. Uma Graça.

— Mãe, eu vou ficar com a Sara o fim de semana. Pega as coisas dela para mim. Estou com Lola e vamos ficar no meu apartamento.

— Oh, sim. Aldria comentou que você viria buscar, mas por que não fica aqui? Assim aproveitamos todos juntos e eu posso ajudar com a minha netinha.

Olho para a cara de Olavo, implorando que ele negue o convite. Eu não estou preparada para bancar a namorada interagindo com a família, principalmente isso sendo a maior mentira do mundo. Acho que ele entende o recado.

— Não dá, mãe. Eu vou para o *apê*. Se eu precisar de algo, te ligo.

— Tudo bem. — Dona Rute se vira para mim. — Lola, querida. Eu adorei te ver e espero que meu filho a traga aqui para um almoço em família. — Eu coro e Olavo rola os olhos.

— Tudo bem, mãe. Eu trarei Lola aqui, fique tranquila.

— Dinho... — Sara começa a lamentar quando vê Olavo se afastando.

— Calma que o Dinho só vai pegar suas coisas. Você vai dormir comigo hoje! — Ela volta a sorrir e a fazer festa.

— Vamos pegar seus brinquedos, Sara, para levar para a casa do Dinho?

— *Vamo!* — Ela arregala seus olhos para mim e eu rio.

Crianças são tão expressivas. A cada momento é uma reação que pode ir a vários extremos. Eu acho encantador observá-las e vê-las descobrirem coisas do cotidiano e reagindo a isso.

Coloco-a no chão e logo vai buscar algumas bonecas que estão próximas do sofá. Sinto uma mão tocar meu ombro sutilmente e viro para ver dona Rute me olhando.

— Lola, estou muito feliz que esteja com meu filho. Olavo precisa de alguém como você, uma mulher boa, honesta, correta e decente. — Engulo em seco.

Se ela soubesse...

— Dona Rute, eu...

— Não se preocupe. Eu tenho certeza que meu filho vai tomar jeito e vai te levar a sério dessa vez.

Olavo retorna a sala e nos encara.

— O que está acontecendo?

— Nada, filho. Vem aqui, minha netinha, dê um beijo na vovó. — Dona Rute abraça a pequena, enquanto Olavo me encara com olhos questionadores.

— Vamos? — chamo.

— Sim, vamos. Vem, Sara, com o padrinho.

Ela rapidamente se solta da avó e vai correndo para os braços de Olavo. Eu pego a bolsa dela e dona Rute entrega alguns brinquedos que a pequena separou.

— Tchau, crianças, e juízo.

— Isso é o que mais tenho, mãe.

Sua mãe ri do comentário e nos acompanha até a saída. Ela se despede de Sara mais uma vez e quando lhe abraço, sinto todo o acolhimento que ela quer me passar.

Culpa começa a pesar na minha cabeça e rapidamente entro no carro. Se eu continuar olhando para essa mulher é muito provável que ajoelhe no chão lhe pedindo perdão por ser uma cretina.

— Minhas princesas estão prontas?

— Sim! — Sara e eu respondemos ao mesmo tempo.

Olavo dá partida no carro, logo aciona um botão no painel e do meio do carro entre nossos bancos, desce uma tela pequena e eu escuto músicas infantis. Olho para ele, chocada.

— Sou o melhor padrinho, denguinho.

Rio para ele, balançando a cabeça em negativa. Realmente estou surpresa com esse lado do Olavo. Nunca imaginei que ele falaria com uma criança, muito menos que seria tão dedicado aos cuidados de uma.

É visível o quanto Sara é apaixonada pelo padrinho. Pensando bem, o que há para não gostar? Olavo é cativante por si só e quando resolve ser agradável ele realmente encanta a qualquer um.

Uma pena ser um libertino de carteirinha, caso contrário, ele daria um ótimo pai e chefe de família.



Capítulo 8
♡ Sherek é bem interessante

Lola

Passamos no meu apartamento para pegar umas mudas de roupas. Quando prometi a Aldria que ajudaria Olavo com sua filha, não havia pensado na possibilidade de dormir sobre o mesmo teto que ele.

Não posso deixar as coisas fugirem de seu propósito, mas tenho um ótimo escudo para me proteger, a pequena Sara. Ficarei com ela o tempo todo e isso deve funcionar para manter o cachorro Gouvêa longe de mim.

Como vou passar o sábado com eles e no domingo vamos direto do apartamento de Olavo para o almoço na casa da Amanda, preparo uma bolsa de roupas, produtos de higiene e tudo que eu possa precisar.

— Tudo pronto, Lola? — Olavo aparece na porta do meu quarto com Sara no colo.

— Sim. — Olho para ele, mas seu olhar não está em mim e sim na minha cama.

Olavo parece não estar neste mundo, seus olhos estão perdidos na minha colcha verde água. Olho dele para a cama e percebo no que ele se perdeu. Está lembrando das vezes em que esteve aqui, transamos insanamente e ele ia embora logo em seguida.

Volto meus olhos para ele, que me encara intimamente. Olavo está ativando o modo luxurioso, ele quer me passar uma mensagem, eu sei e se não cortá-lo agora, provavelmente virão várias indiretas sobre as nossas lembranças.

— Vamos logo!

— *Vamu*, Lolo! — Sara se anima e Olavo desperta das suas emoções.

— Vamos, princesa. — Ele sorri de forma a não alcançar os olhos e sai do quarto.

— Chegamos! — Sara grita e logo se esforça para que Olavo a coloque no chão.

Olavo a solta e ela sai correndo pelo apartamento parando de frente para um lindo aquário que ocupa quase toda a parede. Na verdade, ele faz uma divisória da sala para os quartos. É muito bonito e dá a elegância e excentricidade certa no ambiente.

Realmente ele não mentiu quando disse que remodelou tudo. Achei que ele provavelmente tinha trocado o sofá, mas está tudo diferente do que era há dois anos. O aquário não existia, o jogo de sofá era mais elegante e até desconfortável. No geral posso dizer que está bem mais aconchegante e familiar, não lembrando em nada o cenário de tempos atrás.

Graças a Deus!

Ele não mencionou uma palavra sequer do apartamento até aqui, o que eu achei muito estranho. Ele nem ao menos tentou fazer uma piada, se manteve quieto e só respondia quando

Sara lhe perguntava algo.

— Quer uma bebida? — Olho para ele, que agora tem sua atenção toda voltada para mim.

— Acho que água.

— Eu vou de vinho.

— *Quelo vino!* — Sara pede.

— Você vai ganhar suco de uva, malandrinha — ele a responde e se vira para mim. — Ela com certeza puxou a mãe.

Rio do comentário e o acompanho até a cozinha. Olavo abre a geladeira tirando de lá seu vinho, uma garrafa de água e outra de suco. Serve nossos copos e pega no armário uma caneca própria para criança, daquelas com tampa, protegendo assim de um acidente desnecessário.

— Você tem coisas de criança aqui? — Não consigo esconder o choque em minhas palavras.

— Sim, é claro. Tenho sobrinhos e priminhos. Tenho que ser o tio legal, lembra? — Ele sorri maroto e pisca para mim.

Sorrio de volta e sinto meu corpo começar a aquecer. Preciso urgentemente aprender a controlar meus hormônios perto deste homem ou não irei sobreviver a isso nunca.

— Vou levar o suco da Sara. — Pego a caneca da sua mão, mas ele a mantém para si.

Olho em seus olhos e ele ainda tem o sorriso fácil na face, mas sua cabeça está pendida para o lado, como se estivesse procurando por algo em meu rosto. Inevitavelmente coro, algo que ocorre muito quando estou com ele. Seu sorriso aumenta ainda mais, como se ele encontrasse as respostas dos seus questionamentos silenciosos.

Meu coração acelera seu ritmo e simplesmente não consigo sair disso, estou paralisada, encantada e muito nervosa. O medo que sempre senti desde que o neguei há dois anos volta com força. Sei que resistir a ele será praticamente impossível, mas tenho um objetivo e preciso mostrar a ele tudo que perdeu.

— Lola... — Sua voz sai com suavidade e fecho os olhos.

Respiro profundamente esperando pelo próximo acontecimento. Sinto um ar quente muito próximo do meu rosto, por instinto umedeço meus lábios e espero por aquilo que meu corpo sempre pede: seu toque, sua carícia e seu carinho.

— Dinho! — Sara entra correndo na cozinha e abro os olhos me afastando rapidamente dele.

— Oi, minha linda empata foda — Olavo fala, pegando Sara no colo.

— Olavo! — Fico indignada de ele mencionar isso à criança.

— O que é *pata* foda, Dinho?

Olavo arregala os olhos para a pergunta de Sara e me encara desesperado. Não resisto e começo a rir, rio tanto que minha barriga começa a doer.

— Não é nada. Pergunte a sua mãe. Aqui está seu suco.

— A Mortícia vai te matar.

— Ela esquece até lá.

— Veremos.

O celular dele toca e Sara se solta do seu colo, voltando para a sala. Eu ainda estou sorrindo da situação constrangedora que Olavo se enfiou. Vejo-o atender ao telefone um pouco sério.

— Oi. Claro, Deb. Pode ser amanhã à tarde? Ótimo. Até lá. Um beijo. — Deb? Quem é Deb? Será a advogada atirada que vi com ele no restaurante?

Não espero ele se virar para mim e saio da cozinha a passos largos, uma raiva começa a tomar conta de mim e sei que não tenho direito nenhum sobre isso, afinal, eu mesma o alertei que não teremos o que ele tanto quer e fui burra o suficiente para dizer que poderia sair com outra.

— Lola, o que foi?

— Nada. — Pego minha bolsa e mala do sofá. — Onde vou ficar?

— No quarto de hóspedes à direita.

— Obrigada. Vou tomar um banho. Você vai ficar bem com ela? — Tento soar indiferente, mas não estou tendo sucesso nisso.

— Claro. Pode ir — ele responde e sinto que ainda me analisa.

Já conheço bem o apartamento então sigo meu caminho para o quarto que ocuparei. Fecho a porta atrás de mim e jogo minhas coisas em cima da cama. Vou para o banheiro tirando minha roupa pelo caminho e logo estou sob a água morna do chuveiro.

Preciso esfriar minha cabeça. Isso não é real e sei que não é, fui eu quem definiu os termos, só preciso me manter longe dos jogos sedutores dele e tudo caminhará bem. Vou ajudá-lo a se livrar da ameaça com o cargo. Serei sua salvadora, não cederei aos seus apelos e no fim das contas, irei mostrar a esse devasso que eu seria sua melhor opção.

Saio do banho mais calma, ainda muito incomodada, porém já consigo dominar minhas emoções. Visto meu pijama de unicórnios. É uma camiseta e shorts grandes e largos, realmente nada atraente e isso vai repelir Olavo.

Volto para a sala e Sara está em frente a TV assistindo desenhos e vestida em um pijama

também de unicórnios. Pelo cabelo molhado percebo que já tomou banho e fico realmente impressionada com os dons do Olavo com crianças.

— Oi! Uau, um unicórnio! — Ele aparece na sala e ri quando vê minha roupa.

— Pois é.

— Ei, Sara, Lola está usando pijama de unicórnios, também.

— Ah, *unicórnio*. Que lindo, Lolo. — Sara se debruça sobre o sofá para olhar meu pijama. — O meu também, olha!

— Nossa, Sara. Que lindo! Estamos iguais!

— Sim! — Chego mais perto dela e a abraço.

— Minhas princesas unicórnio. — Olavo se aproxima e abraça a nós duas.

O filho da mãe me abraça por trás, passando por cima de mim para alcançar a pequena. Logo eu o sinto roçando meu traseiro e ele está duro. Duro!

— Tarado! — Consigo sair dele e vejo-o sorrindo sacana.

— Eu também gosto de unicórnios, denguinho.

— Para com isso, seu pervertido.

— O que é *pevetido*?

— Jesus...

— Boa sorte, Lolo. — Olavo ri e sai da sala, me deixando com uma pequena curiosa me encarando.

— Não é nada demais, Sara. Vamos assistir desenhos, sim?

— Vamo!

Respiro aliviada percebendo que consegui distraí-la. Anoto na minha lista mental para controlar melhor meu linguajar perto dela. Normalmente eu me contenho, mas Olavo tem o dom de tirar meu bom senso e acabo metendo os pés pelas mãos.

— O jantar está quase pronto. Vou só jogar uma água no corpo.

— Tudo bem.

Logo escuto um zumbido insistente e levanto, seguindo a direção do barulho. O celular de Olavo está sobre a bancada e a tela está piscando. Mesmo sabendo que isso é muito errado e considerando o quão errante ando sendo, resolvo dar uma espiada e vejo o nome de Deborah piscando na tela e no ímpeto, atendo o telefone.

— Alô.

— *A-alô? Esse celular é do Olavo?* — Sinto a confusão em sua voz e sorrio.

— Sim. Ele está no banho e não pode atender agora. Quer deixar algum recado?

— *Não é necessário. Obrigada.* — Não tenho tempo de responder, pois ela desliga logo em seguida.

Então era ela mesmo que ligou mais cedo, reconheci a voz. Amanhã em algum momento ele vai me deixar com Sara para ir encontrá-la e não posso fazer nada, nem mesmo arrancar esse aperto que está no meu coração.

Deixo o celular na bancada e na volta para sala encontro com Olavo vindo do quarto vestindo um calção largo preto, sem camisa e com uma toalha nas mãos, enxugando a cabeça. Seu corpo ainda tem respingos de água e algumas escorrem pelo seu abdômen. Tentador demais.

— Vamos jantar?

— Estou sem fome — respondo, sucinta passando por ele.

— Lola? O que houve?

— Nada. Estou cansada, vou dormir.

Lidar com um sentimento gritando dentro de mim é difícil de controlar, mas ainda consigo me esforçar para isso. Agora, suportar a raiva e tesão ao mesmo tempo, por favor, é demais para minha sanidade.

Entro no quarto e tranco a porta. Não quero correr o risco de receber alguma visita noturna, sem a Sara por perto seria muito difícil resistir. Apego-me a raiva que sinto quando penso nele com aquela pernuda, ajeito a cama e resolvo trabalhar um pouco.

Por hoje meu dia sofreu emoções demais e não tenho psicológico para lidar com mais nada. Meu celular vibra e o pego, vendo uma mensagem da Aldria.

Aldria — olá, Lolita! Como está minha filha?

Eu — muito bem, com o padrinho na sala.

Aldria — que bom. Enquanto isso eu vou morrer de gritar e transar com o pai dela.

Eu — informações demais, Aldria.

Aldria — dane-se! Eu precisava falar isso! Fui!

Eu — boa noite.

Aldria — noite fodástica para mim, querida!

Balanço a cabeça e rio. Aldria realmente não tem filtro e nem jeito.

Ajeito minha cama, pego meu notebook na maleta e sento na cama com ele no colo.

Passo um tempo trabalhando em algumas planilhas sem me concentrar em nada com exatidão.

Hora ou outra escuto o riso de Sara ou algum comentário de Olavo, minha curiosidade aguça, nunca o vi assim tão doméstico.

Deixo meu trabalho de lado e na ponta dos pés levanto e abro minha porta bem devagar. Quero só observá-los um pouco.

Fico atrás de uma coluna que divide a sala dos quartos e me encanto com a cena que vejo. Olavo abriu o sofá e o transformou em uma cama aconchegante, onde Sara e ele estão deitados, assistindo a algum filme de desenho.

A cena me faz pensar que Aldria me enganou mais uma vez. Olavo está se saindo melhor do que Júlio no começo com os gêmeos. Só de lembrar as idiotices que ele fez com os filhos, tenho vontade de rir.

Olavo massageia os pesinhos dela e hora ou outra faz cosquinhas, por isso as risadas gostosas que eu estava escutando do quarto. Meus olhos lacrimejam com a cena. É a coisa mais fofa que já vi e meus sonhos mais profundos vêm a tona, me fazendo delirar que aquilo sim poderia ser minha realidade.

— Cadê a Lolo, Dinho?

— Ela foi dormir, minha gatinha. A Lolo está cansada.

— Humm... ela é *bunita*, parece *pincesa*! — Sara fala a última parte mais alto e eu rio baixinho.

— Sim, gatinha. Ela é uma linda princesa. — Meus ouvidos aguçam, alguma coisa no tom de Olavo chama minha atenção.

— Quem é o *pincipe* dela?

— Eu espero que seja eu... um dia... — Meu coração martela na minha garganta agora.

— Você é um *pincipe* lindo, Dinho!

— Obrigada, gatinha! Mas eu acho que o Dinho está mais para o Sherek. — Sara e eu rimos.

— Eu gosto do *Shieke*.

— Que bom que pelo menos alguém gosta do Ogro — Olavo fala em tom de lamento e beija a testa de Sara.

— O Sherek é bem interessante... às vezes... — falo, caminhando até eles.

— Lolo!

— Aí está você. Quer se juntar ao Ogro e a princesa mirim?

— Eu adoraria. — Contorno o sofá e deito do outro lado de Sara.

— Lolo, meu Dinho é *pincipe* e você a *pincesa* dele! — Sara fala, determinada, como se fosse algum tipo de regra a seguir.

— E eu acho que você se parece demais com sua mãe. — Bato meu indicador no narizinho dela e rio.

— Eu apoio a minha querida afilhada.

— Apoia, é? — Ergo as sobrancelhas e ele faz sinal afirmativo com a cabeça. — Tudo bem, príncipe. Vamos assistir ao filme, então.

— Eba! O Dinho é *pincipe* da Lolo e a Lolo é *pincesa* do Dinho.

— Sim, gatinha. Ela é minha princesa.

— Mas onde é o castelo dela? — Sara pergunta, preocupada, e escondo meu riso.

— Aqui. — Olavo olha para mim quando responde e fico séria.

Seus olhos parecem querer dizer tanta coisa que torna tudo ainda mais confuso dentro de mim. Essa conversa tomou um duplo sentido e não sei realmente qual é a verdade por trás de toda essa simbologia infantil.

— Agora vamos assistir! — Sara determina, nos tirando desse momento.

— Vamos, dona mandona! — Olavo faz cosquinhas em Sara e ela se contorce, rindo.

Eu me ajeito entre as cobertas e foco na televisão. Mesmo não tendo a menor intenção de entender a trama infantil, é melhor eu procurar dispersar tudo isso. Não quero entender nada errado, isso é um acordo e nada mais, e é claro que conhecendo Olavo, ele vai tentar ter suas vantagens. Eu preciso me manter firme, cumprir o que prometi e só.

Consigo entreter meus pensamentos observando o filme e as falas espirituosas de Sara, fazendo com que eu acabe entrando no clima e relaxando. Deixo guardado esse momento junto de todos os outros que já passei com este homem. Aproveito o clima familiar que paira e finalmente pego no sono.



Capítulo 9 El modo de agir

Lola

Sinto um cheiro gostoso que me causa uma sensação nostálgica. Lembro de um passado não muito distante, ao qual eu sonhava alto demais. Vagarosamente abro meus olhos e vejo o contorno serrilhado da barba de Olavo.

Ele está me carregando. Acabei dormindo no sofá da sala enquanto assistíamos filme com a pequena Sara e agora estou em seus braços, sendo levada para o quarto. Não movo um músculo, aproveito esse pequeno momento para desfrutar deste contato. É tão bom.

Sou colocada na cama com toda a delicadeza do mundo. De olhos fechados, sinto a respiração dele próxima do meu rosto e meu coração começa a acelerar.

— Olavo, o que...

— Shiuuu... Descansa, princesa.

Ele se levanta, indo até o armário do quarto, e retira uma coberta de lá. Quando se vira para mim, tem um sorriso sacana no rosto.

— Eu nunca cobri uma mulher. Normalmente isso acontece ao contrário.

— Para tudo se tem uma primeira vez. — Sorrio de volta.

— Lola, Lola. O que você faz comigo? — Cobrindo meu corpo ele se senta novamente na beirada da cama, me encarando.

— Poderia dizer o mesmo, Sr. Olavo.

— Ah, não diga isso. Sabe como eu fico.

— Dizer o quê, Sr. Olavo?

— Você pediu por isso, denguinho. — Olavo invade minha boca com voracidade.

Suas mãos seguram meu rosto com força, numa tentativa de me manter no lugar, como se eu fosse sair desse momento facilmente. Sua língua explora a minha em um quase duelo que começa a aquecer meu corpo por inteiro.

Olavo interrompe nosso beijo de forma brusca, minhas mãos contornam sua nuca, segurando firmemente no lugar. A necessidade e o desejo eram palpáveis. Sua testa encosta na minha e nossas respirações estão descompassadas.

— É melhor eu ir...

— S-sim... — respondo com dificuldade.

Sinto o frio do ambiente tocar minha pele assim que ele se afasta de mim. Não tive coragem de abrir os olhos novamente ou eu poderia correr o risco de implorar que ficasse, mas no fim das contas o libertino foi mais coerente do que eu. Isso seria muito errado, eu cederia e

tudo que passei voltaria com força e a velha Lola perderia mais uma vez o controle de suas emoções.

Sinto-me bem frustrada, de certa forma agradeço a ele por ter freado algo que eu não teria impedido. Ele respeitou o acordo que fizemos no restaurante e isso começa a me fazer pensar o quanto Olavo pode ter mudado.

Claro que ele ainda continua o canalha de sempre e isso é inquestionável, por conta disso eu sei que ele nunca hesitaria em baixar a calcinha de uma mulher, principalmente uma que está deitada no seu quarto de hóspedes em trajes de dormir.

Esperança é uma madrasta traidora que nos adoça de todas as formas e no fim das contas seu intuito é só puxar o tapete da realidade e nos derrubar no mar de frustrações. E é exatamente assim que começo a me sentir, não posso criar a ilusão de um novo homem de valores familiares. Olavo é o que é e eu estou aqui só para ajudá-lo e mostrar de alguma forma tudo que ele perdeu.

Estendo a mão na lateral da cama, estranho o cobertor, viro de lado e abro os olhos. Sento assustada na cama, olhando em volta, aos poucos meu raciocínio começa a funcionar e eu me recordo de estar no apartamento de Olavo.

Esfrego meus olhos e espreguiço-me na cama. Forço meus ouvidos, mas não ouço nada do lado de fora. Provavelmente aqueles dois não levantaram ainda. Penso em fazer o café da manhã para começarmos bem o dia.

Faço minha higiene matinal, coloco um vestido leve e confortável e vou para a cozinha. Abro as portas procurando algo para o café, notando que Olavo mudou muitas coisas desde a última vez que estive aqui.

Paro meus movimentos lembrando dessa ocasião, sinto um arrepio incômodo passar pelo meu corpo e estremeço-me por inteira.

— Bom dia.

Dou um gritinho de susto, levando minha mão ao coração que agora bate descompassado. Quando viro para xingá-lo de todos os nomes, perco a voz vendo Olavo parado no batente da porta, usando um terno impecavelmente bem medido em seu corpo na cor azul marinho, uma camisa branca e gravata rosa, que acentua sua beleza e traz algo jovial em toda sua elegância.

Completando meu *embasbacamento*, ele está com Sara a tira colo, num lindo vestido verde água, cabelos soltos e com uma carinha de sono.

— Bom dia para vocês!

— Dia, Lolo.

— Será que poderia dar café a ela? Eu tenho uma reunião em 30 minutos.

— Claro. Reunião hoje?

— Sim. Um grupo investidor quer fechar contrato com nossa assessoria e eu vou intermediar isso.

Ele coloca Sara em uma banqueta infantil e busca no armário seus utensílios para o café da manhã.

— Nesse caso a Aldria não deveria estar presente? Ela e Júlio que cuidam disso, não é?!

— Deveria, mas ela viajou com meu irmão, lembra? E além do mais, eu conheço a advogada deles, Dra. Deborah.

— Deborah? A mesma Deborah do restaurante?

— Sim. Ela mesma.

— Hum...

Volto minha atenção para minha busca por itens para um bom café da manhã, começo a abrir e fechar os armários novamente não conseguindo focar em nada.

— Onde estão as coisas aqui?

— O que precisa?

— Nada, eu me viro. Vá para sua reunião ou vai se atrasar. — Bato a porta do armário e vou para a geladeira.

— Está tudo bem?

Viro-me para Olavo e seus olhos estão fixos em mim, avaliando minha mudança de humor repentina. Preciso acalmar minhas ações. Não posso agir dessa forma, afinal de contas, ele é solteiro.

— Sim. Tudo certo. — Dou um falso sorriso.

— Tudo bem. Tchau, princesinha. A Lolo vai cuidar de você e o Dinho vai trabalhar, mas eu não demoro.

— *Bejo*, Dinho! — Sara acena para ele.

— Eu prometo não demorar mais do que o necessário.

— Assim espero, Olavo. — Encaro seus olhos.

Ficamos assim por um breve momento até que ele sai da cozinha me deixando com a garganta travada pela vontade de falar tudo que me deixou irritada nesse breve momento.

Acredito que eu esteja me iludindo com a possibilidade de mostrar algo que ele nunca quis ver. Faz parte do ser humano se adaptar com as situações e acontecimentos pelo caminho, mas nossa essência sempre prevalece e a dele não vai mudar.

Finalmente Sara tirou sua soneca da tarde. Já passa das treze horas e nada de Olavo. Já tentei o celular e deu caixa postal, estou começando a chegar no meu limite. Sinto como se fosse a boa esposa que está em casa cuidando dos filhos enquanto o marido está por aí na esbórnia.

Sento no sofá e pego meu celular pela milésima vez desde que ele saiu e novamente tento ligar para o seu número. Como das outras vezes, não tive sucesso. Minha raiva gradativamente vai aumentando e o que era um incômodo começa a se tornar desespero.

Escuto a fechadura da porta sacudir e por ela passa o tormento da minha aflição, Olavo Gouvêa. Levanto do sofá rapidamente e cruzo meus braços, encarando a figura a minha frente.

— Onde estava?

— Boa tarde para você também, dengueiro.

— Sem palhaçadas, Olavo. Onde você estava?

— Trabalhando. Eu te avisei sobre isso — ele responde sucinto e sai em direção a cozinha.

— Até agora? Isso não era só uma reunião de intermediação?

— Sim. A coisa se estendeu, só isso.

Ele tem a geladeira aberta, está vasculhando em busca de algo. Sua forma desprendida termina de ativar meus nervos e no impulso eu vou até ele e bato a porta da geladeira, encarando-o.

— Qual é, Lola?

— Eu que te pergunto. Você estava em reunião ou estava com ela?

Olavo fita meu rosto com irritação e incômodo, seus lábios não se movem, não tenta explicar nada. Isso é o suficiente para eu entender tudo que aconteceu.

— Você realmente não vale nada!

— Foi você que colocou os termos e eu os aceitei.

— E não esperou nem dois dias para achar uma vadia?

— Lola, você que disse “sem sexo” e, quando te questionei, você afirmou que eu poderia me aliviar desde que não fosse com alguém do nosso convívio. Ela não é! — Ele parece irritado.

— Estou indo embora.

— O quê? Espera. Como assim?

— Espera? Olavo, você é o ser mais egoísta que eu já vi. Eu realmente pensei que com

tudo isso acontecendo ao seu redor, você talvez pudesse mudar e enxergar a vida de outra forma, mas pelo visto, não. Você nunca vai mudar.

— O que você quer de mim? Eu te pedi ajuda, isso tudo é um teatro, Lola. Eu não vou bancar o namorado babaca e fiel — ele esbraveja.

— Claro que não vai. — Sorrio com escárnio. Viro-me para sair dali. Preciso de espaço.

— O que você quer de mim, Lola? — sua pergunta me para e torno a olhá-lo.

— Nada. Absolutamente nada. — Sinto uma lágrima cair pela minha face e rapidamente limpo-a, seguindo meu caminho.

Entro no meu quarto trancando a porta e deito na cama. Não conseguindo conter tudo que estou sentindo, choro. Desabo em lágrimas revoltas, não por ele, mas por mim mesma. Ele nunca seria diferente, eu poderia lhe mostrar o melhor do mundo como namorada e mesmo assim ele tenderia a sair da linha. É sua natureza.

Meu choro aumenta e eu começo a soluçar, soco o travesseiro ao meu lado algumas vezes só para descarregar a raiva que toma conta dos meus sentimentos.

Entrei nesse jogo com a esperança de algo que nunca vai acontecer. Antes eu tinha dúvidas, mas hoje a certeza me mostra que nada vai funcionar como eu havia imaginado.

Escuto um choro e levanto para verificar Sara. Eu a deixei dormindo no quarto do Olavo já tem um tempo.

Chego no quarto e estaco na porta com a cena. Olavo está sentado na cama, debruçado sobre a pequena e passando suas mãos carinhosamente em seus cabelos. Ele fala algo baixinho, que a faz parar seu choramingo e sorri para ele. O safado sabe dobrar qualquer mulher, não importa a idade.

— Ela está bem?

— Sim. Vou fazer uma mamadeira para ela.

— Deixa comigo. — Não espero confirmação e parto para a cozinha.

Estou terminando o preparo da mamadeira, concentrando-me totalmente na tarefa a fim de tentar desanuviar meus pensamentos. Eu não sei como iremos a partir daqui e eu acho que o melhor é eu sair de cena o quanto antes.

— Desculpe.

Escuto sua voz baixa próxima de mim, estava tão distraída em meus pensamentos e na minha tarefa que não percebi Olavo se aproximar.

— Pelo quê? — Olho-o e ele tem a decência de parecer envergonhado.

— Por tudo. Te colocar nessa confusão, sair e te deixar com Sara sozinha e principalmente, ter feito o que fiz.

— Não temos nada, não é? Como você mesmo disse: isso é um relacionamento não convencional. — Sorrio sem humor.

— Mesmo assim, eu deveria ser mais discreto com isso. Agi por impulso, Lola, eu não pensei direito...

— Você nunca pensa direito, Olavo. Vou levar a mamadeira da Sara. — Tento passar, mas sou parada por ele.

— Estamos bem?

— Eu ficarei bem. Não se preocupe.

Ele solta meu braço e saio da cozinha o mais rápido que consigo. Eu não deveria ficar feliz com isso, mas levando em conta o histórico de Olavo e o fato de ele me pedir desculpas e admitir que o que fez foi errado, é um avanço e tanto.

Olavo nunca se arrepende do que faz. Ele sempre disse que na vida existem ações e consequências, e para que nada de ruim aconteça, faça o que é certo da primeira vez. Muito prepotente, mas é o modo de ele agir.

Ouvir seu pedido de desculpas me chocou realmente. Tentei agir naturalmente, apesar da vontade de fazer vários questionamentos a ele. Calei minha boca e mantive minha postura fechada, assim ele não acha que já ganhou meu perdão.

Posso ser apaixonada por ele há muito tempo, infelizmente esse sentimento eu não consegui mudar ainda. Agora, se ele pensa que por isso eu vou desculpar cada besteira que ele fizer, com facilidade, está muito enganado.



Capítulo 10
Que merda está acontecendo contigo, larva?

Olavo

Assim que Lola sai da cozinha eu levo minhas mãos à cabeça esfregando com fervor. Estou claramente irritado e confuso. Essa mulher sempre foi uma incógnita para mim e agora parece ter piorado. Um labirinto seria muito mais fácil de desvendar do que os pensamentos de Lola, que age de uma forma, fala outra e seus olhos me mostram algo completamente diferente.

O que eu fiz hoje foi errado, eu sei que foi. Ouvi uma voz chatinha na minha cabeça alertando a todo momento que estava fazendo uma cagada épica, mas como sempre quero provar que sou dono das minhas ações. Acabei me apegando ao seu discurso no nosso almoço e o levei como desculpa para transar com a Deborah.

Se ao menos tivesse sido uma boa foda eu diria que valeu a pena, mas não foi. Eu senti muito mais coisas, ontem, deitado naquele sofá tendo Sara e Lola comigo, do que transando com aquela mulher. Fora que meus pensamentos em nenhum momento saíram dessa pequena fada que consegue tirar meu foco com um pequeno sorriso.

Demorei dois anos para voltar a procurá-la, mesmo que por diversas vezes eu tivesse estado perto de fazer isso, passando sempre em frente à Studio ou abrindo o aplicativo de mensagens para ver sua foto e verificar seu status. Eu não menti quando disse que ela foi o mais próximo de um relacionamento que já tive e quando tenho a chance de tê-la novamente para mim, sentir seu corpo junto ao meu, acabo fazendo merda.

Eu achei que seria fácil esse arranjo. Conseguiria vê-la, ter um bom tempo com ela e ao mesmo tempo tiraria minha família do meu pé. Era para ser perfeito, mas quando envolve essa branquinha de cabelos amendoados e olhos marcantes, o simples se torna complicado e muito confuso.

Vou até o quarto e vejo Lola com metade do corpo deitado na cama falando algo para a Sara, enquanto ela mama. Um calor enche meu peito, meu coração acelera e sinto uma enorme vontade de eternizar esse momento. Pego meu celular do bolso, abro a câmera e registro. Nenhuma das duas se deu conta da minha presença ainda e a foto fica com tom muito natural. Simplesmente perfeito.

— Olá, minhas princesas.

— Oi, Dinho! — Sara solta a mamadeira para falar comigo.

— O que acham de irmos ao parquinho?

— Ebaaaa! — Sara festeja e Lola ainda não me olha ou se manifesta.

— Maravilha. Eu vou tomar um banho e vamos. Tudo bem por você, Lola?

— Claro. Venha, Sara. Vamos pegar uma roupa linda e nos trocar no meu quarto — ela responde sem me olhar.

— Vamo! — Sara dispensa a mamadeira e se levanta, saindo com Lola do quarto.

Que merda está acontecendo contigo, Olavo?

Questiono meus pensamentos com pesar. Toda essa ideia parecia muito certa na minha mente, foi só eu colocar em prática que as coisas começaram a mudar. Ela sabe que eu não nasci para relacionamentos, nunca menti sobre isso.

Era para ser fácil, gostoso e prático. Ela me ajudaria, de quebra teríamos um bom momento juntos e daqui uns meses, sei lá, seríamos bons amigos e cada um seguiria seu caminho.

Balanço a cabeça e vou para meu banho, quem sabe a água consiga lavar um pouco dos meus pensamentos e eu volte a raciocinar com clareza e principalmente, não permita que essa fada confunda minha mente.

Visto uma bermuda branca, camisa polo verde e um *sapatênis*. Pego meus óculos de sol no aparador e saio em busca daquelas duas. Escuto risadas no corredor e quando entro no quarto, Sara está vestida e pronta, sentada na cama enquanto Lola penteia os cabelos dela.

— Não vai se trocar?

— Eu não vou. É melhor você ir com ela, tenho que voltar para meu apartamento e trabalhar em algumas coisas. — Ela não me encara e fico puto.

— Beleza! — respondo, ríspido, e saio do quarto.

Eu sei o que ela está fazendo. Lola quer se afastar novamente. Eu fiz merda e ela vai partir. Como foi há dois anos.

Não exatamente como foi, pois dessa vez foi ela quem deu as cartas e deixou claro a minha condição, eu só cumpri o que estava dentro do acordo.

— Vamos, princesa? — Sara se joga em meus braços — Tem certeza que não quer vir?

— Tenho.

— Eu te levo para casa, então.

— Não precisa. Já chamei um *Uber*.

— Você quem sabe.

Eu não vou implorar, de jeito nenhum.

Saio com Sara em meus braços, cometendo todos os tipos de tortura contra mulheres complicadas na minha mente. Ela ferve meu sistema de uma forma que nunca ninguém conseguiu, sua forma de agir, de me olhar, faz eu questionar minhas atitudes e odeio isso.

Eu sou o que sou e não vou lamentar isso. Não vou ser um paga pau de mulher como meu irmão e os caras se tornaram. Isso não é para mim, nunca foi e ela precisa entender isso.

— Dinho, a Lolo não vai?

— Ela tem que trabalhar, princesa. Seremos só você e eu.

Coloco minha afilhada na cadeirinha do carro e saio. Se não fosse pela pequena, já teria mostrado de outra forma para Lola como as coisas funcionam e o quanto funcionamos bem com ou sem acordo.

Já é tarde da noite, aproveitei a ligação da minha mãe para perguntar da Sara e inventei uma desculpa para deixá-la com ela. Agora, rumo para a casa da minha doce e teimosa namorada de mentira.

Passei a tarde toda pensando nela e no que disse - ou não disse - para mim. Cheguei à conclusão de que as coisas não vão fluir tão fáceis assim.

Lola é uma mulher de fibra, caráter e mesmo ela mentindo, sei que está fazendo em minha consideração. Já que ela está sacrificando sua conduta, eu também posso fazer algum esforço.

O difícil mesmo vai ser ficar sem sexo. Eu não sei por quanto tempo teremos de fingir isso. Não transar já é bem ruim, ter ela por perto e não fazer nada é ainda pior. Por Deus, preciso convencê-la de que podemos funcionar com um entrosamento mais íntimo ou estarei fodido.

— Oi.

— Oi, Lola, sou eu — chamo no interfone do seu prédio.

Após um breve silêncio, escuto a trava do portão abrir, liberando a minha entrada.

Subo as escadas ansioso, minhas mãos estão molhadas e eu não sei para que tanta aflição. É só a Lola, a mulher que já saí diversas vezes, mas que tem o dom de mudar meus pensamentos assim que a olho.

Paro por um momento em frente a sua porta e antes que eu possa bater, ela se abre e aqueles lindos olhos marcantes me encaram com um misto de confusão e curiosidade. Sorrio de lado, sei exatamente o que quero e vim buscá-lo.

— Boa noite, denguinho. — Avanço até ela, não dando tempo de reação, e a beijo.

Sua boca como sempre tem um gosto viciante. Nunca consegui entender isso, mas beijá-la sempre me trouxe um sabor reconfortante, como se nossas línguas sempre soubessem o que fazer e fossem destinadas a isso.

Minhas mãos que seguravam sua cintura com força escorregam por sua bunda e eu a suspendo em meu colo. Lola não oferece nenhuma resistência, circulando as pernas em meu quadril. Com as mãos ocupadas, bato o pé na porta para fechá-la.

Caminho até a pequena mesa que ela tem na cozinha e a coloco sentada sobre ela. Findo

nosso beijo e olhando em seus olhos, pergunto:

— O que você quer hoje, Lola? — Seu rosto cora, eu sei que ela está lembrando.

— O o-que vo-você quiser... — Ofegante. Gosto disso.

— Não. Você sabe que não é assim que funciona, denguinho. Eu preciso saber exatamente o que farei para deixar sua boceta molhada e seu corpo em êxtase. Agora diga, o que você quer?

— Que você beije... aqui... — Como sempre tímida, ela aponta para sua boceta.

— Só beije? — Sorrio, puxando uma cadeira e me sentando de frente para o perigo.

— Olavo... — Eu a advirto com o olhar.

Ela sabe como isso funciona. Gosto do jogo e sei que isso a deixa ainda mais excitada, mas sua timidez acaba fazendo-a recuar, o que é claro que não vou permitir hoje.

— Chupar também.

Lola veste uma camiseta gigante de algum personagem da Disney, suas coxas estão expostas e as pernas abertas o suficiente para eu ver sua calcinha branca. Deslizo minhas mãos por sua panturrilha, subindo vagarosamente enquanto analiso meu alvo, sua boceta.

Escuto seu ofegar quando meus dedos alcançam o cóis da calcinha e a puxo devagar para baixo, liberando sua preciosidade para meu deleite. Pois sim, é um grande prazer poder ver uma boceta, principalmente quando ela já está tão excitada e sedenta como a de Lola.

Eu amo bocetas, nunca vou negar isso. Algumas chamam mais a atenção que outras, mas no geral elas são encantadoras.

A anatomia de Lola foi totalmente agradável aos meus olhos. Eu diria que foi quase amor à primeira vista por uma boceta. Ela tem um desenho perfeito entre as pernas, toda rosada, delicada e bem feitinha. Minhas mãos ficam enormes em volta dela, sinto como se pudesse estragá-la se fosse mais bruto, mas no fundo sei por experiência própria o quanto ela aguenta e gosta da minha intensidade.

Ainda não olhei para Lola novamente e sei o quanto isso a deixa excitada. Ela gosta de ser admirada e eu amo admirá-la. Percorro minhas mãos com delicadeza até seu traseiro e a trago mais para frente, ficando cara a cara com essa delícia suculenta.

Inalo seu cheiro e fecho os olhos, aproveitando esse momento de antecipação. O seu corpo ferve, posso sentir. Olho para seu centro novamente e sorrio.

— Ah, que saudades eu senti de você.

Mal termino de falar e ataco-a com fervor e ânsia, todo meu controle se esvai e fecho os olhos gemendo de prazer, sentindo seu gosto na minha boca. Sugo toda a sua umidade e movimento minha língua em seu ponto de excitação. Ela grita e tenta empurrar minha cabeça,

mas travo minhas mãos que passam por baixo das suas pernas e seguram firmemente sua bunda, mantendo-a exatamente onde preciso.

Meu pau que já estava duro desde que a vi nesse pijama ridículo, agora baba de vontade de entrar nesse canal. Ele sabe, reconhece o que é bom e deixou saudade, está louco para relembrar os velhos tempos.

Não agora, amigo. Estamos em uma missão aqui.

Alivio um pouco a intensidade com que a devoro e paro de sugar sua boceta para dar somente lambidas espaçadas. Ela relaxa as pernas e geme baixinho. Quando sinto seu corpo acostumado com esse carinho leve, volto a sugá-la com força e mais uma vez ela grita de prazer.

Dessa vez não paro e intensifico meu ataque ao seu clitóris, sua boceta fica ainda mais lubrificada. Não resistindo, desço minha língua e a enfio em seu canal. Ambos gememos e eu finalmente tomo da minha bebida predileta, o gozo da Iolanda.

Suas pernas tremulam por alguns segundos, alivio o aperto das minhas mãos e começo a beijar seu ponto sensível com delicadeza.

Passo a língua por toda sua extensão, limpando e sugando cada gota do seu prazer. Termino meu trabalho dando pequenos beijos na sua vulva e desço para sua coxa direita, sei que ela tem cócegas ali.

— *Pa-para...* — ela fala, ofegante, e afasta minha cabeça com a mão e acabo permitindo.

Apoio minhas costas no encosto da cadeira e agora sim encaro seu rosto. Ela está lindamente ruborizada, seus cabelos revoltos caem em cascatas pelos ombros e um sorriso satisfeito, apesar de discreto, em seus lábios. O verdadeiro encantamento da sereia.

— Continua com o mesmo gosto: viciante, intenso e delicioso.

— *Para* com isso. — Ela acerta um tapa no meu braço e fecha as pernas, descendo da mesa.

— Só falei a verdade.

— Você é muito sem pudor, Olavo.

— Sou honesto e falo o que penso. Sua boceta é linda e viciante, eu não posso negar isso.

— Bom saber. Vou colocar no meu cadastro do *Tinder*.

— Você tem *Tinder*? — Seguro seu pulso quando ela tenta contornar a cadeira.

— Claro que não, né? — Respiro aliviado. — E se tivesse, qual o problema?

— Nenhum — respondo, levantando-me da cadeira. — Lola, eu vim aqui conversar com você, pode ser?

- Ah, agora quer conversar? Depois desse ataque sem sentido?
- Não foi um ataque e você sabe disso. Só matei a vontade de ambos.
- Safado. — Ela torce a boca e eu rio.
- Nunca disse que não era.
- Isso eu já percebi há muito tempo. — Ela sorri, mas sei que foi sem vontade.
- Lola, eu quero reaver os termos desse nosso acordo.



Capítulo 11
A[♥]stume-se, [♥]lavo. Eu sempre ven[♥]ço!

Lola

Continuo estacada na cozinha, encarando Olavo. Eu não tenho a menor ideia do que ele pretende com tudo isso e confesso que estou bem apreensiva. Talvez ele tenha vindo terminar o que eu não tive coragem de concluir no apartamento dele, findar toda essa palhaçada.

— Que bom que veio. Assim podemos acabar logo com isso.

— Concordo. — Ele balança a cabeça em afirmativo, levando sua mão até a nuca.

— Acho que não precisamos prolongar isso mais do que o necessário. Você simplesmente se vai e...

— Espera. — Ele me olha, espantado. — O que você quer dizer com isso?

— Você disse que queria reaver os termos.

— Sim, reaver e não terminar. Eu não vou largar você, Lola! — Sua voz se altera e ele me olha tão surpreso quanto eu. — Quer dizer... eu... eu preciso dar um jeito na minha situação e eu quero você... também — ele fala, incerto, e continuo encarando-o.

— Como assim, Olavo? Eu não estou entendendo mais nada. Você saiu hoje pela manhã e transou com outra e não teve nem a decência de tentar me poupar disso!

— Você preferiria que eu mentisse? Te enganasse?

— Não! Eu... ah, sei lá! — falo, aflita.

— Eu segui seus termos, Lola! Foi você quem disse que não rolaria nada conosco e me deu passe livre!

— Não foi bem assim! Você só se apegou com a informação que lhe interessa.

— O seu problema é que você nunca diz o que realmente pensa e eu fico maluco com isso.

— Maluca fico eu, que tinha uma vida tranquila e em ordem até o vendaval Olavo resolver bater à minha porta.

— Por que você está gritando?

— Porque você gritou primeiro!

Olavo avança sobre mim da mesma forma que fez quando chegou, logo sua boca encontrou a minha e eu mais uma vez não ofereci qualquer resistência. Negar o que sinto quando estou em seus braços não é uma tarefa fácil. Nas mãos dele o banal se torna arte.

Ficamos assim por um tempo, só nos beijando e consumindo uma vontade que nunca tem fim. Acredito que o vício em alguma droga se assemelhe a isso, uma ânsia sem limite e que faz querer cada vez mais.

— Eu quero você... preciso... — Olavo murmura entre os beijos.

— Nós temos... que... conversar... — Tento recobrar minha racionalidade.

Olavo finaliza nosso beijo e com a testa encostada na minha, solta o ar dos pulmões. O desejo e razão estão brigando dentro dele, tanto quanto dentro de mim.

— Vamos conversar — ele decreta, se afastando de mim.

Ele contorna a mesa, puxando uma cadeira e se sentando. Sua mudança de postura me deixa surpresa, não sei como ele consegue fazer isso.

— Ok! — respondo, me jogando na cadeira à sua frente.

— Quanto mais rápidos formos com isso — Ele inclina seu corpo para frente, apoiando os braços cruzados sobre a mesa —, mais rápido podemos foder.

— Grosso! —

— É a verdade. — Ele dá de ombros.

— Pode começar, senhor honesto.

— OK! Eu fiz merda e já me desculpei. Mas você tem que admitir que fez suas escolhas quando me propôs aqueles termos no restaurante.

— Depois da nossa primeira conversa, eu achei que você realmente iria querer tentar algo. Ser mais aberto e disposto, mesmo com esse lance de relacionamento não convencional.

— Entendo. Acho que nós confundimos tudo e eu assumo minha maior parcela de culpa nisso, já que eu te coloquei nessa situação.

— E o que faremos agora?

— Mudamos o combinado inicial. Eu ainda preciso da sua ajuda, não vou negar. Lola, eu sinto um puta tesão em você, gosto da sua companhia e nós nos damos bem. Vamos esquecer essa coisa de transar. Vamos deixar a coisa rolar naturalmente.

— Você... você *tá* falando exatamente do quê? Um namoro?

— Eu não curto rótulos e não, não é um namoro. Eu não tenho vontade de me prender, isso é um fato. Só quero que as coisas aconteçam entre nós de maneira natural. O que rolar, rolou.

— Sem terceiros? — Ele sorri.

— Sem terceiros. No dia em que eu quiser outra pessoa você será a primeira a saber.

— Entendi... Então, isso tudo ainda tem um prazo para acabar? — a pergunta sai em lamento e me odeio por isso.

— Lola, nada na minha vida foi eterno e eu realmente não acredito nisso. Enquanto

funcionar para ambos, vamos aproveitando. Pode ser assim?

— E seus pais?

— Até lá isso já estará resolvido.

Ficamos nos olhando por alguns momentos, eu tentando entender tudo que foi dito, está tudo tão claro, mas a dúvida cresce na minha cabeça.

Quanto tempo?

Acredito que esse será meu novo mantra. Pouco foi dito, mas muito me deu para pensar, até minha libido, que estava totalmente acesa, agora está paralisada tentando processar o que saiu da boca dele.

— Temos um acordo, Lola?

— Temos. — Sorrio para ele.

— Maravilha. Agora vem aqui para eu terminar o que comecei.

— De jeito nenhum. — Olavo me encara chocado.

— Por quê? Já definimos tudo e...

— Você não vai se dar bem hoje, namorado. A coisa toda vai ter que rolar naturalmente e no tempo certo. Hoje não é o dia! Você vai me dar um beijo de boa noite e partir. Quando chegar no seu apartamento vai me mandar uma romântica mensagem de boa noite e dormir.

— Tá de sacanagem... — Sua voz transparece o desgosto do que eu digo.

— Não. Não estou. — Levanto da mesa e cruzo meus braços.

Novamente passamos um tempo nos encarando até que ele bufa e se levanta da mesa, caminhando para a saída.

— Você venceu, denguinho. — Ele para na porta e me puxa para seus braços.

— Acostume-se, Olavo. Eu sempre venço!

Seus lábios tocam os meus, sua mão transpassa os fios de cabelo da minha nuca e ele me beija delicadamente. Isso é bem raro de acontecer, tudo com Olavo costuma ser avassalador. Sentir seus lábios, sua língua em uma dança lenta e gostosa, aquece meu coração bandido.

— Boa noite, denguinho.

— Boa noite, dengão.

Olavo se afasta de mim andando de costas e ainda me encarando. Sorrio para sua cara de lamento, já que as coisas não estão terminando como ele estava planejando e finalmente consigo fechar a porta.

Meu riso aumenta e começo a pular e correr no mesmo lugar extravasando toda a tensão que passei hoje. Corro até meu sofá e pulo em cima dele feito uma maluca, o sorriso nunca deixando meus lábios e o coração pulsando com pressa e alegria.

Jogo meu corpo de costas no sofá caindo deitada, ainda sorrio quando cruzo os braços embaixo da minha cabeça e fico olhando para o teto. Meu sorriso morre aos poucos e começo a processar tudo que aconteceu em menos de vinte e quatro horas. Como sempre Olavo consegue causar uma miríade de sentimentos, acontecimentos e mudanças dentro de mim.

Saber que ele me quer, independente da ajuda, faz eu me sentir bem melhor em relação a tudo. É como se não fosse uma mentira completa o que iremos fazer.

Penso sobre o que ele disse dos terceiros e é essa parte que me deixa tensa. Não sei se ele será capaz de cumprir com isso, Olavo sempre foi muito independente sobre suas escolhas sexuais, nunca gostou de ser podado nesse sentido.

Bom, nunca saberei se não tentar. Uma coisa é verdade, Olavo cumpre o que promete e se ele falou que isso vai ficar somente entre nós, então não haverá terceiros. Ele terá esse voto de confiança e realmente espero não me arrepender disso.

Meu celular apita na mesa, levanto em um pulo e corro até ele.

Olavo — Cheguei bem, vivo, sozinho e de pau duro.

Gargalho com vontade e rapidamente respondo.

Eu — Fico feliz em ler isso. Sobre estar de pau duro, bem, nada te impede de praticar amor próprio... RS...

Olavo — Amor próprio vai ser meu pau batendo no fundo da sua garganta em breve, sua safada!

Eu — Cho.ca.da. Não se fala esse tipo de coisa a sua nova namorada, sabia?

Olavo — Prometi a ela ser sempre honesto

Eu — Você não vale nada, Olavo Gouvêa.

Olavo — Nunca disse o contrário.

Eu — Boa noite!

Olavo — Boa noite, denguinho. Meu consolo é que ainda posso sentir o gosto da sua boceta molhada na minha boca. Ah, que delícia. Se você deixar, posso voltar aí e fazer tudo de novo.

Eu — Tudo no seu tempo, lembra?

Olavo — Puta merda! Boa noite, Iolanda.

Rio do seu temperamento. Por vezes penso que Olavo é uma criança de cinco anos que

acha que pode impor sua vontade e conquistar tudo na marra. Ele com certeza é emocionalmente imaturo e o pior, isso acaba o tornando ainda mais encantador.

Meu telefone toca em algum lugar, só que mal tenho forças para abrir meus olhos. Toda aquela agitação de ontem rendeu uma bela insônia e para tentar fugir um pouco da euforia, peguei uma nova série para ler.

Sou apaixonada por livros, romances são meu fraco, principalmente os picantes. Comprei há pouco o primeiro livro de uma série de motoqueiros. Bom, na verdade a história é de uma mocinha bem valente, que vai para o moto clube do seu pai quando ele está muito doente. Chegando lá ela conhece o Doc. *Meu paizinho, me abana!* O cara é perfeito! Fiquei apaixonada pelo livro e acabei devorando-o inteiro.

Preciso anotar na minha agenda para comprar logo o segundo da série, Aranhas Moto Clube, da autora Mari Sales. A mulher arrasa na escrita e eu com certeza estou morrendo por todos os livros dessa série.

Abro um olho e tateio a cama na busca do meu celular escandaloso. Eu o localizo e verifico a tela, é minha mãe. Esqueci completamente que hoje é domingo e que normalmente quando não vou visitá-los, ela me liga domingo pelas manhãs para conversarmos.

— Alô. — Minha voz grossa não esconde o que eu estava fazendo.

— Oi, filha. Ainda dormindo?

— Sim, mãe.

— Tadinha. Vou deixar você dormir, conversamos depois.

— Não. Pode falar, eu já tinha que levantar, mesmo.

— Ah, não é nada demais, filha. Quero saber como você está.

— Tô bem, mãe. Trabalhando muito.

— Você precisa sair mais. Aproveite sua vida, filha.

— Mãe...

— Iolanda, eu falo sério. Há quanto tempo você não namora?

— Mãe...

— Nada de mãe! Você é nova, precisa se divertir, ter um namorado e esquecer de uma vez por todas o tal do Otávio!

— Mãe, é Olavo! Quantas vezes terei de repetir? Além disso, ele não tem nada a ver com minhas escolhas.

— *Tanto faz o nome daquele moleque. E você sabe que tem sim, Iolanda. Ele te fez de boba e você agora acha que qualquer homem vai fazer.*

— Mãe, não é bem assim. Eu já superei essa história, só meu foco que não está em arrumar um homem. Eu tenho minhas prioridades.

— *Aproveitar a vida também é prioridade, filha.*

— Tá, mãe, já entendi. E meu pai, como está?

— *Do mesmo jeito, filha. Ranzinza, brigando com o ajudante da padaria e xingando os meninos que ficam parados na entrada todo dia.*

— Eles ainda ficam aí?

— *Sim.*

— Eu imagino a irritação dele. Acho que semana que vem consigo ir para Pinda. Vou tirar um dia de folga e aproveitamento para ficar aí.

— *Que maravilha, meu amor. Vou avisar seu pai, ele ficará deslumbrado.*

Meu celular toca a segunda chamada e confiro a tela, vendo que Olavo está me ligando.

— Mãe, tenho outra chamada, preciso desligar. Nos falamos mais tarde.

— *Tudo bem, meu amor. E não esquece, aproveite a vida, Iolanda.*

— Tá certo, mãe. Beijo! — Encerro a chamada, atendendo Olavo em seguida. — Oi.

— *Bom dia, dengquinho. Dormiu bem?*

— Sim, Olavo.

— *Nossa, que frieza com seu namorado que acordou em uma manhã de domingo de pau duro e pensando em você.*

— Perverso. Ligou só para isso?

— *Não, mas como estou em uma situação tensa, achei que valeria a pena você saber. Quero saber que horas te pego aí para irmos à casa da Amanda.*

— Às onze, pode ser? E a Sara?

— *Dormiu na casa da minha mãe. Vou pegá-la daqui a pouco.*

— Entendi. Bom, nos vemos mais tarde.

— *Pra que a pressa, dengquinho? Podemos namorar por telefone um pouquinho...* — Sua voz grossa e manhosa atinge em cheio minha libido.

— Não acho que isso funcionaria muito bem, Olavo.

— *Ah, funciona sim. O que você está usando? Diz que está peladinha. Hum, delícia... Só de imaginar sua bocetinha toda livre, fico com mais tesão.*

— Olavo! *Para já com isso!*

— *Namorada! Eu preciso gozar, sabia?*

— Pelo amor de Deus, Olavo. *Para de ser um perverso. Levante-se agora e vá buscar sua sobrinha.*

— *OK, namorada empata foda! Você venceu, de novo!*

— Acostume-se. — Sorrio.

— *Isso, Lola. Cante sua vantagem enquanto pode, depois que eu te pegar, você estará fodida. Muito bem fodida!*

— Tchau, Olavo! — Tento disfarçar o quanto ele me afeta.

— *Tchau, denginho!*



Capítulo 12

Eles vão perceber

Lola

Minhas mãos suam em excesso, estou no carro com Olavo e Sara, a caminho da casa de Amanda para conhecer seu filhote pessoalmente. Não consigo disfarçar meu nervosismo. Hoje tudo se torna oficial. Olavo vai me apresentar como sua namorada e mesmo no nosso novo arranjo, isso ainda é uma meia verdade.

Consegui passar despercebida pela Aldria, que estava empolgada com seu fim de semana com o marido e não se atentou muito à minha nova situação. Agora será meu teste de fogo. Aldria, Vega, Amanda e de quebra o Lucca. Eu não sei se sobrevivo a isso.

— Acalme-se. Vai dar tudo certo.

Olavo sente minha inquietação, coloca a mão no meu joelho e acaricia com cuidado. Olho para ele dando um meio sorriso que não atinge meus olhos. Por mais que ele me garanta que tudo dará certo, minha cabeça não para de martelar que isso é uma mentira.

— Eles vão perceber.

— Não, não vão!

— Os meninos são mais lentos, Olavo, mas passar pelo teste minucioso daquele quarteto não será fácil.

— Apenas relaxe e aja naturalmente, Lola. Não estamos mentindo, de fato estamos em um namoro e é isso que todos têm que saber.

— Nós não estamos em um namoro, Olavo.

— Ah, não? Bom, eu não saí com meus amigos ontem, não atendi nenhuma mulher, liguei para você hoje de manhã, estamos indo juntos a casa dos nossos amigos e mudei meu status na rede social para relacionamento sério com você. Para mim, isso é namorar.

— Você o quê? — Olho para ele tão assustada que ele fica surpreso.

— O quê? Ué, se estamos namorando, nada mais natural e correto que eu mude meu status. Andei pesquisando e isso é mais importante hoje do que uma aliança de compromisso, sabia?

— Olavo, seu idiota. Minha mãe vai ver. Ah, não! Tô perdida. Ela vai me matar!

— Por quê? Ela não gosta que você namore?

— Ela não gosta que eu namore você! — Levo minhas mãos à cabeça.

— Eu? Por quê? Sou um ótimo partido.

— Ah, Olavo. *Para* com isso, tá?! Ela sabe tudo que aconteceu no passado.

— *Eita*, aí fodeu!

— Pois é. Ela vai me matar.

— Não vai, não. Eu falo com ela, se for preciso.

— Você... você faria isso? — Eu não acredito no que acabei de ouvir.

— Claro. Tudo por você, denguinho.

Sorrio com vontade dessa vez, esse lado solidário dele é novidade, uma boa novidade. Meu nervosismo ameniza um pouco, começo a me sentir mais segura, sei o que ele ainda é, mas o fato dessas pequenas mudanças estarem tão presentes nas suas atitudes está começando a me encantar por um novo lado da sua personalidade.

Apesar do susto e da surpresa, gosto de saber que no seu status da rede social todas aquelas *periquetes* sabem que ele não está mais disponível. A minha coragem aumenta e resolvo fazer o que ele disse, vou entrar na dança.

— Chegamos — ele anuncia.

— Eba! — Sara grita do banco de trás.

Olavo estaciona e descemos em um belo condomínio residencial onde morava somente o Sr. Claudio, pai de Amanda. Com a vinda dos filhos, Vega e Aldria adquiriram propriedade aqui também e hoje moram na mesma rua.

Amanda mora no antigo apartamento de Antônio, ele fez questão que a irmã ficasse com ele quando se casou, já que com a mudança ele não utilizava mais o espaço.

Hoje, o almoço será na casa do avô, pelo que sei Amanda convidou somente a família, ou seja, isso vai ser mais intimista e limitado e as atenções que seriam do novo bebê da família ficarão divididas entre Olavo e eu.

Olavo pega Sara e eu pego o presente de boas-vindas. Subimos a escadaria da entrada e meu coração volta a bater descompassado. Respiro algumas vezes profundamente, Olavo olha para mim e sorri, sinto sua mão se encaixando na minha e entrelaçando nossos dedos, terminamos de subir as escadas.

— Lola! — Amanda grita assim que abre a porta.

Ela me abraça com força e sorrio. Como sempre ela é muito afetuosa e espontânea. Mesmo se tornando uma mulher casada e agora mãe, ela nunca vai perder esse jeito moleca de ser.

— Olá, Amanda. Você está maravilhosa! — Ela se afasta sorrindo e logo sua alegria vacila vendo quem está do meu lado.

— Olavo? Oi! — Sua surpresa é tão grande que ela se atrapalha em cumprimentá-lo.

— Olá, Amanda. Você está incrível.

— Tia Manda! — Sara grita no colo de Olavo, se jogando para Amanda.

— Princesa! Vem com a tia. — Sara vai para o colo de Amanda de bom grado. — Vem, gente, vamos entrar!

Acompanhamos Amanda, que nos guia por um corredor até uma linda área externa. Um maravilhoso jardim cerca a paisagem verde, com uma bela mesa de mais de vinte lugares, toda decorada em branco e azul. O jardim de rosas envolve toda a volta fazendo uma bela decoração no ambiente.

Logo reconheço as pessoas, minhas mãos voltam a suar e sinto o polegar de Olavo acariciando minha pele. Olho em sua direção e vejo um sorriso reconfortante, sorriso de volta e respiro fundo.

Chegou a hora de enfrentar a todos.

— Lolita! — Escuto o grito de Lucca, que vem em nossa direção.

Seus olhos se alargam exageradamente quando percebe as mãos de Olavo unidas a minha.

— Oi, Lucca! — Beijo seu rosto e Olavo o cumprimenta.

— Então a Mortícia não mentiu. Vocês estão realmente juntos!

— Claro que estamos — Olavo responde, convicto.

— Até o status na rede social o safado aí mudou! — Aldria chega à roda.

— Mudei. E para sua informação, cunhada, não sou mais o safado. Bom, pelo menos não com todas. — Ele me olha piscando um olho e eu coro.

— Disso eu sei e já presenciei. Esqueceu? — Aldria ri abertamente, deixando Olavo e eu sem jeito.

— Olá, primo. Oi, Lola. Como vai, querida? — Vega chega à pequena roda.

Seu rosto parece sereno, tranquilo, mas não me engano. De todos, Vega é a mais analítica e sei que ela está investigando qualquer indício do nosso repentino relacionamento. Ela não deixará nada passar batido.

— Onde estão os caras?

— Perto da piscina, Olavo. Tome, aproveita e leva essa jarra de suco para as crianças — Amanda responde e lhe entrega uma bandeja com uma jarra de suco e vários copos infantis.

— Sim, senhora. Denguinho, eu já volto. Qualquer coisa me grite. — Ele beija meu rosto e sai, me deixando sozinha com quatro pares de olhos questionadores encarando-me.

— Denguinho? Que porra é essa, Lola? Desembucha! — Como sempre, Aldria é a mais direta.

— Nada, gente. Estamos saindo e esse apelido é coisa antiga.

— Agora nos conte, lindoca! Como isso foi acontecer? Pensei que Olavo e você fossem página virada. — Lucca fala, conspirador.

— Realmente estou curiosa com isso. Justamente quando a família está colocando pressão, Olavo aparece com uma namorada. E não é qualquer uma e sim você, Lola. — Vega cruza os braços, me analisando.

— Gente, por favor. Vocês estão assustando a pobre coitada. Não liga não, Lola. Esse trio adora colocar todo mundo em saia justa, mas eu não posso negar, estou louca para saber como isso aconteceu — Amanda comenta.

— Eu adoraria contar tudo a vocês, mas antes quero conhecer o príncipe da festa.

— Ah, verdade. Fiquei tão empolgada com tudo isso que me esqueci de te apresentar pessoalmente ao meu Benjamim. Vem comigo, ele está dormindo.

Amanda sai da roda me puxando pelo braço totalmente esbaforida. Apesar de ser casada e mãe, ela não perde esse jeito meio moleca de ser. Essa personalidade extrovertida acaba encantando a todos e sem dúvida ajudou a fisgar seu lindo marido. A forma como Caio sempre a olha, cuida dela e faz todas as suas vontades, não deixa brecha para dúvidas de que ela é a sua razão de viver.

Seguimos de volta para dentro da casa até um cômodo próximo dali. Ela abre a porta com cuidado e um lindo quarto todo decorado com a temática da marinha enche meus olhos. Fico encantada com o lugar, é sereno, os tons em branco e azul trazem tranquilidade.

No meio do quarto há um grande berço em forma de barco, com um mosqueteiro branco que guarda um anjinho lindo.

— Meu Deus, Amanda. Ele é ainda mais lindo pessoalmente — falo quando ela abre o mosqueteiro e posso ver seu filho.

— Não é? Lola, eu nunca pensei que pudesse ser ainda mais feliz, mas olhar para o Ben me traz a certeza de que tenho tudo que preciso na vida.

— Amiga, parabéns. Seu filho é lindo. — Eu a abraço.

— Obrigada!

Volto a olhar para o pequeno serzinho ocupando a cama. Ele é pequeno, mas gordinho. Seus cabelos são pretos e fazem um contraponto lindo com sua pele branquinha. Fico observando, tentando desvendar com quem ele mais se parece, mas acho que ainda é cedo para definir.

— Lola, vai me dizer o que está acontecendo?

Sua pergunta me pega desprevenida e a olho assustada.

— Eu sei que tem alguma coisa de errado nisso. Nos falamos no começo da semana e você não disse nada. Até pouco tempo atrás eu estava com você todos os dias e nunca vi ou ouvi

nada a respeito dele.

— Isso foi recente. Bem recente.

— Repentino?

— De certa forma — respondo, evasiva.

— Lola. Olha *pra* mim. — Faço o que ela pede. — Eu sei que tem alguma coisa errada nisso, aliás, todos nós sabemos. Só estou preocupada com você.

— Não se preocupe, Manda. Eu ficarei bem. Olavo tem se mostrado diferente do que era antes e estamos vivendo algo mais honesto, por assim dizer.

— Você sabe da pressão da família?

— Sim, eu sei.

— Você não acha que ele pode, sei lá, estar te usando? — ela fala sem graça.

— Eu pensaria assim se ele tivesse escondido essa parte.

— Tem razão. — Ela respira aliviada. — Acho que estamos todos preocupados, pois é o Olavo. E sabemos como ele é.

— Sim, eu sei. Mas o conheço. Já tive minha cota de demonstrações do que ele é capaz.

— Ai, eu sei, amiga. Esquece tudo o que falei. Vamos aproveitar o almoço e colocar a fofoca em dia. Aldria ainda quer nos contar os detalhes do fim de semana de alforria que ela teve.

— Meu Deus!

— Pois é.

Sáímos do quarto rindo, eu me sentindo um pouco traíra por omitir algumas partes desse arranjo meu e de Olavo. Não acho que algum deles entenderia se eu fosse totalmente honesta e com certeza isso cairia no ouvido dos pais dele e a coisa desandaria de vez.

— Só sei que estou toda assada!

— Pelo amor de Deus, Mortícia — Lucca lamenta e todas rimos na mesa.

— Gente, por favor, como se vocês não fodessem feito coelhos. Aliás, conta aí, Lola. Como Olavo anda no sentido horizontal da coisa? Mudou muito nesses dois anos? — sua pergunta descabida chama a atenção de todos para mim.

— Ah, eu... não sei... ainda...

— *Pera!* Não! Você e ele não... transaram? — Aldria pergunta em voz baixa.

— Estamos esperando a coisa acontecer, sabe? Naturalmente.

— Transar a caminho do restaurante no primeiro encontro é o naturalmente do Olavo — Aldria praticamente grita.

— Ela tem razão. Isso não é perfil do meu primo, Lola.

— Tô bege! — Lucca exclama.

— Estamos tentando algo diferente, por isso vamos por um caminho diferente — justifico.

Os quatro pares de olhos ainda me encaram questionadores, não engolindo em nada tudo que estou dizendo. Realmente Olavo tem uma fama nada positiva nesse aspecto, até para mim que sei toda a real situação ainda é chocante saber que ele não transou comigo.

— Ah, gente. Isso é bom. Caio e eu também começamos assim.

— Mas acontece que você tinha cabaço! — Aldria aponta.

— Aldria! — Amanda cora.

— Menti?

— Não, amiga sem filtro. Mas se realmente Olavo está tentando algo novo com você, Lola, fico feliz que ele esteja tendo essa postura. Ao menos mostra que ele está aprendendo algo com tudo isso — Vega pondera, mas ainda vejo em seus olhos a desconfiança de tudo que disse.

— Meninas, mudando de assunto, mas não fugindo do tema da festa, eu tenho uma notícia!

— Desembucha, biba! — Lucca mostra a língua para Aldria, que devolve a gentileza.

— Eduardo e eu entramos com os trâmites para a adoção.

E o alvoroço se forma entre todos. Uma junção de abraços e beijos nos toma e a felicidade se torna completa naquele grupo.

Lucca começa a ser bombardeado de perguntas e questionamentos sobre o processo e como eles farão isso. Um grande alívio me toma por finalmente sair do foco deles e poder respirar um pouco mais tranquila.

Por mais que eu tenha dito meias verdades até aqui, ainda sei que vivo uma situação complicada e não dividi-la com as pessoas mais próximas de amigos que tenho, não me deixa nada confortável.



Capítulo 13

É hora de eu tomar o que é meu

Olavo

— Pelo visto minha cunhada delícia acabou mesmo contigo, hein?

— Isso não é da sua conta, pervertido. E pare de chamá-la assim — Júlio esbraveja da espreguiçadeira.

— Como vai, Olavo? — Caio me cumprimenta e entrega uma *Bud*.

— Bem, cara. Parabéns pelo menino.

— Obrigado!

— Olavo — Antônio me cumprimenta enquanto anda com Ana Luz pelo parquinho no quintal.

— E aí, cara?! Então, o que os machos castrados fazem de bom? — Adoro provocá-los.

— Cuidando dos filhos. — Eduardo chega ao meu lado e bate sua garrafa na minha.

— Entediante — falo com fingido cansaço.

— Até você achar a sua garota e entender que a vida era vazia quando ela não estava por perto — Antônio comenta.

— Me admira você falar isso. Pelo que fiquei sabendo você e Lola estão juntos — Júlio comenta.

— Sim, estamos. Mas eu não sou adestrado como vocês — falo, rindo, e bebo um gole da minha cerveja.

— Não, cara. Você não entendeu. Mas espero que um dia entenda — Caio fala com um sorriso contido no rosto.

— Tanto faz. Júlio, onde estão meus sobrinhos?

— Hum? — Júlio murmura, disperso.

— Estão na horta com Sr. Claudio — Eduardo esclarece.

— Júlio, seu babaca! Acorda, cara!

— Não enche, Olavo. Tô morto. Minha mulher acabou comigo.

— Arregão!

— Teu cú, idiota! Não tenho culpa se a minha mulher ama minha foda — ele se vangloria.

— Ela não conhece a minha, irmão — desdenho e pisco um olho.

— Nem vai, seu imbecil. Aliás, para um cara comprometido você está falando muito da

minha esposa.

— Tenho o suficiente para todas.

— Cala a boca, palhaço! — Júlio retruca.

— Ei, o lance com a Lola é sério? — Caio questiona, direto.

Todos me olham, esperando por uma resposta.

— Claro.

— Ótimo. Então corte essa merda! Você não vai estragar tudo com ela dessa vez, entendeu, Olavo? — Caio se aproxima de mim e eu o encaro.

— Ou o quê?

— Ou eu mesmo terei o prazer de te fazer comer suas próprias bolas.

— Isso é uma ameaça, Caio?

— Não. É um aviso. — Com isso ele sai andando, a caminho da área do jardim.

— Que bicho o mordeu? — pergunto enquanto me sento ao lado do meu irmão na espreguiçadeira.

— O mesmo bicho que mordeu a todos nós. Lola não é para brincar, Olavo. Se você a magoar, nossas esposas ficarão com raiva de você e provavelmente seremos o alvo delas. Então, não faça merda — Antônio esclarece, enquanto os outros balançam a cabeça em concordância.

— Tá legal. Já entendi. Sem merdas! — falo em sinal de rendição.

— Isso aí, irmãozinho. Não esquece que seu pescoço está à corte.

— Nem me lembre dessa porcaria.

— Espero que você não esteja usando aquela garota por conta disso, Olavo. Porque se for, eu mesmo faço questão de te castrar e assumo seu lugar na empresa — Júlio ameaça.

— Eu não vou estragar nada com ela e não é pela ameaça de vocês. Eu quero que isso dê certo de alguma forma, só me deixem agir do meu jeito.

— Esse é nosso medo — Eduardo enfatiza.

— Até você? — indago, espantado.

— Lucca parece bonzinho, mas você ainda não o viu no papel de mãe galinha daquelas mulheres. Tenho pena de você caso algo de ruim aconteça e Lola saia machucada.

— Fiquem tranquilos. Eu tenho tudo sob controle.

Não sei se afirmo isso para eles ou para mim. Ver a forma como todos se preocupam

com ela me incomoda. Eu nunca faria nada para magoá-la intencionalmente, sou um cara desapegado desse lance de namoro e monogamia, por isso sempre fui honesto.

Sei que vacilei no passado e que escorreguei legal há pouco tempo, mas as coisas serão diferentes agora. Eu não quero essa coisa de casamento e nem filhos, mas tê-la finalmente comigo me fez sentir coisas que há tempo não sentia.

Eu gosto da Lola, gosto da forma como ela me olha e claro, quando estamos juntos, quando nossos corpos se encaixam tudo fica perfeito, na medida.

Não fiz promessas e nem juras de amor eterno, mas lhe dei minha honestidade e fui franco quando disse que enquanto estivermos nesse namoro, farei com que seja a melhor coisa para nós dois.

Só não posso garantir que será para sempre.

Voltamos para a área do jardim onde vai ser servido o almoço. De longe avisto Lola, linda em um vestido estampado em tons claros. Seus cabelos cor de avelã estão soltos, a brisa bate com leveza contra eles e a forma como ela tenta contê-los é delicado e atraente.

— Fecha a boca, irmão, está babando. — Saio do meu foco e mostro o dedo do meio para ele, que passa por mim.

— Ele não mentiu — Antônio debocha, parando ao meu lado.

— Até você, cara? Ei, eu me lembro de vocês babando nas *esposinhas* há um tempo atrás.

— Ainda babamos, meu caro. Nossa diferença é que paramos de negar há um bom tempo.

Ele segue seu caminho junto dos demais que insistem com piadinhas e insinuações idiotas. Começo a me arrepender de ter insistido com Lola para oficializarmos isso neste almoço. Poucas pessoas, intimidade demais e alvo fácil, foi isso que acabou virando esse encontro.

— OLAVO! — *Me ferrei.*

Olho em direção do grito estridente e me deparo com a minha deliciosa cunhada, com as mãos na cintura e batendo o pé. Aldria em seu modo enfurecido é difícil de conter, se meu irmão não consegue, imagine eu.

Penso em todas as possibilidades para seu modo *Jiraya* entrar em ação e só consigo pensar que Lola fez alguma cagada épica e acabou entregando nosso acordo. A cada passo que dou temo pelas minhas bolas.

— Fala, cunhada linda! — Chego com meu sorriso fácil.

— Corta essa. Eu quero saber por que minha filha veio me perguntar o que era “pata

foda”.

Engulo em seco. Sinto como se areia arranhasse minha garganta à medida que ela se fecha. É muito pior do que pensei. Olho para minha afilhada, a coisa mais linda que já vi, me encara com os grandes olhos curiosos esperando por uma explicação. Volto meu olhar para Aldria e rapidamente cubro meu companheiro com uma das mãos. Melhor me garantir.

— Foi de um filme, Aldria. Estava passando os canais e parou em um filme de comédia ridícula e o cara falou isso. Você sabe como criança é, certo? Sara captou as palavras e questionou. Eu tentei explicar, mas no fim desisti e deixei para você — Lola toma a frente, explicando.

Respiro aliviado quando vejo a cara demoníaca da minha cunhada abrandar aos poucos. Ela volta a olhar para mim e respirando fundo, encara Sara.

— Filha, essa palavra é feia. Não pode falar, entendeu?

— Sim, mamãe! Viu, Dinho, não pode falar! — Ela aponta o dedinho mandão para mim.

— Claro, minha princesa. — Pego-a no colo e faço cosquinhas.

— Se safou por pouco, cunhado — Aldria adverte antes de ir para a mesa.

Olho em direção da Lola, que está um pouco distante e agradeço com um acenar de cabeça. Ela sorri em resposta e eu me perco naquela expressão. Tímida e contida, ela mostra tanto e ao mesmo tempo esconde tudo. Um mistério que eu sempre quis desvendar.

Por ímpeto vou até ela, enlaço sua cintura e dou um beijo contido em seus lábios. Senti uma necessidade súbita de estar perto, tocá-la, senti-la em minhas mãos.

— Sem *bejo*! — Sara nos separa, se colocando no meio.

— Vamos beijar a princesa! — Lola fala e ambos beijamos as bochechas gordinhas de Sara.

Ela gargalha no meu colo, tentando a todo custo se soltar do nosso ataque.

— Para! — ela grita. — Papai! Papai! — rindo ela pede ajuda.

— Oi, meu amor! — Júlio vem rindo em nossa direção.

— Socorro! — Ela mal consegue falar, rindo.

Júlio nos alcança e tira Sara do meu colo.

— Pronto, filha. Te salvei.

— Você é meu *pincipe*! — Ela abraça Júlio e todos rimos.

— Isso mesmo. Só o papai e o Dinho podemos ser seus príncipes.

— E o tio Caio?

— Esse também pode — Júlio responde.

— O tio *Tônio* também, né papai?

— Sim, filha!

— O que houve? — Aldria pergunta quando nos acomodamos na mesa.

— Só estamos definindo quem pode ser príncipe da Sara.

— Meio cedo *pra* isso, não acha? — Aldria questiona.

— É bom ela acostumar desde cedo.

Aldria solta uma gargalhada maléfica. Júlio e eu a encaramos, sinto até um arrepio incômodo, como se algo estivesse sendo tramado.

— Sonhem, idiotas!

— *Diota!* — Sara e Rodrigo gritam, juntos.

— Linda! — Júlio lamenta e Aldria tapa a própria boca.

— Crianças, não pode. Feio! — Ela tenta consertar com um meio sorriso.

Olho de longe e vejo todos eles nas cadeiras de descanso. Sinto algo tomar meu coração, sou realmente um cara apaixonado pela minha família. Apesar de não estarem todos aqui, fico muito feliz quando vejo uma reunião assim, juntos e alegres.

Olho para ela e vejo seu sorriso aberto, leve e pela primeira vez sinto-me parte do todo. Sempre gostei de estar com todos, mas sempre senti que algo não me encaixava no meio. Hoje me sinto parte disso. Ter Lola aqui completou um pedaço que sempre faltou e agora me dou conta disso.

— Pensamento longe, filho? — Sr. Claudio para do meu lado.

— Na verdade, não — respondo, ainda olhando para ela.

— Ah, o amor... Ele nos leva para longe mesmo estando perto.

— O que disse? — Volto-me para ele.

— Quando amamos, meu caro, é fácil sentir isso. Estar perto mesmo estando longe e muito longe quando se está perto. Nada mais se refere a você e sim a ela. Não se assuste se começar a acordar à noite e velar seu sono.

Solto um sorriso fraco, sem alcançar os olhos. Eu já fiz isso, na noite em que a coloquei para dormir no quarto de hóspedes do meu apartamento.

— E quando acabar? — questiono.

— Não acaba.

— Nunca? — Olho-o confuso. *Como isso é possível?*

— Nunca. — Seu sorriso reconfortante me deixa ainda mais intrigado. — Um dia, meu caro. Um dia você entenderá.

Volto a observar o grupo e meus olhos se encontram com os dela. Seu sorriso leve se torna tímido. Mantivemos assim por um tempo e com um pequeno sinal de cabeça ela entende que é hora de ir.

É hora de eu tomar o que é meu.

E ela... ela sempre foi minha!

No fim da tarde, logo após a conversa sem muito sentido ou, com muito significados que resolvi não processar no momento, chamo Lola e vamos embora.

No caminho para sua casa permanecemos em silêncio. Eu preso em meus pensamentos conturbados e no súbito tesão que me tomou, e ela... eu não sei dizer.

Algo estava diferente entre nós, a energia, sintonia, não sei definir um nome exato, até por não saber exatamente o que seja, mas está presente e está lá. Sinto que hoje é o início de algo novo, quero e preciso saber se ela está sentindo isso da mesma forma e o único jeito que sei fazer isso é no sexo.

Prometemos ir com calma e cautela, mas se eu for honesto comigo mesmo, isso já durou tempo demais. Nunca demorei mais de algumas horas para levar qualquer mulher para cama, adiar era algo que nunca fez parte das minhas intenções. Então, considero esses dias mais do que suficiente para o tempo que ela quis dar para que as coisas simplesmente acontecessem.

— Aconteceu alguma coisa? — Sinto hesitação na sua voz.

— Não.

— Tem certeza? Você ficou tão sério de repente.

— Já disse. Não é nada.

— Tudo bem, então. — Agora ela está chateada.

Olho em sua direção e ela mantém a cabeça para a janela, observando o caminho. Levo minha mão que estava no câmbio para a sua perna, sinto-a tencionar com meu toque, mas insisto ali. Faço círculos preguiçosos na sua pele, sentindo sua textura macia. Meu pau desperta dentro da calça e o arrepio que percebo na sua pele denuncia que ela está se afetando tanto quanto eu.

Subo minha mão até o topo da sua coxa e pressiono um pouco mais. Escuto seu arfar e

meu pau se agita em resposta. Massageio sua coxa com mais vontade, deslizo meus dedos entre suas pernas sem tocar meu objetivo.

— Olavo... — Como eu amo ouvir sua entrega.

— Sim? — Olho para ela como se não entendesse o que clamava.

— Não faz assim...

— Assim como? — Aperto com força o interior da sua coxa, bem próximo da virilha.

— Ah...

— Aposto que já está molhada. Não está, Lola? — Deslizo um único dedo por cima da sua calcinha e confirmo o que disse. — Sabia, já está pronta para o meu pau, toda pronta, sua gulosa.

Olho para seu rosto e ela está de olhos fechados, sua face corada a deixa ainda mais encantadora. Volto minha atenção para a estrada. No estado que estou ficando, se não chegarmos logo, vou causar um acidente.

Continuo acariciando sutilmente sua fenda através da calcinha, sentindo-a cada vez mais molhada. Meu pau já implora para sair e atacar e eu tento me acalmar de alguma forma. Seus gemidos, cada vez mais audíveis, estão tornando meu empenho cada vez mais difícil.

— Olavo... por favor...

— Shiuuu, denguiinho. Estamos chegando.

Agindo totalmente oposto do que eu esperava, sinto sua mão alcançar meu pau e apertá-lo com força. Gemo alto e quase perco a direção.

— Calma, denguiinho! Assim eu acabo matando alguém, ou nós dois.

— Você já está me matando aqui, Olavo — ela choraminga quando tiro sua mão da minha calça.

— Só mais duas quadras e faço tudo que você quiser. Não se preocupe, hoje nós vamos foder até tirar todo o atraso desses dois anos longe.

Eu a olho e vejo seu sorriso safado formar naqueles belos lábios. De hoje não passa, vou matar toda minha vontade dela e aproveitar para entender tudo isso que estou sentindo desde que a coloquei no meio desse enrosco.



Capítulo 14
Maldita Mera

Olavo

Não sei como subimos para o apartamento, já que minha boca não deixa a sua em nenhum momento. Quando paramos na porta do apartamento, ela se afasta, procurando a chave na bolsa. Eu a tomo das suas mãos e a encaro.

— Tire a roupa. — Seus olhos aumentam de tamanho, espantados com o que eu disse.

— O... o quê?

— Tire a roupa.

— Aqui? — ela olha em volta, questionando.

— Aqui. — Meus olhos incendeiam com o tesão que eu sinto.

Não sou um dominador, também não sou fã dessa coisa de bater, mas adoro uma sacanagem. Sexo convencional nunca fez muito parte do meu repertório e sempre curti correr um risco.

Lola sabe que não estou brincando e atende meu pedido. Timidamente ela começa a descer as alças do vestido, eu me afasto dela, encostando na parede oposta, observando o show.

Assim que as alças saem de seu ombro, seu vestido cai em cascata pelo seu corpo, formando uma poça em volta dos seus pés.

— Linda. — Aproximo-me, encostando-a na parede ao lado da porta e colo meu corpo junto ao seu, com um beijo desejoso.

Sempre gostei da entrega dela. Lola nunca hesitou nos meus pedidos mais extravagantes. Ela e eu sabemos o risco que corremos de algum vizinho sair por alguma porta ou chegar no elevador, mas não dou a mínima. Gosto de saber que posso ser pego no pulo e convenhamos, estar nessa situação é muito excitante.

Enquanto eu a beijo, consigo tatear a porta e abri-la puxando Lola para dentro comigo. Afasto dela observando seu corpo. Ela usa lingerie branca, delicada, sutil e doce, assim como ela. Tiro minha camisa com rapidez e avanço sobre ela como um predador. Sinto meu controle se esvaindo e a necessidade de fodê-la como um louco começa a tomar conta da minha razão.

Eu a suspendo pela bunda macia e logo estamos entrando no seu quarto. Praticamente jogo Lola na cama, que cai toda descabelada e tão afoita quanto eu.

— Hoje eu vou te matar de tanto te fazer gozar. Espero que esteja pronta para isso, denguinho.

Ela continua me encarando com olhos desejosos, aproveito e tiro minha bermuda e boxer juntas. Não tenho mais tempo a perder. Cubro seu corpo com o meu e paio sobre ela, encarando seus olhos.

— Eu quero você. Inteira.

— Sou sua. — Sorrio perverso. Era exatamente isso que eu queria ouvir.

Ataco seu pescoço com força, sugo sua pele sentindo suas veias pulsarem, seu corpo ferve tanto quanto o meu e seus gemidos se tornam a música que enreda esse momento. Minha boca desce por seu corpo buscando o único alimento que pode acalmar minha sede, os sulcos da sua boceta.

Pulo seus seios propositalmente e desço por sua barriga lisinha, passando minha língua por ali. O sabor da sua pele quente é diferente, quanto mais eu a provo mais tenho vontade de provar e logo alcanço meu júbilo.

Rasgo sua calcinha com o dente, escuto seu lamento, mas não dou a mínima, preciso provar. Desço meu nariz por sua fenda, sentindo seu cheiro de excitação. Minhas mãos encaixam por baixo das suas coxas, travando suas pernas na posição que eu quero, abertas.

— Cheiro gostoso do caralho. — Torno a passar meu nariz por ali e inalo.

Não conseguindo mais me conter, ataco sua boceta como um cão sedento. Passo minha língua pela sua fenda repetidas vezes e sinto seu clitóris inchado e duro, ela está quase lá.

— Vai gozar na minha boca, Lola. Quero beber tudo que sair daqui — digo e enfio minha língua no seu canal.

Lola arfa, tirando as costas da cama. Eu forço minhas mãos para mantê-la na mesma posição, nada seria capaz de me tirar daqui agora.

Deslizo minha língua de volta a sua fenda e dou meu golpe de misericórdia chupando incessantemente seu grelinho. Sinto sua perna tremer, um grito engasgado sai de seus lábios e logo seu corpo inteiro convulsiona em um gozo espetacular.

Como prometido, sugo seu canal com força, sorvendo todo seu líquido na minha boca. Gemo em apreciação e logo sinto suas mãos tentando empurrar minha cabeça para me tirar dali.

— Chega... — ela implora.

— Chega? Não, Lola. Eu ainda nem comecei. — Planto um beijo ali e subo meu corpo pelo seu até alcançar sua boca e beijá-la para que sinta seu próprio sabor.

Suas mãos e pernas me enredam, passo minhas mãos pelas suas costas e a puxo comigo, sentando-me na cama. Tiro seu sutiã e aproveito para saborear seus bicos rosados e apetitosos.

Seu corpo se encaixa ao meu e meu pau baba, muito próximo da sua entrada, desesperado para invadir em seu canal e saciar essa fome. Lola rebola no meu colo enquanto sua boca está na minha. Gemo sem conseguir evitar, estou tão duro que temo que a cabeça do meu pau exploda com a quantidade de sangue bombeando naquela região.

— Encaixa ele em mim — ela implora.

— A camisinha...

— Eu tomo remédio.

— Ah, foda-se!

Não penso duas vezes em erguer sua cintura com uma mão e com a outra encaixar meu pau desesperado em seu canal. Tento ir devagar, mas Lola tem maior controle por estar por cima e acaba sentando com força nele.

— Caralho! — solto, fechando os olhos.

Ela começa a rebolar devagar, seu canal quente e apertado praticamente estrangula meu pau e começo a pensar que passarei vergonha gozando em menos de um minuto. Suas reboadas aumentam e mesmo eu tentando conter seus quadris, ela não permite e continua seus movimentos safados.

— Devagar ou eu vou gozar.

— Goza. Goza *pra* mim, Sr. Gouvêa.

Ah, porra! Por que ela tem que falar isso e nessa voz docemente safada?

E como um cachorrinho adestrado eu acabo gozando depois de algumas reboadas. Beijo sua boca engolindo nossos gemidos enquanto estoco, deixando ali toda a minha porra.

— Uau! — ela fala logo que solto seus lábios.

— Caralho! Pronta para outra?

— O quê? — Ela ri e eu continuo olhando-a seriamente. — Você não está brincando?
— Ela fica chocada.

Eu seguro um riso prendendo meus lábios com os dentes, quando respondo a ela com um sinal negativo de cabeça. Lola fica séria quando sente meu pau, ainda duro, pulsar dentro de si.

Deito seu corpo na cama, cobrindo-a com o meu, sem desfazer nosso contato sexual. Entro e saio dela devagar enquanto beijo seu colo. Lola geme baixo e meu pau torna a sacudir dentro dela.

— Você... é insaciável...

— Dois anos, Lola. Dois malditos anos esperando para entrar em você de novo. — Aumento a pressão no meu quadril.

— Ah... — ela geme em resposta e eu acelero meus movimentos.

Logo nossos corpos estão se chocando com força, mãos e bocas buscando algum alívio para a necessidade que aumenta dentro de nós. Apoio-me em um braço e levo minha mão até seu ponto de prazer, fazendo movimentos circulares ali.

— Quero sentir sua boceta pulsar quando gozar. Vamos, me dê mais um.

Lola geme alto, seu controle se esvai e entre palavras desconexas e súplicas para eu parar, sinto seu corpo estremecer levemente enquanto seu canal aperta meu pau em pulsações enlouquecedoras.

Gozamos praticamente juntos. Eu não consigo me segurar com a pressão que sua boceta causa no meu membro e logo estamos suados, exaustos e momentaneamente saciados.

— Oh... meu... Deus... — Lola fala entre respirações profundas.

Eu sorrio satisfeito. A prova foi tirada e as minhas suspeitas se concretizaram. Ela não é algo passageiro e agora eu preciso saber como vou lidar com tudo isso.

Já é madrugada e me encontro na penumbra do quarto observando Lola dormir. Ela parece uma fada, com os cabelos espalhados pelo travesseiro, seu corpo parcialmente coberto com o lençol, absolutamente linda.

Lembro-me do que o Sr. Claudio disse naquela conversa estranha e sorrio. Sim, eu já estou velando o seu sono e isso é mais prazeroso do que eu jamais imaginei. Não me recordo de ter sentido algo parecido com isso algum dia e confesso que tenho vontade de sentir por todos de agora em diante.

Meu celular toca em algum lugar do quarto, despertando meus pensamentos. Levanto com cuidado para não acordar e vasculho minha bermuda, verificando o número. Olho as horas e me surpreendo que ela esteja me ligando no meio da madrugada.

Saio do quarto de pé em pé para que Lola não acorde e resolvo atender logo de uma vez. Deborah tem insistido em falar comigo desde o sábado que acabei comendo-a naquele motel. Mesmo eu ignorando suas tentativas, ela continua insistindo, assim como várias outras.

— Alô.

— *Olavo, finalmente! Está ocupado?*

— Na verdade, sim.

— *Quero te ver, gostoso.*

— Acho que não é a hora para isso, Deborah.

— *Ah, para com isso. Quantas vezes trocamos mensagens sacanas na madrugada?*

— Eu estou ocupado, agora.

— *Tudo bem, já entendi que tem uma foda para hoje. Vamos fazer assim, segunda passo no seu escritório e podemos conversar melhor. O que acha?*

— Tudo bem, segunda nos vemos — respondo, cansado.

— Ótimo. Um beijo, gostoso.

— Outro. — Encerro a ligação em um respirar profundo.

Vou ser direto com ela na segunda-feira. É bom ela ir à empresa, assim nos mantemos em um ambiente neutro. Apesar que eu já a comi na sala de reuniões, mas isso definitivamente não vai se repetir. Sinto uma vontade absurda de me aconchegar no meu denço e é exatamente isso que farei.

Viro-me e tomo o maior susto ao ver Lola na minha frente, parada no meio da sala, me olhando com desconfiança. Ela está enrolada no lençol e pelo seu olhar, sei ela ouviu a conversa, mas não interpretou bem o que aconteceu.

— Oi.

— Oi. Eu só queria água. — Ela vai para a cozinha e eu a sigo.

— Lola, eu...

— Olavo! Não quero saber nada da sua vida. Você faz o que bem entender, só espero que mantenha o acordo e não me humilhe novamente.

— Lola, eu não vou fazer nada. Te prometi que seremos só nós pelo tempo que durar.

— Atendendo mulheres na madrugada?

— Eu... ela ligou e eu só não queria te acordar...

— Sei... normal atendermos amigos no meio da madrugada, acho que vou até verificar meu celular, vai que alguém me ligou.

— Lola! — Ela passa por mim batendo o pé.

Merda!

Detesto quando não acreditam em mim, mas como vou contestá-la? Eu a sacaneei e não foi pouco. É natural sua desconfiança. Preciso que ela entenda que as coisas não serão como antes, que vou cumprir com nosso combinado e não a farei passar por constrangimentos com outras.

Espera! Ela falou amigos? Ligando na madrugada? Que porra de amigos são esses?

Saio em disparada para o quarto, quero que ela me explique essa história direitinho. Como assim amigos ligando?

— Lola, que porra é essa de amigos te ligando? — Ela, que já estava deitada, se senta na cama me encarando.

— Ué! Se você tem amigas que te ligam, eu também tenho!

— Me dá seu celular, quero ver isso!

— Mas é claro que não. Eu por acaso peguei seu celular para olhar?

— Pode ver, eu não ligo. Agora me dá o celular.

— Não!

Subo na cama montando em cima dela. Lola se debate e tenta se soltar de mim, mas ela esqueceu que sou duas vezes maior que seu tamanho e facilmente consigo imobilizá-la.

— Me solta, idiota!

— Não até me falar quem está te ligando.

— Não interessa! Me solta.

— Não!

— Cretino!

— Nunca neguei isso, meu bem. — Caralho fiquei excitado.

Desço minha boca até seu colo desnudo e sugo com força a sua pele. Lola fica furiosa e se debate ainda mais.

— Olavo, me solta.

— Não até me falar que porra de homem te liga.

— Você é um hipócrita. Recebe ligações de vadias e vem falar de mim!

— Eu não tenho culpa se elas ligam. Eu não liguei para nenhuma.

— Mas atendeu as ligações!

— Para pararem de ligar. Só isso!

— Conta outra — ela debocha.

— Eu estou falando a verdade. — Fico irritado.

— Mentira! — ela grita.

— Não grita, sua doida.

— Vou te mostrar a doida.

Não sei como ela consegue, mas seu joelho acerta em cheio as minhas bolas e eu vejo estrelas.

— Ai, porra. — Caio do seu lado na cama, segurando meu saco.

— Isso é só a ponta do iceberg se você descumprir nosso acordo. Esteja avisado.

E com isso ela ajeita seu travesseiro, deitando do lado oposto a mim. Eu continuo

segurando minhas bolas e respirando fundo para aplacar a dor que sinto.

Maldita mira!



Capítulo 15

Você fazer valer a pena

Olavo

Acordo na manhã seguinte procurando na cama por um corpo deliciosamente macio, mas não encontro. Abro os olhos e observo o quarto vazio, vejo no relógio na cabeceira da cama que passam das seis da manhã.

Levanto da cama e sinto um fisgar nas minhas bolas. Maldita pontaria certa dela. Vou para o banheiro e tomo uma ducha. Preciso ir para casa trocar de roupa antes de ir para a Gouvêa.

— Já levantou?

Olho para trás e vejo Lola parada no batente da porta me olhando. Seus olhos descem pelo meu corpo e eu sorrio de lado, percebendo que está me secando.

— A cama estava vazia, fui obrigado a levantar. — Já tinha terminado de me lavar, mas só para atiçá-la, torno a esfregar meu pau.

Seus olhos ampliam e seu olhar acompanha meus movimentos ritmados. Meu amigo que nunca me abandona, já está duro e pronto para o ataque, mas hoje só quero provocar.

Termino de me lavar e só para provocar eu sacudo meu pau na mão. Ela pigarreia e me olha.

— Vendo algo que te agrada, denguinho?

Lola limpa a garganta, despertando do seu momento, e pega uma toalha, esticando-a para mim. Fecho o chuveiro e quando estico a mão para pegar a toalha, aproveito e puxo Lola pelo braço, colando seu corpo ao meu.

Ela não resiste e enlaço sua cintura colando nossos lábios em um beijo provocador. Devoro sua boca com vontade, com certeza a comeria aqui de pé, mas o plano é outro. Eu quero provocá-la.

Finalizo nosso beijo e me afasto, enrolando meu corpo em uma toalha. Ela fica me olhando, aturdida, sem entender o que está acontecendo e finjo não estar afetado.

— Preciso passar em casa e me trocar. Você ainda vai tomar banho?

— Sim — ela responde, ainda desconsertada.

— Eu vou indo, então. Te ligo mais tarde. — Dou um beijo estalado na sua bochecha e saio do banheiro com um sorriso vitorioso nos lábios.

Estou analisando algumas planilhas no computador, já passa da hora do almoço e ainda não tive tempo para nada. Penso em pedir algo para comer por aqui mesmo, quero adiantar o máximo que puder e sair mais cedo. Quero surpreender Lola indo buscá-la no serviço.

A porta da minha sala se abre e não preciso olhar para saber quem a invade nesse

rompante. Aldria.

— Olá, cunhada deliciosa.

— Corte a merda, cunhado. Quero saber por que a loira azeda da Deborah está na sala de espera querendo falar com você.

Olho para ela espantado, já tinha me esquecido que essa maluca disse que viria aqui.

— Não tenho ideia. Minha secretária não a anunciou.

— Não mesmo. Eu não deixei. — Arqueio minhas sobrancelhas encarando-a. — Não venha com essa cara. Olavo, eu só vou avisar isso uma vez e espero que você ouça bem: eu arranco suas bolas se aprontar com a Lolita, entendeu?

— Não precisa se preocupar, minhas bolas já foram devidamente golpeadas e ameaçadas ontem.

— Por quem?

— Lola.

— Que maravilha. Finalmente ela aprendeu algo comigo.

— Isso não tem graça e não se faz. — Fecho a cara para ela.

— É só não aprontar. Está avisado. Agora vou indo. — Ela entra, ameaça e sai como se nada tivesse acontecido.

Ligo para minha secretária, que parecia um pouco assustada no telefone, provavelmente Aldria a aterrorizou, e peço que mande Deborah entrar.

— Olavo, querido. Finalmente.

Contorno a mesa indo até Deborah cumprimentá-la. Ela tenta desviar o rosto quando a beijo para acertar sua boca e eu recuo.

— Sente. Quer uma água ou chá?

— Não. Na verdade, vim para avisar que a negociação deu certo e o contrato será assinado no máximo semana que vem.

— Maravilha, vou avisar meu tio. — Pego o telefone para discar, mas Deborah contorna a mesa, tirando-o da minha mão e devolvendo ao gancho.

— Deborah, o que você...

— Olavo, querido. — Ela senta no meu colo. — Eu também vim aqui para saber quando nós podemos nos ver novamente. — Enlaça meu pescoço.

— Deborah, por favor, isso não é correto. Estamos dentro da empresa e eu tenho que manter a compostura.

— Ah, Olavo. Eu me lembro bem as vezes em que eu te chupei aqui ou você me chupou. — Ela ri e desenha com o dedo na minha mandíbula.

— Pois é, mas isso foi em outro tempo — falo, afastando sua mão de mim.

— Semana passada não é tanto tempo.

— As coisas mudaram, Deborah.

— Você fala isso por causa da sua namoradinha?

— Lola. O nome dela é Lola.

— Tanto faz. Fato é que você é o que é, com ou sem namorada — ela diz, com desdém, e tenta me abraçar novamente.

Seguro seus braços e quando tento levantar a porta da minha sala é aberta e por ela entram as únicas pessoas que nunca poderiam ver uma cena dessas. Meu pai, tio Pedro e Vega. Agora estou fodido.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — meu tio se pronuncia.

Levanto tão rápido que quase derrubo Deborah no chão. Arrumo meu terno e ela se recompõe com a mesma cara de safada de antes.

— Boa tarde, senhores.

— Boa tarde, querida. Olavo, pode nos explicar o que estava acontecendo aqui? — Vega cruza os braços, me fuzilando.

— Eu... é... essa é a Deborah, a advogada que estava nos auxiliando com aquele contrato.

— Precisamos conversar, filho. Você está livre? — meu pai questiona com o olhar e eu sei que a conversa não será positiva.

— Claro. Nós já terminamos aqui. Deborah, foi bom te ver.

— Eu preciso ir, realmente. Obrigada, Olavo, eu ligo para você. — Ela se despede de todos e sai da sala rebolando os quadris.

— Olavo, o que significa isso? Na empresa?! — tio Pedro esbraveja.

— Eu não tive culpa, fui atacado.

— Uma ova — Vega fala, vindo até mim e acertando um tapa no meu braço.

— Ei! Eu não tive culpa mesmo.

— Olavo, esse não é o comportamento que esperamos de você — meu pai adverte.

— Mas eu não... Olha, eu sei quantas merdas já fiz, mas dessa vez sou inocente.

— Então aprenda a colocar limites nas suas relações. Pelo que fui informado, você está namorando. É ela? — meu tio questiona.

— Não! Eu estou namorando a Lola.

— Lola, a ex-assistente da Aldria e Vega?

— Sim.

— Pelo amor de Deus, Ricardo. Seu filho não tem jeito.

— Calma, Pedro.

— Não sou um moleque, tio.

— Então aja como um homem. Ou pode esquecer a cadeira da presidência — ele decreta e sai da sala.

— Filho, eu pensei que a coisa com a Lola era sério. Sua mãe disse que você esteve em casa com ela.

— É sério, pai. Isso aqui foi um equívoco.

— Conserte isso, então. Aquela menina não merece isso.

— Não mesmo! — Vega fala, socando meu braço de novo.

— Ai! *Para* com isso, Vega!

— *Para* de ser um idiota, então!

— Eu gosto da Lola, ok? Deborah veio aqui insistir em algo que não terei mais com ela e nenhuma outra mulher, eu estava justamente tentando explicar isso para ela.

— Se você quer realmente isso, filho, comece a mudar alguns hábitos — meu pai comenta e se vai.

— Priminho querido, se você andar com seu amiguinho por outro parquinho, farei questão de castrá-lo — Vega decreta, apontando o dedo na minha cara.

— Será que vocês podem parar de ameaçar minhas bolas? Já estou me sentindo uma menina.

— E vai falar fino se vacilar!

Vega também sai da minha sala batendo a porta assim que passa por ela. Sento-me na cadeira novamente apoiando os cotovelos na mesa e segurando meus cabelos firmemente.

Aquela maluca me ataca e eu ainda sou ameaçado por todas as mulheres da minha vida. Eu sei que minha fama me precede, nunca tive muitos limites, aliás, nunca tive nenhum limite quando se fala em sexo oposto, mas ser ameaçado não é algo agradável.

Preciso mudar algumas coisas se realmente quero convencer a todos e principalmente a Lola de que as coisas serão diferentes agora. Chamo minha secretária no interfone e peço que ela arrume algo para eu comer. Vou adiantar todo meu serviço, esquecer esse episódio decadente e buscar meu denguinho mais tarde.

Consigo sair mais tarde do que previa da empresa, corro feito um maluco pelo trânsito caótico de São Paulo para chegar a tempo de pegar Lola na Studio. Ela comentou que tem tido muito trabalho, então, talvez isso a prenda além da hora e eu a encontre por lá.

Quase meia hora depois consigo estacionar do outro lado da rua da Studio, desço do carro ajeitando meu paletó no lugar e passo as mãos pelo cabelo, tentado parecer apresentável.

Atravesso a rua e quando me aproximo da entrada da Studio, vejo Lola parada na porta, mas ela não está sozinha. Reduzo meus passos para observar melhor e vejo um babaca sem noção praticamente babando em cima dela.

— Filho da ... — Acelero meus passos.

Lola não me vê chegar, pois está de costas para mim. Encaro o abusado a sua frente, mas ele está tão hipnotizado por ela que não me percebe próximo. Resolvo mostrar a quem ela pertence.

— Oi, minha gostosa. — Passo os braços por sua cintura, abraçando-a.

— Ai que susto, Olavo! — Ela dá um pulo, se afastando de mim.

— Assustada? Por quê? — Encaro, irônico.

— Você chega do nada me abraçando. É claro que me assustei.

— Humm... sei... — Coloco as duas mãos no bolso, meus olhos nunca deixando os seus.

— Bom, eu já vou indo, Lola. Obrigada mais uma vez pela ajuda — o babaca anuncia.

Lola desperta do meu olhar questionador e dá atenção ao imbecil, o cumprimentando. Eu finjo que não estou vendo-o e mantenho minha postura de fodão.

— Até mais, Mauro. Qualquer mudança pode me procurar.

— Com certeza procurarei. Até mais — ele se despede dela e para mim dá um aceno de cabeça que não tem resposta.

Volto meu olhar questionador para Lola e ela me encara com raiva.

— Que palhaçada foi essa?

— Palhaçada? Eu que pergunto! Que porra era essa aqui? Se eu não chego aquele babaca ia pular em você.

— Ah, pelo amor de Deus, Olavo! Ele é pai de uma aluna que está tendo problemas e eu estou auxiliando.

— Pensei que fosse administradora daqui, não psicóloga — ironia transborda de mim.

— Isso não é da sua conta. Aliás, o que está fazendo aqui? Pensei que veria sua amiguinha hoje. — Ela cruza os braços na altura do peito, aproveito e dou uma conferida. — *Para* de olhar para os meus peitos — ela sussurra, repreendendo-me.

— Tudo que se relaciona a você, denguinho, é da minha conta. E eu não estou com amiguinha nenhuma. Vim buscar minha namorada! E sobre seus peitos, querida, impossível não olhar.

Ela bufa e passa por mim, andando na calçada. Sorrio, vitorioso, e a sigo. Ando alguns passos atrás dela, encaro seu traseiro e sinto meu pau acordar com o rebolado da sua anca.

— *Para* de olhar minha bunda! — ela praticamente grita.

— Me impeça. — Ela solta um gritinho irritado. Adoro quando ela fica arisca.

Lola atravessa a rua, eu destravo o carro e ela entra, batendo a porta com força.

— Posso saber o porquê de tanta irritação? Será que eu interrompi alguma coisa?

— Olavo, cala a boca e dirige esse carro.

— Sou seu namorado, tenho meus direitos.

— Direitos? — agora ela realmente grita. — Aonde estão os meus direitos quando você atendeu o telefone na madrugada marcando encontro com alguma vadia?

— Eu não marquei nada!

— Eu ouvi, Olavo. Não me trate como idiota.

— Eu não estou te tratando como idiota. Eu atendi a ligação para não te acordar. Não vou negar, Lola, eu recebo pelo menos duas ligações desse tipo por dia. Eu tinha uma vida livre e tudo está acontecendo rápido conosco. Era a Deborah no telefone, insistindo em me ver e eu só permiti isso para dar um fim nessa coisa.

— E deu?

— Sim! Não! Mais ou menos.

— Como assim mais ou menos?

— Eu estava a caminho disso, mas minha sala foi invadida pelo meu pai, tio Pedro e a Vega, e a coisa não fluiu como eu queria. — Ela me olha desconfiada.

— Olavo, se eu souber que seu amiguinho aí andou no lugar errado, eu...

— Me capa! Já entendi e já ameaçaram minhas bolas três vezes hoje! Estou ficando

fragilizado, sabia? — falo, praticamente indignado.

— Aldria e Vega?

— Sim! Vocês são malucas!

— Que bom você saber disso.

Dou a partida no carro e ganho as ruas. Será possível que nunca irão acreditar em mim? Estou tentando fazer algo sério aqui e continuo sendo ameaçado. Tamborilo meus dedos no volante, pensando e tentando processar tudo que está acontecendo. Eu já não sei mais onde isso começou e como mudou tanto.

— Ele é só um pai de uma aluna — Lola fala baixo.

— Eu sei. Acredito em você.

— Olavo...

— Não, Lola. Está tudo bem, de verdade. Te entendo e sei que nunca dei motivos para realmente acreditar em mim, mas eu te prometi honestidade e vou cumprir isso.

— Obrigada. — Ela descansa a mão na minha perna e entrelaça nossos dedos.

Passamos o restante do caminho em silêncio, cada um preso em seus pensamentos. Existe muita coisa entre nós, eu falhei de várias formas no passado e sei que para provar alguma mudança será preciso muito mais do que palavras.

— Está entregue, princesa. — Sorrio dando um beijo no dorso da sua mão.

— Você não vai subir?

— Não. Hoje não. — Lola fica sem graça e eu seguro seu rosto com uma mão. — Ei, não encana, denginho. Amanhã a gente se vê.

Ela sorri, um riso contido e ainda chateado. Eu aproximo nossos lábios e a beijo para que não lhe deixe dúvidas de que a quero e muito. Não gosto de vê-la chateada, mas preciso me afastar, tenho que buscar uma maneira de provar que vou fazer valer a pena.



Capítulo 16

L, eu disse ainda

Lola

Olavo não deu mais sinal de vida desde que me deixou no apartamento ontem. Ainda estou processando tudo que aconteceu. Eu vi nos seus olhos certa mágoa, mesmo ele negando, mas como vou confiar nele novamente? Aquele celular infernal tocando a cada momento com uma mulher diferente por vez não está facilitando no meu processo de confiança.

Seu comportamento perto do Mauro foi ridículo, fiquei bastante irritada com seu jeito todo cheio de si, como se tivesse me pego no pulo fazendo algo errado. Por um lado, é bom ele pensar que posso ser capaz, assim ele pensa duas vezes antes de aprontar alguma.

— Lola?

— Sim — respondo a Carol, que acaba de entrar na minha sala.

— Eu consegui contato com o administrador da escola no Rio Grande do Sul e ele ficou de mandar um e-mail com dia e horário para vocês conversarem.

— Ótimo! Fico no aguardo.

— A mulher dele é a proprietária, acho que o nome dela é Allison.

— Sim, Amanda já comentou sobre ela. Dizem que os espetáculos que ela coordena são incríveis.

— Espero que dê certo essa parceria, assim nossas meninas podem participar do festival com mais segurança.

— Pois é. — Ouço um som alto vindo de fora. — Que barulho é esse? — Uma música alta toca e alguém fala estridente, acredito que em um microfone.

— Não sei, mas parece vir da recepção. — Saímos as duas em busca do alvoroço.

Não temos nenhum ensaio grande programado e pelo horário estamos no meio da troca de turmas.

Chego à recepção estacando no lugar, nada me prepara para o que vejo na entrada da Studio. Um carro espalhafatoso e colorido está parado na entrada bloqueando a passagem, um homem falando várias coisas que mal consigo entender e o mais ridículo, um coração gigante pulando de um lado para o outro na calçada.

Olho ao redor procurando quem é o desavisado que pagaria esse mico e não vejo ninguém envergonhado o bastante. Algumas pessoas param para olhar, alunos que entram e saem esse horário começam a formar grupos em volta do furdunço.

— Acho que é com você, Lola. — Carol cutuca meu ombro.

— Eu? — praticamente grito, espantada.

— IOLANDA! Vem até aqui, moça bonita! — o locutor me chama e eu confirmo a

tragédia.

— Não... — lamento em um sussurro, cobrindo meu rosto com uma mão.

— Iolanda! A linda princesa de cabelos amendoados e sorriso encantador, um admirador nada secreto resolveu te preparar essa surpresa! — O locutor me puxa para o meio do circo.

— Acho que você está enganado... — tento argumentar, mas o homem não me dá ouvidos.

— Iolanda, seu namorado muito apaixonado queria te dizer que está encantado por você e agradece a oportunidade que deu a ele. Buscando uma forma de mostrar isso, ele escolheu essa linda maneira de manifestar sua felicidade. — O coração ridículo que pulava de um lado para o outro veio em minha direção tentando me abraçar.

— Por favor, já entendi. Podem ir agora. — Tento me afastar do coração pulante.

— Mas você ainda não ouviu a música que ele escolheu! Solta o som, DJ.

Quase choro quando escuto *Fogo e Paixão do Wando* tocando no alto-falante espalhafatoso. Olho em volta e vejo as meninas da recepção junto a Carol, rindo. Os alunos apontam e alguns filmam do celular minha vergonha. Tenho certeza que minha face está mais vermelha que um tomate. Eu não acredito que aquele idiota fez isso.

Eu mato o Olavo!

Depois de um tempo incontável, consigo finalmente me livrar daquele circo. Carol acabou tendo pena da minha miséria e me ajudou a encerrar com o show de horrores que Olavo me colocou.

Não sei o que deu na cabeça dele para fazer isso, só pode estar tentando me sacanear.

— Alô!

Olavo atende depois da quinta vez que tento contato com ele.

— Denguinho! Que saudades!

— Olavo! Que palhaçada foi aquela?

— Gostou, princesa? — pergunta todo alegre.

— LÓGICO QUE NÃO! — grito com ele.

— Ai, Lola. Por que esse escândalo?

— Você deve estar totalmente maluco! Um carro de telemensagem? Pelo amor de Deus, Olavo!

— Eu queria que você soubesse o quanto estou feliz com nosso namoro, denguinho. Qual a melhor maneira do que manifestando isso em público?

— Isso é a coisa mais ridícula e brega! Você estava tentando acabar com a minha imagem? Não sei com que cara vou sair daqui! — respondo, exasperada.

— Poxa, Lola. Eu achei que isso seria romântico. Os casais normais não fazem esse tipo de coisa?

— Claro que não, Olavo! Isso é brega, fora de moda e de muito mau gosto. Wando? Você jura que mandou tocar Wando?

— Wando? Quem é Wando?

— O cantor da música que você escolheu!

— Não. Eu me lembro de pedir uma música muito romântica. Ele não é romântico?

— Só se for da época da minha avó, Olavo!

— Desculpe. Eu achei... pensei que as mulheres curtissem isso. — Seu tom arrependido me pega desprevenida.

— O que você pensou fazendo isso, Olavo?

— Achei que você ficaria feliz. Saber que gosto de nós, juntos.

Minha raiva se esvai e eu começo a me sentir uma idiota por estar gritando com ele. Não sei onde ele tirou essa informação descabida, mas saber que ele quis me agradar de alguma forma faz a culpa pesar na minha mente.

— Tudo bem. Olha, esquece isso, só me prometa não fazer algo assim de novo.

— Prometo, denguinho. Eu vou me esforçar.

— Olavo, você não precisa fazer nada disso — respondo com pesar.

Ele não entende que só ele por inteiro já me basta?

— Eu quero. Quero que você saiba que me importo conosco.

— Tudo bem, Olavo. Nos falamos mais tarde, ok?!

— Até mais, denguinho.

— Até.

Desligo o telefone com lágrimas nos olhos. Não acredito que ele armou todo esse circo para tentar me provar que se importa com o que estamos vivendo. Foi a coisa mais ridícula e agora fofa que ele já fez, mas se ele pensasse um pouco, saberia que a única coisa que preciso é dele e do seu amor.

Meu telefone toca, vejo no visor o número da minha mãe e começo a minha oração.

— Oi, mãe!

— Iolanda! Me diz que o que eu estou vendo na sua rede social é mentira!

— O quê? — tento parecer desentendida.

— Você está namorando o tal do Otávio? Aquele idiota que te fez de gato e sapato anos atrás?

— Mãe, é Olavo! Bem, foi ele quem mudou o status na rede, não eu.

— Isso não muda nada, minha filha.

— Estou pensando em levar ele comigo nesse fim de semana — falo, totalmente hesitante.

— *O QUÊ?* — afasto o telefone com o grito dela.

— Mãe...

— Nada de mãe. Se ele vier aqui saiba que vou jogar titica de galinha na cabeça dele.

— Não temos galinha em casa, mãe.

— Eu arrumo com alguém!

— Mãe, por favor. As coisas agora são diferentes, ele está diferente.

— Um safado sempre será um safado.

— Isso é julgamento, mãe. Você me ensinou que todas as pessoas merecem outra chance.

— Todas merecem, menos ele.

— Mãe, eu estou ocupada agora. Mais tarde nos falamos e, por favor, seja legal com ele.

Ela resmunga alguma coisa que não entendo e encerra a ligação. Essa visita à casa dos meus pais vai ser mais difícil do que eu imaginei. Não duvido que ela realmente tente o que prometeu ao telefone.

Chego em casa exausta. Um dia valeu por uma semana, o turbilhão de emoções e surpresas de hoje me deixou esgotada. Acaricio Theo que se estreita entre as minhas pernas pedindo por atenção, sigo meu costumeiro ritual de alimentá-lo e pensar em algo para comer.

Meus ombros estão tensos e cansados, resolvo tomar um banho e tirar essa energia pesada de mim. A surpresa terrorista do Olavo acabou tocando ainda mais meu coração, sua atitude está remexendo com meus sentimentos e as muralhas que eu tentei manter em torno de

mim aos poucos estão caindo.

Apesar de descabida, a intenção foi boa e isso é que vale a pena. Não sei como vai ser a visita à casa dos meus pais, com certeza minha mãe não vai facilitar e eu prevejo momentos tensos a caminho.

Deixo tudo isso de lado me jogando na cama vestida em um camisetão velho. Dispensando o jantar, estou cansada demais e preguiçosa demais para providenciar algo comível, o melhor que tenho a fazer é dormir e esquecer esse dia tumultuado.

Olavo

Desligo o telefone com Lola fulminando de raiva. Saio da minha sala e vou direto ao encontro do cuzão do meu irmão. Aquele cabaço me convenceu de que mandar uma mensagem para ela seria a melhor maneira de mostrar que me importo com o que estamos vivendo.

— Júlio está na sala dele? — pergunto, autoritário, à sua secretaria.

— Está sim, Sr. Olavo. Vou anunciá-lo.

— Não precisa. — Vou em direção a porta sem dar atenção a sua resposta.

— Júlio, seu filho da puta! — Invado sua sala e paraliso no lugar. — Caralho! — Começo a rir da cena que vejo.

Aldria está sentada na mesa a sua frente e meu irmão parece estar dando uma atenção especial a ela. Começo a rir com os dois se atrapalhando para se recompor.

— Olavo, seu idiota! — Júlio esbraveja.

— Cunhado empata foda. — Aldria termina de ajeitar sua saia no lugar.

— Depois eu que sou o perverso — desdenho, ainda rindo.

— Somos casados, babaca! — Júlio responde.

— Na empresa, irmão? Tenho certeza que papai e tio Pedro têm algo a dizer sobre isso.

— Corta a merda, Olavo. O que te fez entrar aqui gritando com meu marido e estragando meu momento relaxante? — Aldria se apoia na beirada da mesa totalmente recomposta.

Tem horas que eu acho que ela que tem as bolas.

— Ah, sim! Esqueci. — Pigarreio. — Júlio, seu puto, me fez dar a maior mancada com a Lola.

— Como assim? — Ele estranha.

— É, como assim? O que você fez, Olavo?

— Mandeí a mensagem para ela e tudo saiu uma merda. Que droga, cara, isso é ultrapassado e brega, sabia? — falo indignado.

— O que você disse *pra* ele fazer, amor?

— Nada demais. Eu disse para ele mandar uma mensagem, falando sobre o que sente. Essas coisas...

— Owwww, que fofo! — Aldria vai até Júlio o abraçando pelo pescoço e o beija.

Pigarreio forçadamente para trazer os dois coelhos de volta a situação.

— E eu segui o conselho desse trouxa e mandei um telemensagem para ela. Cara, ela disse que foi humilhante. Pedi uma música romântica e tocaram *Wando*. Eu nem sei quem é esse cara!

Os dois explodem em uma gargalhada escancarada. Riem tanto que até se curvam para frente. Eu permaneço feito paspalho na frente deles esperando que isso acabe. Ainda não entendi onde está a graça.

— Irmão... ai... espera. Você mandou um carro de telemensagem? Foi isso?

— Sim — respondo e os dois tornam a rir.

— Meu, preciso ligar para Lola e saber disso nos detalhes.

— Não! Aldria, ela já está bem zangada comigo e eu não quero dar mais mancada — quase imploro. *Patético!*

— Tudo bem, cunhadinho. Vou te salvar da sua própria miséria. Agora aprenda uma coisa, carro de telemensagens não é a melhor maneira de mostrar romantismo.

— Isso eu já percebi.

— Amor, estou indo. Seu irmão acabou com nosso momento, mas me garantiu pelo menos uma semana de risada. — Aldria se despede do marido e sai ainda rindo do que eu contei.

— Irmão, você é um babaca — Júlio decreta, sentando em sua cadeira.

— Você que é um cuzão por me fazer dar essa bola fora.

— Ah, irmãozinho. Você não sabe merda nenhuma de relacionamentos, não é?

— Claro que não sei, cuzão. Por isso vim falar contigo. Você conquistou aquela mulher que parece filha do capeta.

— Ei! Não fala assim da minha esposa.

— Não leve a mal, irmão, mas você sabe que sua mulher é um bocado difícil.

— Sim, eu sei. E eu a amo desse jeitinho. Agora não se esqueça, irmão, que a sua namorada é cria dela.

Meus olhos se alargam à medida que a informação é assimilada no meu cérebro.

— Preciso afastar Lola dela — penso alto.

— Tente a sorte. Irmãozinho, o que era um trio, virou quarteto com a entrada de Amanda e agora, com certeza, se formou a quadrilha. E Lola faz parte dela.

— Fodeu... — Passo a mão no meu cabelo.

— E sobre a mensagem, você entendeu totalmente errado e acho que já percebeu. O que eu quis dizer, gênio, era para você colocar no papel tudo que sentia, ou parte do que sentia. Poderia enviar isso com flores, bombons, algum presente, um mimo, sei lá. Menos um carro de telemensagens.

— Que merda eu fiz. Como eu conserto isso? — Júlio pensa por um momento.

— Leve ela para passear. Programa de casal. Cinema, parque, boliche, jantar. Olavo, você não é um idiota completo, sabe como agir para agradar uma mulher.

— Irmão, eu sei foder uma mulher. Todos os meus encontros até hoje foram dessa forma. Saio, caço, como e dispenso.

— Se a mamãe te ouvisse agora...

— É a verdade.

— Olavo, essa merda não vai funcionar mais, então trate de mudar sua tática e, por favor, não faça merdas como essa ou correrá o risco de Lola sair da sua vida de vez.

— Não foderei com ninguém, irmão, fique tranquilo. Eu pretendo levar isso a sério.

— Uau, nunca esperei ouvir isso de você. — Júlio sorri, recostando na cadeira.

— Não se anime, irmão. Eu ainda não sou um pau mandado feito você e os caras. — Júlio ri com vontade. — Que foi?

— Você disse “ainda” — ele diz e continua rindo.

— É, eu disse ainda.



Capítulo 17
Eu não teria recomeçado

Lola

Terminei meu banho, escolhi uma roupa leve, short branco desfiado na barra, blusinha leve azul e sandália rasteira. Olavo disse para eu colocar algo confortável para passearmos como um típico casal de namorados. Confesso que depois da decadência do telemensagem, estou receosa de qualquer ato vindo dele.

Passo perfume e solto meus cabelos, por ter ficado de coque a maior parte do dia, ele agora fica com um aspecto selvagem, despojado e eu adoro. Vou até a cozinha e alimento meu gato comilão, pego a bolsa e resolvo descer para esperar por ele na portaria.

Envio uma mensagem avisando que já o esperava ali, não tarda e vejo seu carro parando no meio fio. Ele abaixa o vidro, destrava a porta e eu já sinto meu coração acelerar ao ver seu sorriso fácil plantado naquele rosto perfeito.

— Oi — cumprimento, fechando a porta.

— Oi nada. Quero meu beijo, denguinho. — Olavo segura minha nuca, me puxando para um beijo quente.

Seus lábios amaciam os meus enquanto sua língua invade a minha, buscando todo meu fôlego para si.

— Nossa, quanta animação — respondo ofegante.

— Com você sempre. — Ele pisca um olho e dá partida no carro.

Sorrio para ele, minhas muralhas, que eu já não sei dizer se existiam, estão cada vez mais baixas. No rádio toca *Letit GO* de *James Bay* e começo a pensar o quanto a letra tem a ver comigo. Comecei tudo isso pensando que seria a minha vez de lhe dar o troco, de alguma forma fazê-lo sentir o que passei, e agora tudo mudou.

Ainda quero que ele sinta o que senti, quero que ele me queira como sempre quis, mas no fundo, sei que desejo isso só para tê-lo para mim e não quero que isso tenha fim.

A transformação está presente, acredito que em ambos, de forma sutil, não revelada, mas está ali, pairando, esperando para vir à tona e, eu rezo a todos os anjos que seja de forma positiva.

— Chegamos? — Vejo Olavo parando em volta de uma praça movimentada.

— Sim, denguinho. Programa de casal. Vamos comer hot-dog e tomar sorvete. Depois vou te levar no cinema e te dar uns amassos.

— Quanto romantismo, namorado. — Finjo encantamento.

— É, eu sei. — Rimos os dois.

— Você vai provar o melhor hot-dog de São Paulo, denguinho.

— Estou contando com isso, dengão. — Continuamos rindo e brincando enquanto esperamos o lanche.

— Você está me *zuando* e eu tentando levar a sério, Lola. — Ele me abraça pela cintura e rio da sua cara de lamento.

— Ah, Olavo. Você tem que concordar que o Olavo fodão fazendo isso é muito engraçado.

— Vou te dar um bom motivo para rir mais tarde, denguinho. — Sorri safado e eu fico vermelha.

Logo que o hot-dog fica pronto, sentamos em um banco próximo e devoramos nosso jantar nada saudável. Realmente esse é o melhor hot-dog que já comi, enorme e muito saboroso. Ainda não estou nem na metade do meu e vejo Olavo terminar o seu e pedir outro ao rapaz.

— Você vai comer outro? — pergunto, espantada.

— Claro. Sou grande, denguinho, todo grande. Preciso me abastecer bem. — Pisca para mim e faço careta para sua piada.

— Olavo? — Ouço uma voz masculina chamando. — Cara, quanto tempo! — Um moreno muito bonito se aproxima.

— Renato! E aí, cara, como está? — Olavo se levanta e cumprimenta o rapaz.

— Bem, velho. *Pô*, tu faz a maior falta na turma. Os caras querem voltar naquela boate de novo, eles não cansam de contar o que você fez com aquelas duas meninas aquele dia. — Olavo pigarreia e eu vejo o tal Renato se calar e me encarar.

— Oi — cumprimento, tímida.

— Oi. Nossa, que gatinha, Olavo.

— Sim. Mas não é *pro* teu bico.

— Ah, irmão, eu não sonharia mexer com teu lance. Prazer, sou Renato.

— Lola. — Estico a mão, cumprimentando-o.

— Vocês se conhecem de onde? — ele me pergunta e automaticamente olho para Olavo.

— Ela é minha namorada. — Fico espantada com a vontade com que ele diz.

— Namorada? Você? Não! Velho, os caras vão morrer quando eu contar isso. — O tal Renato tem uma crise de riso.

— *Para* de ser cuzão. — Olavo soca seu braço.

— Ok, desculpa. Lola, querida, desculpe minha reação, mas nunca imaginei ver Olavo

amarrado.

— *Pra* tudo se tem uma primeira vez — falo, dando de ombros. Não gostei desse cara.

— Tem razão. Vou mandar mensagem no grupo, os caras vão morrer. — Olavo ri, sem graça.

Eles ainda conversam um pouco, eu finjo mexer no meu celular enquanto como meu lanche que já não parece mais tão delicioso na minha boca. Provavelmente esse seja um dos amigos *farreiros* dele e, saber que Olavo está namorando vai render muito entre seus amigos solteiros.

Começo a me perguntar se esse meio teatro que estamos vivendo vai resistir a essa parte da sua vida. Por um lado, é muito bom para ele ter uma namorada e passar credibilidade a sua família, mas para o seu lado festeiro, é o prato cheio para virar uma piada e muito provavelmente querer provar o contrário.

— Já vou indo. Aparece na boate, cara. Leva sua namorada — ele fala essa última parte e cai na risada.

Eu sorrio e Olavo o xinga, brincando. Despedimo-nos do amigo meio sem noção, termino meu lanche em silêncio enquanto Olavo devora seu segundo hot-dog. Recolho nossa pequena bagunça para levar ao lixo, mas ele tira das minhas mãos, terminando o serviço.

— Hora do sorvete! — ele fala sorrindo.

— Nossa! Eu não aguento. Estou explodindo.

— *Tá* nada. A gente pega o sorvete e toma no caminho para o cinema — fala, me puxando pela mão.

Atravessamos a rua à caminho de uma sorveteria de esquina, ele segura minha mão com firmeza e tenta agir naturalmente. Já estou com mil caraminholas rodando minha cabeça depois desse encontro com o amigo folgado.

— Amigo, duas casquinhas!

— Não! Uma só. Eu comi demais, vou acabar passando mal — falo para o atendente e o encaro.

— Você quem sabe, denguinho. — Ele dá de ombros.

Sinto seu braço roçar minha cintura fazendo carinho preguiçosamente na minha pele. Observo em volta, vejo famílias, casais, crianças, todos aproveitando sua noite encalorada e percebo o quanto nós dois parecemos um simples casal, mas o incômodo das últimas palavras do tal Renato ronda minha cabeça e não consigo segurar.

— O que seu amigo quis dizer quando pediu para me levar ao tal clube? — Ele me olha confuso.

— Renato é um idiota. Não dê crédito a ele.

— Que ele é idiota percebi de cara, mas não entendi a reação dele quando você me apresentou. Aliás, que história é essa de duas mulheres com você no clube? — O ciúme começa a me corroer e aguçar minha curiosidade.

— Esquece isso, Lola. É história de homem puteiro.

— Sei. — Penso em retrucar, mas resolvo não estragar a noite.

Provavelmente não ia gostar nada de saber o que de fato aconteceu nesse episódio. Se os amigos fazem questão de lembrar, deve ser algo bem pesado. Sinto Olavo acariciar meu braço e quando nossos olhos se encontram, vejo receio nos seus. Sorrio, tentando abrandar a nuvenzinha chata que tenta se instalar entre nós.

Ele pega seu sorvete e vamos para o carro, Olavo da partida e ganha as ruas rumo ao cinema. Conversamos amenidades, o episódio com o amigo parece ter ficado para trás e assim é melhor.

— Olavo, deixa eu segurar seu sorvete, vai cair.

— Vai nada — ele fala e lambe o sorvete que começa a escorrer por seus dedos.

— Você já está fazendo lambança, Olavo. Me dá aqui esse sorvete! — Tento tirar o sorvete da sua mão, mas ele desvia.

— Oww! Deixa meu sorvete aqui. — Ele troca de mãos e estica o braço para fora do carro com o sorvete.

— Olavo, não seja ridículo. Olha isso, vai escorrer tudo.

— Tenho tudo sob controle — ele fala, sério.

— Olavo, para de idiotice. Deixa que eu seguro *pra* você.

— Não! Não se pode tocar a casquinha de um homem, mulher! — Eu explodo em uma crise de riso.

— Jura, machão? E onde está seu sorvete? — Aponto para sua mão que segura somente a casquinha.

— Que merda! — Ele solta o que restou de um sorvete na sua mão, reclamando.

— Bem feito! Não quis que eu tocasse no seu precioso sorvete, perdeu! — Solto uma gargalhada e ele emburra.

Passamos o restante do caminho para o cinema assim, eu rindo do que aconteceu e ele com a cara amarrada e me chamando de sacana.

Olavo fecha a porta do meu apartamento com o pé, já que suas mãos estão muito bem ocupadas segurando meu traseiro suspenso. Estou em seu colo e nossos beijos já passaram para o nível de urgência, tamanho o desejo que estamos.

Os amassos no cinema evoluíram muito rápido e resolvemos sair de lá antes que cometêssemos um atentado ao pudor naquele lugar. Acho que essa coisa de namorados e amassos discretos não funcionam muito bem no nosso caso.

Olavo nos joga no sofá e vem por cima de mim atacando meu corpo e boca, puxa meu cabelo com uma mão, enquanto a outra tenta abrir meu short. Rimos com a urgência e desespero em nossos atos. Parecemos adolescentes aproveitando a pouca chance de alguns minutos sozinhos.

— Iolanda! — Escuto o chamado da minha mãe e estaco no lugar.

Olavo levanta tão rápido que parece ter tomado um choque elétrico no corpo. A luz da sala é acesa e eu me levanto, vendo minha querida mãe parada na sala, observando nós dois com uma cara de poucos amigos.

— Mãe! Você aqui? — Vou até ela, dando um abraço apertado.

— Estava preocupada com você, filha. Resolvi vir à essa terra maluca dos infernos e conferir pessoalmente as porcarias em que você está se metendo. — Encaro-a com uma careta.

— Mãe! Quero te apresentar Olavo, meu namorado.

— Jura? — ela fala com ironia e eu fecho a cara.

— Mãe, esse é Olavo. Olavo, essa é minha mãe, Mônica. — Olavo se aproxima com cautela.

— Muito prazer, dona Mônica. — Ele estende a mão e ela o encara.

— Então, você é o Otávio. Agora eu entendo o encantamento da minha filha. Você tem uma bela carcaça — ela fala, o medindo.

— Obrigado, eu acho. E é Olavo.

— Tanto faz! — Ela dá de ombros e vai para a cozinha.

Olavo me encara e eu solto um pedido de desculpas em silêncio. Conheço minha mãe e ela mal começou a judiar do meu namorado.

— Acho que ela não gostou de mim.

— Eu disse que ela te odeia — justifico, dando um sorriso sem graça.

— Otávio, venha beber um chá antes de ir — minha mãe fala da cozinha.

— Ir? Eu vou embora? Lola? — ele sussurra, vindo para perto de mim.

— É melhor você só obedecer, namorado — sussurro de volta.

— Mas... mas, e nossos *amassos*? Como eu fico?

— Não fica, namorado. — Sorrio da cara de desespero dele.

Vamos para a cozinha, Olavo sustenta uma tromba mostrando seu real descontentamento com tudo que está acontecendo. Eu tento me manter neutra, tenho que conversar com minha mãe e fazê-la entender que as coisas agora estão diferentes. Bom, um pouco diferentes.

— Estou aqui, sogrinha. — Seu sorriso é provocativo.

— Não tenho genro, Otávio. Aliás, nem sabia que minha filha namorava — ela fala enquanto serve o chá.

— Pois tem sim. E meu nome é Olavo.

— Tanto faz. — Ela dá de ombros novamente.

Olavo me encara e eu não mexo um músculo, ainda não sei o que fazer e como agir. Se eu tomar partido nessa pequena guerra, acabará sobrando para mim. Dona Mônica é um amor, mas quando invoca com alguma coisa, não há Cristo que a convença do contrário.

— Excelente chá, sogrinha — sinto a acidez no chamamento dele.

— Obrigada, Otávio. Bom, já é tarde e amanhã vocês trabalham. É melhor você ir — ela decreta.

— Claro. Está tarde mesmo. Denguinho, me acompanha até a porta?

— Sim, claro.

Levantamos para sair da cozinha e vejo minha mãe nos seguindo. Ela não vai dar nenhuma brecha, eu sei.

— Lola, a malu... — Olavo engasga com as palavras quando vira para trás e vê que minha mãe está ao meu lado.

— Ia dizer alguma coisa, rapaz? — Ela cruza os braços na altura do peito.

— Boa noite, dengão! — Vou até ele dando um beijo estalado. — Nos falamos amanhã.

— Certo! — ele responde de cara feia. — Boa noite, sogrinha.

— Boa noite, Otávio!

— Oi?

— Mãe!

— Desculpe. É Otávio! Estou meio atrapalhada hoje. — Ela sorri, fingindo

constrangimento.

Olavo balança a cabeça, nos seus olhos eu vejo fogo. Com certeza, se fosse qualquer outra pessoa, ele já teria respondido à altura, mas provavelmente meu olhar suplicando para que ele se cale o fez deixar passar.

Finalmente fecho a porta e encosto minha cabeça nela, sinto a mão da minha mãe tocando meu ombro e antes mesmo que ela comece com seu discurso do que eu devo fazer ou não eu, me adianto:

— Eu o amo, mãe. As coisas agora são diferentes.

— Filha...

— Não. Me escuta. Eu sei o que ele fez e sei do que ele é capaz, mas ele está diferente agora. Tudo está diferente.

— Uma macieira podre não dá bons frutos, minha filha.

— Mas posso tirá-la e plantar outra. Todo mundo muda, mãe.

— Eu não sei se ele é capaz de mudar e fa...

— Isso não interessa. É só o que você acha e isso não importa.

— Iolanda! Eu sou sua mãe!

— Exato! Minha mãe! Você não é dona da minha vida. Eu decido! — Passo por ela a caminho do meu quarto.

— Só espero que não se arrependa.

Escuto sua voz distante e lamento. Sei que ela só quer me proteger, cuidar de sua única filha e não deixar que eu seja passada para trás, mas ela precisa saber que sou grande o suficiente para fazer minhas escolhas.

Se ela sequer imaginar como tudo isso recomeçou, acho que seria capaz de matar Olavo e cortá-lo em pedacinhos. Se eu realmente pensar em como tudo isso começou, eu não teria recomeçado.



Capítulo 18
Enfrentar todo por él

Lola

Fecho a porta da minha sala e me jogo na cadeira, respirando aliviada por finalmente essa semana infernal estar terminando. Corremos tanto para colocar tudo em dia e preparar todos os pormenores da viagem que a Studio fará para o Festival em Gramado, que eu mesma não preparei minha mala e partiremos amanhã.

Esses dois últimos meses tudo vem acontecendo tão rapidamente que não estou tendo tempo para mais nada. Quando não são as coisas da Studio para me ocupar, é Olavo tomando todo meu tempo disponível para si.

Depois da visita repentina da minha mãe, que não durou mais de dois dias, pois ela tinha que cuidar do meu pai, não houve mais encontros catastróficos. Olavo respeitou o tempo dela e se manteve distante. Cheguei a visitá-los, mas achei melhor ir sozinha.

Após isso, recuperamos o pouco tempo perdido e temos vivido grudados como um típico casal de namorados. Quando ele não dorme aqui, me faz ir até seu apartamento para ficarmos juntos. Já passamos algum tempo com Amanda, Caio e o lindo Benjamin e também visitamos muito a Aldria e o Júlio.

Ele ainda não me levou na casa dos seus pais, disse que está esperando pelo momento certo e que não está preocupado em provar mais nada a ninguém. Quando ouvi isso dele confesso que meu amor por aquele homem errante transbordou do meu coração.

Nossa sintonia está incrível, nos damos bem na maior parte do tempo, isso quando ele não resolve tirar o dia para me provocar. Como eu já sabia, Olavo parece uma criança em tamanho adulto e às vezes se comporta feito um bebê chorão.

Se não fosse todo esse tumulto com a viagem para Gramado eu estaria realmente nas nuvens. Tudo o que sempre quis está acontecendo, ele ainda não disse com todas as palavras, as juras de amor ainda não aconteceram, mas sinto que está próximo.

Essa última semana foi a mais louca, não consegui estar com ele direito e isso rendeu um pouco de chateação. Amanhã eu embarco para Gramado junto de toda a equipe da Studio. Amanda tentou ir, mas Caio bateu o pé que Benjamim ainda é muito novo e não seria uma boa ideia, o que eu concordo, então, serei a única responsável por tudo.

Olavo não ficou muito feliz em saber que ficarei duas semanas fora, queria toda minha atenção essa semana, mas com tudo que está acontecendo aqui, não estou conseguindo dar conta.

Olho as horas e vejo que já deve estar chegando, vou com ele para o meu apartamento terminar de arrumar minhas coisas e amanhã bem cedo ele me deixará no aeroporto. Estou contando que o humor do meu namorado esteja melhor, assim posso aproveitar mais do pouquíssimo tempo que teremos antes de partir.

Escuto uma batida fraca na porta, penso que pode ser meu dengo e levanto correndo para abrir a porta.

— Oi, dengão. — Assusto quando vejo Mauro parado na porta.

— Oi... Eu acho que você esperava outra pessoa. — Ele sorri sem jeito.

— Desculpe, eu me confundi. Entre, Mauro. Em que posso ser útil?

— Não irei demorar, afinal, amanhã você embarca logo cedo.

— Pois é. — Cruzo os braços, sem jeito, esperando que ele fale.

— Eu gostaria de agradecer pessoalmente tudo que fez pela minha filha. Ela melhorou muito nos últimos meses e a psicóloga tem ajudado tanto.

— Mérito dela. Eu só auxiliiei.

— Não. Você fez mais do que isso. Se importou — ele fala se aproximando de mim e eu recuo um passo, por instinto.

— Me importo com todos os alunos, Mauro.

— Eu sei e é isso que te torna uma mulher ainda mais bonita, amável e muito atraente.

— Que isso, imagine. Sou uma mulher como outra qualquer.

— Não, Iolanda. Você não é. — Ficamos nos olhando, ele tentando demonstrar o que acredito ser gratidão e eu cada vez mais encabulada com a intensidade que se criou no nesse momento.

Não sei dizer o quão rápido foi, mas quando me dei conta a boca dele estava na minha e seus braços contornaram minha cintura. Eu levo alguns segundos para esboçar alguma reação e o empurro para longe.

— Você está maluco?

— Lola... eu... sinto muito. Não sei o que me deu... — Ele tenta me tocar e eu afasto.

— Não! Já está na sua hora e, por favor, Mauro, qualquer problema ou dúvida resolva na recepção ou com a Carol.

— Claro. Me desculpe, Lola. — Vejo pesar em seus olhos.

— Só vá embora, por favor. E nunca mais faça isso.

Ele tenta falar algo e acaba desistindo, vou até minha mesa e escuto a porta da minha sala fechar. Busco por ar em meus pulmões para acalmar minha adrenalina. Isso foi uma loucura e não quero nem imaginar se Olavo chegasse aqui e visse isso.

Não sei de onde Mauro achou que poderia tomar essa liberdade, eu nunca lhe dei brecha, nem mesmo antes de começar a namorar Olavo. Sou ciente do seu interesse por mim, mas tudo que fiz foi pela sua filha, como faria para qualquer criança na situação dela.

De repente sinto uma necessidade absurda de estar com Olavo, olho no relógio e

percebo que já era para ele estar aqui. Pego meu celular e tento ligar, toca diversas vezes até cair na caixa postal. Tento novamente e não tenho sucesso, acabo deixando uma mensagem avisando que já fui para casa e nos encontramos lá.

Enxugo meus cabelos depois do banho. Cheguei em casa e enquanto esperava Olavo dar algum sinal de vida, fiquei arrumando minhas malas e acertando algumas coisas para viajar tranquila.

Theodoro será cuidado pela minha vizinha enquanto estarei fora, deixei suas coisas arrumadas e garanti que tivesse comida suficiente para alimentá-lo até eu voltar. Aproveitei que ainda tinha um pouco de massa e molho congelado e improvisei uma bela macarronada.

Já era tarde da noite quando desisti de tentar ligar ou mandar mensagens para Olavo, provavelmente ele ficou ocupado com algo muito importante para nem verificar o celular. A noite romântica que idealizei na minha cabeça foi por água abaixo e acabei ficando frustrada.

Vou ficar um bom tempo fora e nem pude me despedir dele como gostaria. Deitada embaixo dos lençóis, coloco *Perfect*, de *Ed Sheeran* no meu aplicativo e fecho meus olhos. Um aperto faz meu coração disparar e começo a me perguntar o que aconteceu com meu namorado errante que resolveu desaparecer.

— Merda, Olavo! Onde você está? — Encerro pela quinquagésima vez a ligação que tento fazer para ele.

Acabei de chegar ao hotel que ficaremos hospedados e assim que possível corri para o quarto a fim de tentar contato com ele. Não sei o que está acontecendo, já falei com Vega, Aldria, Amanda e Lucca, ninguém sabe me dizer onde Olavo se meteu.

Até agora tentei me manter calma, mas esse sumiço dele não está normal. Não que eu queira ser a namorada pegajosa e chata, mas poxa, eu viajei e ele nem foi se despedir de mim. Quase perco meu voo por ficar esperando por ele no portão de embarque na esperança de que iria até lá.

O choro que segurei por várias horas vem à tona e eu me permito a isso. As lágrimas escorrem pela minha face e eu não sinto a menor vontade de impedi-las. Flashes de dois anos atrás começam a invadir minha mente, diversos momentos como esse, onde eu o procurava, tentava contato e ele simplesmente ignorava.

Os sentimentos daquela época, que tentei apagar do meu coração há muito tempo, voltam com força e eu começo a me sentir a velha boba e tola Lola. Meu estômago embrulha, o conflito entre meu eu de agora e o medo de voltar a ser a covarde que era, brigam dentro de mim.

Um mal-estar repentino invade meu corpo e eu corro para o banheiro chegando a tempo no vaso sanitário para despejar todo o pouco café da manhã que ingeri. Sinto meu corpo inteiro se arrepiar e o enjoo não me abandona, permaneço nessa situação decadente por um bom tempo

até criar forças de levantar e lavar meu rosto na pia.

Espalmo minhas mãos na bancada sentindo uma vertigem, fecho os olhos e respiro fundo tentando me acalmar. Toda a ansiedade e nervosismos de semanas somados ao sumiço do meu namorado babaca deixaram meu emocional abalado.

Vou até a minha bolsa procurar algum remédio que eu possa tomar, vasculho minha *nécessaire* e encontro um remédio para enjoo. Vejo ali minha cartela de anticoncepcionais e começo a fazer as contas na minha cabeça.

Não pode ser.

Corro no meu celular e abro o calendário, conto e reconto e como eu pensava, eu deveria ter começado minha nova cartela esta semana, logo após minha menstruação, que não veio.

— Não. Não. Não. Não. Não pode ser.

Torno a fazer as contas mentalmente e não estou equivocada. Sento na beira da cama chocada, fico pensando nas milhares de possibilidades para que eu possa estar atrasada, qualquer coisa que justifique isso, menos um filho.

Volto a chorar e ficar desesperada, meu estômago que ainda não está recuperado volta a protestar e eu corro para o banheiro com ânsia. Cada vez que penso na possibilidade de estar grávida mais enjoo sinto e ainda mais eu choro.

Quando me sinto recuperada e mais equilibrada, pego minha bolsa e resolvo sair em busca de uma resposta. Já estou uma pilha de nervos e não preciso de mais um motivo para surtar. Isso provavelmente é meu emocional abalado me pregando uma peça, então, vou tratar de tirar isso a limpo e acabar de uma vez com essa agonia.

Nunca imaginei na minha vida que quando descobrisse uma gravidez seria dessa forma. Estou sentada no chão do banheiro, segurando o teste com dois tracinhos indicando positivo e chorando descabelada.

Um misto de alegria e desespero me invade, levo minha mão até a barriga plana, não acreditando que estou carregando uma vida dentro de mim. Eu sempre quis ser mãe, ter uma família, ser chamada de mamãe e poder cuidar e proteger um ser que nasceu de um grande amor.

E aí entra meu desespero. Esse é o cenário que imaginei, mas nunca vivi. Nunca cheguei nem perto disso, vivo um relacionamento que não sei dizer se tem data para acabar, Olavo é maravilhoso com crianças, mas eu não acredito que ele esteja pronto para ter a sua.

Escuto meu celular tocando no quarto e com certa dificuldade vou até ele, olho o visor vendo o nome de Olavo na tela. Recuo e resolvo não atender, caso contrário eu contaria atropeladamente sobre a gravidez e essa não é a maneira certa de dar uma notícia dessas.

O celular toca até cair na caixa postal, logo escuto o alerta de mensagem e pego o

aparelho verificando o que ele escreveu.

Olavo — oi, desculpe pelo sumiço... estive ocupado. Espero que tenha chegado bem. Nos falamos quando você voltar.

Tapo minha boca engolindo o soluço do meu choro, meu corpo inteirinho treme e eu desmorono mais uma vez. Minha cabeça gira, eu apoio na cama e sento devagar, não consigo parar de chorar.

Alguma coisa aconteceu, eu sei, eu sinto. Conheço todos os trejeitos de Olavo, suas atitudes mostram claramente seu modo de pensar. Ele, por algum motivo, está retomando os velhos hábitos e tentando me enrolar. Algo aconteceu, eu ainda não sei o que é, mas irei descobrir.

Esses dias em Gramado serão cheios e tortuosos. Espero que tudo corra bem para eu voltar logo e entender o que ele está pretendendo.

Aliso minha barriga mais uma vez, mas dessa vez sorrio fracamente. Independentemente do que aconteça, dessa vez eu não estarei sozinha, terei alguém por quem lutar, amar e cuidar. Mesmo que Olavo seja negativo com a notícia, não importa, meu filho será a criança mais amada desse mundo.

— Eu vou cuidar de você, pinguinho. — Coloco as duas mãos sobre o ventre. — Meu pinguinho de gente.

Limpo minhas lágrimas e determinada a lutar por algo maior e muito mais importante do que qualquer confusão da minha vida, pego o celular e respondo com a mesma frieza com que fui tratada.

Eu — OK.

Jogo meu celular na cama e resolvo esquecer, por ora, que tenho um ser errante para enfrentar e questionar. Vou focar naquilo que vim fazer aqui, aquelas meninas precisam da minha atenção e dedicação e, claro, meu pinguinho precisa de uma mãe forte e corajosa para enfrentar tudo por ele.



Capítulo 19
Achar que está fazendo ♥ certo

Lola

Faz dois dias que estou em Gramado com toda a equipe da Studio, as meninas estão eufóricas e encantadas com tudo por aqui. A apresentação acontecerá daqui a três dias e hoje iremos visitar a Studio B, da renomada Alisson Novak. Conversei algumas vezes com ela por telefone e confesso que também estou ansiosa, sua simpatia e boa vontade é algo tocável.

Não tentei mais contato com Olavo e ele por sua vez, também não. A única pessoa que falei por esses dias foi Amanda, até porque seria impossível conter a empolgação dela querendo notícias sobre as meninas.

Ela tentou abordar o assunto “namorado desaparecido”, tornou a dizer que não soube de nada naquele dia, eu finjo ser algo sem importância e garanti que estava tudo bem. Meu coração doía de vontade de falar sobre todas as inseguranças que rondavam minha cabeça e a alegria de saber que serei mãe, mas eu não podia.

Eu precisava colocar tudo a limpo com Olavo, não só pelo que aconteceu recentemente, mas principalmente, resolver nossa situação como casal. Agora não posso mais me permitir viver um relacionamento sem rótulos e com prazo de término. Independentemente do resultado dessa conversa, preciso, pelo bem do meu filho, definir nossa situação.

Recolho minha bolsa e vou para o saguão do hotel encontrar Carol e as meninas para sairmos para nossa visita. A Studio B fica em Canela, uma cidade vizinha e pelo que verificamos, bem próxima daqui.

— Finalmente, Lola.

— Desculpa, Carol. Estava verificando meu e-mail.

— Vamos logo. Não aguento mais a ansiedade dessas meninas.

— Onde elas estão? — Olho em volta e não vejo nenhuma delas por ali.

— Estão na van atormentando o motorista.

— Ai, meu Deus. Vamos logo, então. Antes que o pobre coitado desista.

Em pouco tempo partimos rumo à Canela. Carol tenta calar as meninas que tagarelam cada vez mais alto. Eu acabo me distraindo com a agitação delas e me divirto com as confusões que aprontam dentro da van.

Não leva muito tempo e vejo a van parar em frente a um lindo prédio. Sua frente é coberta com um lindo gramado, flores coloridas enfeitam os canteiros dando um ar elegante e ao mesmo tempo familiar.

A fachada é composta de vidros escuros e acima da entrada um lindo letreiro metalizado estampa o nome Studio B em letra cursiva. Elegante e bem colocado, como eu havia dito.

— Uau.

— Incrível.

— Vamos logo!

As meninas ficam em polvorosa agitação, Carol precisa contê-las mais uma vez para que não saiam correndo na nossa frente.

— Meninas, lembrem-se: elegância e disciplina — Carol alerta e elas amenizam.

Entramos no hall da Studio e ele está deserto, vou até o balcão da recepção e não encontro ninguém por ali.

— Estranho. Ninguém por aqui — falo para Carol.

Olho para trás e perco o fôlego com a beldade que caminha em nossa direção. Um lindo homem alto, bem vestido em um terno sob medida, um sorriso encantador nos lábios e olhos afetuosos caminha até nós.

— Olá! Desculpe a ausência da recepção, tivemos uma emergência. Sou Justin Novak e você provavelmente é Iolanda. Estou certo?

— S-sim. Sou eu mesma — acabo gaguejando, ainda impressionada.

— Oi, eu sou a Carol. — Ela praticamente entra na minha frente para ter sua chance de cumprimentar o belo homem.

— Muito prazer, Carol. Sejam bem-vindas. Allie gostaria de estar aqui, mas teve uma emergência com nossa abelhinha. — Olho confusa para ele, que logo explica: — Nossa filha. Yasmim. É que a tratamos por esse apelido.

— Ah sim. — Levo minha mão até meu ventre por instinto e penso em meu pinguinho.

— Vou mostrar a vocês nossas instalações e logo a Dani estará aqui para acompanhá-las.

— Obrigada, Sr. Novak. Se for algum problema, podemos voltar outra hora.

— Não, de forma alguma. E por favor, pode me chamar de Justin.

Logo o lindo homem que descobri ser muito simpático e educado nos mostra todo a Studio B. As meninas ficam encantadas com o lugar e se empolgam para assistir uma aula de Jazz que estava acontecendo em uma das salas.

Justin nos deixa em uma sala vazia para que as meninas possam treinar a coreografia, afinal foi para isso que viemos até aqui. Enquanto Carol organiza as dançarinas, sento em uma cadeira no canto da sala e verifico os e-mails no meu celular.

Passamos algum tempo assim, as meninas treinando, Carol gritando e eu trabalhando bem limitadamente pelo celular. Meu estômago protesta de fome e resolvo sair para buscar algo fácil para comermos.

Desço as escadas e acho uma pequena lanchonete na parte de trás da Studio, peço um suco e um salgado para comer. Vejo alguns lanches naturais na bancada refrigerada e penso em trazer as meninas aqui para comer.

— São deliciosos. Depois que a abelhinha nasceu eu só comia isso. — Olho para o lado e vejo uma linda mulher ao meu lado.

— Eu não gosto muito, mas as meninas vão amar comer depois do treino.

— Você deve ser Lola. Prazer, eu sou Allie. Estava agora mesmo indo procurar por vocês.

— Nossa, Allie. Muito prazer.

— O prazer é meu. Sinto muito não estar aqui quando chegou, mas filhos são assim, imprevisíveis.

— Sem problemas, eu entendo. Seu marido explicou a situação.

— Você tem?

— O quê?

— Filhos. Você tem?

— Não. Eu... eu descobri que estou grávida bem recentemente.

— Nossa! Parabéns, querida. Isso é uma benção. — Sou puxada em um abraço esmagador.

— Obrigada, eu acho — respondo, incerta.

— São sim. Você vai ver. E como o pai reagiu? — ela pergunta com empolgação, mas quando percebe meu sorriso morrer no rosto, fica séria.

— Ele ainda não sabe.

— Sinto muito. Eu estou sendo invasiva.

— Não. É que ainda não deu tempo de conversarmos. Eu descobri quando cheguei a Gramado.

— Ah, entendi. Tenho certeza que dará tudo certo, meu bem.

— Anjo, onde você estava? — Justin se aproxima de nós.

— Oi, meu amor. Estava aqui conhecendo pessoalmente a Lola.

— Precisamos ir. A abelhinha está cansada.

— Justin, ela não é de vidro. Não se preocupe.

— Claro que me preocupo. Vocês duas são a minha razão de existir — ele fala, abraçando-a por trás e depositando um beijo carinhoso no seu rosto.

— Comporte-se, menino bonito. Lola, se me der licença, preciso ver o que minha filha exigente está aprontando.

— Claro. Fiquem à vontade.

— Até mais, Lola — Justin e Allie se despedem e partem, abraçados.

Fico olhando esta cena e inevitavelmente me emociono. A forma como ele a olha, o cuidado e carinho com as palavras, mesmo ela o achando exagerado, nota-se que é uma brincadeira entre os dois.

Confesso que a inveja ronda meu coração. Ansiar por ter um relacionamento perfeito como esse, com um homem incrivelmente amoroso, dedicado, educado, tenho certeza que eles nunca brigaram. Ele é apaixonado demais para contrariar qualquer coisa que aquela mulher diga.

Suspiro profundamente e penso que esse conto de fadas não é para qualquer pessoa. Muito provavelmente não é para mim, aprender a lidar com a minha realidade e batalhar pelo meu pinginho será minha nova fase. Espero realmente que minha volta para São Paulo seja positiva e que tudo se resolva no fim das contas.

Os dias passaram mais rápidos do que eu imaginei e acompanhar as meninas nos treinos na Studio ajudou para que isso acontecesse. Todos os dias, mesmo que por pouco tempo, Allie passa algumas horas conosco. Chegou a dar algumas dicas para as meninas e a melhor parte, conversamos muito sobre gravidez.

Claro que essas conversas aconteciam em separado, normalmente na cafeteria, para que nem Carol ou as meninas ouvissem.

Allie foi muito simpática e aberta comigo. Conversamos sobre tudo, eu sentia que em algumas partes ela engasgava, ora pela emoção, ora por não querer falar e eu respeitei. Não tinha minhas amigas por perto e falar com qualquer uma delas agora seria esperar a comitiva descer em Gramado para me amparar e saber tudo que está acontecendo.

Finalmente chegou o dia da apresentação, as meninas estão ansiosas, três companhias já se apresentaram e elas são as próximas a entrar no palco. Estou na coxia observando tudo e gravando sempre que possível para que Amanda possa assistir.

Ela me fez prometer que faria uma chamada de vídeo enquanto a apresentação acontecesse para que ela pudesse ver as meninas dançando.

— Animada, Lola?

— Oi, Allie. Sim, mais animada pela felicidade delas.

— Vocês voltam amanhã para São Paulo?

— Sim. Amanhã retornamos.

— Você tem meu celular, me chame, quero saber o que seu namorado vai dizer da gravidez.

— Shiuuu... Ninguém pode saber ainda. — Ela sorri para mim.

— Sabe, Lola. Ouve uma época da minha vida em que eu culpava a mim por tudo o que acontecia a minha volta, mesmo quando o que acontecia não poderia ser impedido por ninguém.

— Mas você é uma mulher de sorte. Eu vejo como seu marido a trata e é dedicado e apaixonado, isso é bem diferente da minha realidade.

— Não se engane, Lola. Nem sempre foi assim. Sim, Justin, meu menino bonito, sempre foi um homem dedicado e apaixonado. Mas naquela época em que eu me culpava, acabei cometendo erros enormes e ele também, e o que nos fez sermos o que somos hoje foi isso. Entender e aceitar o erro de cada um e claro, o amor. Quando queremos de verdade que algo funcione, o sentimento tem que prevalecer de ambos os lados.

Uma lágrima solitária escorre pela minha face, sinto um nó se formar na minha garganta e eu não tenho palavras para responder a isso. Sim, eu o amo, nunca pude negar isso, já ele, eu nunca vou saber dizer o que realmente sente por mim.

— Eu sei que parece muito difícil, mas a verdade é muito simples. Você agora responde por outro serzinho e suas escolhas terão que ser pautadas em ambos. Só não afogue todo esse sentimento por achar que está fazendo o certo.

Balanço a cabeça em concordância. Limpando as poucas lágrimas que escaparam dos meus olhos, vejo que as meninas estão entrando no palco.

— Preciso fazer uma chamada de vídeo ou Amanda vai me matar.

Allie sorri para mim, se despedindo, e faço a chamada de vídeo para que Amanda acompanhe a apresentação das meninas.

— Oie.

— *Lola! Me mostra as meninas!* — Amanda fala radiante no vídeo.

— Só um minuto, deixa eu virar a câmera. Prontinho!

— *Oh, meu Deus. Elas estão lindas!*

— Sim, estão.

Fico observando a apresentação das meninas e escutando de fundo os gritos e comentários da Amanda. Tem um momento que ela grita o Caio e o faz assistir também, o coitado fica quase vinte minutos ouvindo-a falar deslumbrada de suas meninas bailarinas.

Em algum momento me perco e as palavras de Allie ficam rodando em minha mente. Tento trazê-las para minha realidade e espero, com todo meu coração, que seja possível fazer o

sentimento prevalecer para o que me aguarda em São Paulo.



Capítulo 20
Nunca más tere?

Lola

Desembarquei em São Paulo com o coração na mão, a esperança latente e a frustração logo me tomou. Antes de sair de Gramado enviei uma mensagem a Olavo avisando que estaria vindo embora, tive como resposta um simples “OK”, mas ainda sim achei que ele estaria no aeroporto me esperando.

Chateada por não o ter ali, vim para o meu apartamento direto, tomei um bom banho e pedi algo para comer. Estava cansada demais para pensar em cozinhar alguma coisa. Pelo menos Theo estava ali para me receber em casa e fazer festa com a minha chegada.

Desempacotei minha mala em um canto do quarto, tomei um banho bem demorado e enquanto a comida não chegava, fiquei me torturando com o celular na mão, a tela de mensagem do número dele aberta e ponderando sobre o que eu deveria fazer.

Enviar mais alguma mensagem me faria sentir que estou rastejando ou implorando por ele. Nem sei o que aconteceu para ele ficar assim, então não vou mais correr atrás. Se ele quiser conversar que manifeste vontade.

Jogo o celular no sofá e escuto o interfone tocando, informando que a comida já havia chego. Pego minha carteira e desço no elevador. Vou me entupir de comida japonesa e me fartar de sorvete. Amanhã penso em que caminho seguir.

As portas se abrem e eu quase caio de costas ao ver Olavo parado no hall do edifício segurando minha comida na mão. Nossos olhos se encontram, sinto os meus lacrimejando e tento manter minha dignidade, já os seus estão frios e julgadores.

— Oi. — Tomo a iniciativa, acanhada.

— Você costuma atender ao entregador vestida assim?

Olho para mim e aí que me dou conta, estou usando minha camiseta do Mickey e nada mais. Saí tão distraída em pensamentos que esqueci de colocar o short, sorte que a camiseta tampa as partes principais.

— Não estou mostrando nada. — Ergo no nariz para sua reprimenda.

— Também não está escondendo — ele responde, me pegando pela mão e nos arrastando para o elevador.

Subimos os poucos andares em silêncio, eu parecendo uma criança que acaba de tomar a bronca épica do pai e Olavo parecendo indiferente a mim. Chego a escutar sua respiração forte, isso denunciando o nível da sua irritação.

Quanto drama por uma camiseta!

As portas do elevador se abrem, pego a sacola de comida da mão dele e saio marchando para dentro do apartamento a passos largos. Escuto a porta bater e logo ele está parado no batente da cozinha, com os braços cruzados e me encarando.

— O que foi? — pergunto de uma vez, espalmando a mão no balcão.

— Diga-me você, denguinho. — Sinto acidez em suas palavras.

— Tudo bem. Vamos começar pelo fato de você ter sumido um dia antes da minha viagem?

— Aquele dia é um bom começo.

— O que você quer dizer com isso? Você sumiu?

— Eu estive lá, Lola.

— Onde? No Studio? Eu te liguei inúmeras vezes, mandei mensagem, você não se dignou a responder. — Indignação transborda de mim.

— Eu achei que poderia estar atrapalhando seu momento. — Um sorriso sarcástico brota em seus lábios.

Olavo se aproxima da bancada, ainda de braços cruzados, encarando meus olhos, desafiando-me a negar algo e é aí que minha ficha cai. Ele viu a tentativa abusada de Mauro me beijar.

— Você viu...

— Sim, Lola. Eu vi. Fico admirado do seu moralismo em me cobrar conduta sendo que você estava me passando para trás.

— Você é um babaca! — Meu tom sobe e Olavo se espanta.

— Fui um babaca em acreditar que estávamos tendo algo especial.

— Algo especial? Engraçado, você nunca consegue nomear o que realmente temos e sabe por quê? Você é um covarde! Eu não estava tendo momento algum com Mauro, ele chegou antes de você para me agradecer o que está sendo feito pela filha dele, que tem problemas psicológicos. Ele tentou sim se aproveitar da situação, confundiu as coisas e veio me beijar e eu o empurrei. Se você fosse um pouco, só um pouco menos medroso, Olavo, teria visto tudo o que se desenrolou, ou, pelo menos teria entrado e intervindo. — Lágrimas indesejadas escorrem pela minha face.

Olavo continua me olhando, mas sua postura vacila. Ele está em dúvida.

— Eu pensei...

— Você pensou que eu estava agindo como você!

— Denguinho... eu... que merda! — Olavo esbraveja com os braços, se virando de costas para mim.

— Foi por isso que sumiu? Por isso se afastou todo esse tempo?

Olavo balança a cabeça em afirmativa, ainda de costas para mim. Contorno o balcão e vou até ele, preciso sentir seu contato, seu toque, o calor do seu corpo. A insegurança de que algo estivesse terminando, que ele finalmente tivesse se cansado de mim me fez delirar com as inúmeras possibilidades do que aconteceria.

Toco seu braço e ele se vira devagar, seus olhos culposos fazem meu coração doer, quero que ele saiba que tudo ficará bem, que isso foi só uma divergência e nos acertaremos. Abraço sua cintura apertado envolvendo meus braços à sua volta, encosto meu rosto em seu peito sentindo seu calor. Logo seus braços cobrem meu corpo e eu respiro aliviada e feliz.

— Vai ficar tudo bem, dengão — brinco com ele para tentar aplacar a tensão que sentimos.

— Não, denguinho. Eu acho que não. — Olavo solta um suspiro e minha felicidade mina aos poucos, me afasto dele.

— O que você quer dizer com isso? Eu já te falei a verdade, Olavo.

— Eu sei e acredito. Quando eu vi aquela cena na sua sala, aquele infeliz tocando você, te beijando, eu não suportei. Achei... eu pensei que você estava tendo um caso com ele. Você andava tão ocupada e nós mal nos víamos...

— Todo meu tempo livre era dedicado a você, Olavo. Você sabia que eu estava atarefada com a viagem!

— Eu sei! Agora, eu sei... Lola, eu fiz merda! — Ele leva as mãos aos olhos, cobrindo-os.

— O que você fez? — Recuo um passo, cobrindo minha barriga com as duas mãos, na vã tentativa de me proteger do que está por vir.

— Eu saí de lá puto. Muito puto. Peguei o carro e rodei por alguns lugares e parei na boate que costumava frequentar com meus amigos. — Meu coração acelera. — Começamos a beber, a imagem sua sendo beijada não parava de me atormentar. Eu bebia cada vez mais tentando esquecer, só que nada diminuía. Doía muito!

— O que você fez? Além... além de beber? — Estou ofegante.

— Eu saí com uma mulher. Aliás, duas. — Sua voz é quase inaudível.

Ele tem a cabeça baixa, sua postura parece derrotada e, ao contrário de mim, que ferveo de raiva, indignação e ciúme. Ando a passos largos até Olavo e sem pensar acerto um tapa certo no seu rosto. Sua cabeça move com o impacto e ele volta a me olhar.

— Você é um ordinário! — grito, apontando o dedo no seu rosto.

— Lola, escuta...

— Não! — Afasto meu corpo quando ele tenta alcançar minhas mãos.

— *Deixa eu explicar...*

— Não! Explicar o quê? Que entrou numa orgia por supor que sou igual a você? Você não vale nada, Olavo. Nada! — grito, andando de um lado para o outro.

— Eu não dormi com elas!

Paro meus passos encarando seu rosto.

— Eu não consegui...

— Estava bêbado demais para achar o caminho? — ironizo.

— Não... eu... não funcionou...

Pisco os olhos várias vezes, encaro seu rosto mesmo ele não me olhando. Tento assimilar o que acabei de ouvir e não acredito. Uma gargalhada estrondosa explode da minha boca. Rio como se não houvesse o amanhã, lágrimas brotam em meus olhos e seguro a barriga que já dói pelo esforço do riso.

— Você... broxouuuuuu. — Continuo rindo.

Olavo me encara chocado, seu rosto fica vermelho pelo que falei. Eu mesma estou chocada com toda a reação que estou tendo. Provavelmente já são os hormônios em ebulição dentro de mim, mas pouco me importo, continuo rindo dele.

— Já acabou? — Ele coloca as mãos na cintura.

— Ah, Olavo. Desculpe, mas isso é engraçado demais. — Continuo rindo.

— Fico feliz que minha virilidade abalada te alegre.

— Isso você pode ter certeza — falo, voltando ao meu normal. — Foi é pouco. Espero que seu pipizinho não volte a funcionar nunca mais. Assim você aprende alguma coisa.

— Iolanda, nem brinque com isso! Um dia ainda quero ter filhos, sabia?

O riso, agora sarcástico que eu ostentava, morre de repente. Ele me lembrou do meu pinguinho e que ainda temos que falar sobre isso. Reúno a pouca coragem que tenho, somado à abundância de raiva que ainda sinto e falo:

— Estou grávida.

Momentos preciosos se passam e Olavo não esboça nenhuma reação. Ficamos perdidos dentro do olhar um do outro, eu ainda sentindo raiva e repulsa pelo que acabou de me contar, e ele simplesmente em choque.

— Você... — Vejo-o engolir em seco.

Olavo se aproxima de mim e me choca ao cair de joelhos na minha frente, olhando fascinado para minha barriga.

— Um bebê... nós vamos ter um bebê. — Sua voz admirada traz novamente minhas emoções à tona e as lágrimas interrompidas voltam a cair.

Ele toca minha barriga com cautela, testando o local, olhando, procurando, admirando, até que, com cuidado, ele aproxima seus lábios e planta um beijo delicado.

— Eu vou cuidar de você. Vou cuidar de vocês! — Um choque me afasta dele.

— Não! Não existe nós, Olavo.

— Lola... você está grávida... de um filho meu... Nós vamos consertar isso, vamos dar um jeito, denguinho!

— Nunca mais me chame assim, entendeu? — Aponto o dedo na sua face. — Você teve a sua chance por diversas vezes, mas dessa vez acabou. Eu não quero mais nada com você.

— Mas e nosso filho? — Ele se levanta, indignado.

— Ele será cuidado por mim e você poderá visitá-lo se quiser. E é claro que vai ajudar com os gastos, afinal, eu não fiz com o dedo.

— Lola! Não me ofenda. Eu jamais deixaria meu filho desamparado.

— Isso seria o mínimo — falo chateada.

— Lola, vamos conversar. Olha, eu não dormi com elas. A coisa não rolou e eu fui embora e deixei as duas no motel.

— Eu não quero saber! O problema não foi o que não fez, Olavo. Foi ter a intenção de fazer.

— Lola! Porra! — Ele esfrega as mãos no cabelo. — Como meu filho vai crescer sem pai?

— Muitas mulheres são mães solteiras e criam seus filhos muito bem. Eu não preciso de você!

— Mas eu preciso de você, caralho! Eu te amo!

E mais uma vez estamos encarando um ao outro, o choque estampado em ambos. O momento que eu sempre sonhei sendo arruinado pelas circunstâncias do que ele fez.

— Eu não acredito em você. Quem ama não faz esse tipo de canalhice.

— Lola... eu te amo! Eu sempre amei e só agora minha ficha está caindo. Porra, me dá uma chance. Só mais uma? — ele fala em súplica, com as duas mãos unidas em oração.

— Não — respondo friamente.

Meu choro cessou, algo dentro de mim se partiu no momento que deveria ser a realização da minha vida. Sua revelação não me motivou a nada, amor não é isso, nem chega

perto e lembrando das palavras da Allie, eu agora tenho por quem lutar. Não posso simplesmente passar por cima disso.

— Vá embora, Olavo. Eu mando notícias do seu filho por alguém.

— Lola...

— Só vá embora. Por favor... — Dou-lhe as costas.

Meu corpo convulsiona, sinto-o tremer. O choro quer transbordar, mas eu me mantenho firme. Não vou desmoronar perto dele.

Escuto seus passos cautelosos cada vez mais distante e o clique da porta me certifica de que ele se foi.

Alívio me invade quando solto um soluço alto e as lágrimas desesperadas me lavam, tirando de mim todo o sufoco que estou sentindo. Meu corpo treme e aos poucos, escorrego pela parede até sentar no chão e ali permaneço chorando e lamentando tudo que nunca tive e que agora nunca mais terei.



Capítulo 21

E ne que vivereŕ a partir de hoŕe

Olavo

Saio feito um louco do apartamento da Lola, minhas mãos tremem, meu peito está tão apertado que tenho dificuldades para respirar. Sinto algo molhado em meu rosto e quando limpo percebo que tenho lágrimas.

Achei que tivesse passado o inferno no dia em que ela viajou, me senti um idiota traído, um verdadeiro babaca, um ódio misturado ao ciúme tomou conta de mim e canalizei minha ira em vingança.

Queria feri-la de alguma forma, descontar os meses em que mantive minha promessa de ser somente dela. Eu não poderia deixar barato essa afronta, enquanto eu bancava o namorado apaixonado, ela me enganava com aquele cuzão.

Eu não pensei, simplesmente ativei o modo canalha e saí para a farra. Mandeí mensagem para Renato, que respondeu rápido, informando que a galera estava no clube que costumávamos frequentar e parti para lá.

Cheguei bebendo do copo dos meus amigos, Renato perguntou de Lola, já que as inúmeras vezes que ele me chamou para sair eu disse que estava em outra. Omiti a verdade e disse que ninguém me domava e que estava de volta à ativa.

Logo choveu mulheres a nossa volta. Também pudera, cinco homens solteiros, de presença, bebendo feito bezerros e fazendo algazarra, não foi difícil encontrar uma companhia. Como meu objetivo era esquecer, escolhi duas mulheres, as mais fogosas, e decidi que era com elas que eu esqueceria aquela pistoleira.

As duas, que não consigo lembrar nem do rosto, quem dirá do nome, se esfregavam em mim fazendo uma dança sensual. Aproveitei e passei a mão pelo corpo das duas, beijava uma, ora a outra, isso quando não nos beijávamos ao mesmo tempo.

Estava protagonizando a porra de um pornô para qualquer um que quisesse ver, os caras aplaudiam e isso me incentivava a ser cada vez mais obsceno. Hora ou outra a imagem dela vinha em minha mente, seus cabelos espalhados pela cama, o rosto ruborizado logo após a nossa foda... logo o ciúme voltava, a imagem dela sendo beijada e tocada por um fodido se sobrepunha e a ira me dominava novamente.

Eu bebi demais, não sei dizer o quanto, mas literalmente passei da conta. Sai da balada transtornado, as garotas que me acompanhavam praticamente me arrastaram para um carro. Mandeí o motorista ir para o motel mais próximo e logo começamos a festinha dentro do carro.

Minha cabeça rodava pela bebida e por pensamentos assassinos em torno de Lola e aquele infeliz. Mal entramos no quarto e as duas já estavam na cama, nuas e se pegando. Sempre gostei de ver garotas em ação, é muito excitante ver o prazer que elas podem se proporcionar.

Quando penso em cair na farra e mostrar as duas o que um pau pode fazer, percebo que o meu amigo de todas as horas está dormindo. Nada, absolutamente nada está acontecendo ali embaixo e um desespero me toma. Parte da minha bebedeira vai embora quando percebo que não

tenho uma mísera ereção.

— Vem, Olavo, está faltando você e seu pau aqui — a loira me chama.

— Já vou, gatinha. Vai aproveitando a ruiva que já vou aí — respondo sorrindo sacana e rumo ao banheiro.

Entro trancando a porta e vou até o lavatório, abro a torneira e jogo punhados de água na minha cara. Encaro o espelho por um tempo.

— Isso não pode estar acontecendo — falo para mim mesmo.

Abro minha braguilha e apelo, se não for por bem será por mal. Tiro meu pau, praticamente morto para fora e começo a me masturbar. Tento tudo o que é possível, penso em todas as situações excitantes que já vivi, mulheres que já peguei, pelo amor de Deus, tenho duas gostosas no outro cômodo se pegando e esperando pelo meu pau e nada.

Um desespero louco começa a tomar conta de mim e minha mente traidora me leva para ela. Minha menina dos olhos amendoados e sorriso tímido invade minha mente, sem que eu me dê conta, minha mão começa a se mover e o idiota do meu pau presta continência com louvor para minha imaginação.

— Ah, não! — urro no banheiro, indignado. — Como assim, seu traidor de uma figa, vai levantar *pra* ela? Aquela safada! — falo, apontando para ele, dando uma bronca.

— Olavo? Está tudo bem? — uma das garotas me chama.

— Sim, querida. Só um minuto e já estou indo — falo com a voz amena.

— *Tá* vendo, seu traidor. Se não levantar para elas você não terá um momento feliz tão cedo — sussurro para o meu próprio pau.

E ele parece determinado a mostrar quem controla a situação voltando para a posição de morto vivo de antes. Fecho minha calça revoltado, minha bebedeira já havia diminuído e eu não vou passar a vergonha de mostrar a essas garotas o quão frouxo meu pinto pode ser.

— Meninas, eu tenho que ir. Uma emergência familiar — falo para as duas que ainda se divertem na cama.

— Ah... Olavo... — ambas lamentam.

— Eu sei, mas preciso ir. Vou deixar a noite paga, divirtam-se. — Não dou tempo para despedidas e saio feito furacão dali.

Voltei para casa e acabei com o meu estoque de bebidas. Bebi até desmaiar enquanto amaldiçoava meu pau traiçoeiro. Isso nunca me aconteceu e justo quando mais preciso dele, o traíra me larga na mão e resolve ficar do lado da pistoleira.

Lola tentou contato e eu me controlei para não dizer poucas e boas para ela, quase peguei o avião e desembarquei em Gramado só para confrontá-la, mas achei melhor não. Queria

surpreende-la aqui, em seu território. Queria poder olhar em seus olhos e tripudiar pelo que fez, no fim das contas só atestei o quão fodido sou.

Volto a realidade socando o volante do meu carro. Ainda estou rodando sem rumo e não tenho a menor vontade de parar. Eu só queria poder sumir, hoje ela conseguiu me quebrar de todas as formas possíveis.

Primeiro revê-la, ela estava linda como sempre, demonstrava apreensão, mas pensei que fosse pelo fato de desconfiar que eu soubesse e então, veio a bomba. Foi uma merda de um mal-entendido do caralho, que eu acabei cegando. Ela teve razão em dizer que pensei que ela fosse como eu, sim, pois na primeira oportunidade que tive também a traí.

Senti vontade de socar minha própria face quando ela contou tudo o que aconteceu e eu sabia que o mínimo que poderia fazer era ser honesto, mesmo sabendo que isso custaria tudo que eu havia conquistado com ela.

E para dar a martelada da morte na minha cabeça, Lola revela que está grávida. Um filho. Eu não sabia o quanto queria ser pai até ela me dar aquela notícia, um misto de felicidade e euforia me invadiu, já conseguia nos ver em um jardim de uma casa enorme, meu filho correndo e brincando e eu e ela sentados na grama desfrutando de tudo aquilo.

Só que a realidade estava ali, minhas merdas todas à mesa e ela tinha a ceifa para arrancar tudo isso de mim e foi exatamente o que fez. Não havia argumentos, eu sabia, mas precisava falar para ela o que estava preso em mim já fazia um tempo. Eu simplesmente não falava porque era o covarde que ela mencionou.

Eu a amava, acho que sempre amei, no entanto, o ser egoísta dentro de mim nunca quis se render por completo. Sempre achei que um dia ela poderia ver que eu realmente não valeria a pena e partir e no fim foi isso que aconteceu.

Quando ela me pediu para partir, vi em seus olhos desistência. Ela estava abrindo mão de mim, das minhas merdas, afinal, agora ela tinha algo muito mais valioso para cuidar. O nosso filho.

Enxugo as lágrimas que teimam em cair pela minha face. Penso nela, penso em meu filho e tudo que joguei pela janela por ser um idiota.

Lembro-me de como tudo isso recomeçou, meu pedido descabido, meu egoísmo desmedido e resolvo terminar com toda a palhaça que iniciei. Faço retorno no carro encontrando o rumo certo. Posso não ter mais o amor da minha vida, a única mulher que eu amei e que enxergou em mim mais do que o garoto que todos viam, mas pelo meu filho, farei tudo certo dessa vez.

— Pronto, Olavo, seus tios já estão aqui. Qual a urgência? — Encaro meus pais e meus tios e me ponho a falar.

— Obrigado por ter vindo tio, tia. Eu chamei todos aqui, pois tenho que contar algo

importante.

— *Madre de Dios*, já estou nervosa. Fale logo, menino! — tia Helena me apressa.

— Quando vocês me impuseram aquela condição ridícula sobre me estabelecer e parar de farrear, fiquei muito puto. Tentei pensar em uma saída, eu não queria me prender a ninguém em contrapartida, não queria abrir mão da presidência, então, eu pedi ajuda da Lola.

— Como assim ajuda, meu filho? — minha mãe pergunta, preocupada.

— Pedi que Lola se passasse por minha namorada até vocês tirarem essa imposição ridícula de cima de mim.

— Não... — tia Helena e minha mãe lamentam juntas.

— Sim. Eu pedi. E Lola, como sempre bondosa, me ajudou.

— Então era tudo mentira? Nunca imaginei que essa menina fosse capaz disso — meu tio se pronuncia.

— Não, tio, ela não é. Por isso logo que começamos com isso a coisa toda mudou de rumo e nós acabamos nos envolvendo de verdade. Eu me apaixonei, acho que sempre fui apaixonado por ela, mas sempre fui idiota demais *pra* admitir — termino a frase em lamento, sentindo todo o arrependimento pesar sobre mim.

— E está nos contando tudo isso por quê? Enjoou dela e quer garantir a presidência? — meu pai fala, enérgico.

— Não, pai. Eu estou falando tudo isso porque hoje eu perdi a pessoa que amo e sei que não a terei de volta. Eu a vi com um cara há uns dias e deduzi errado, acabei fazendo uma merda gigante e hoje ela voltou de viagem, fomos colocar as coisas às claras e descobri que o único que errou fui eu.

— Ah, meu filho. — Minha mãe vem até mim se sentando do meu lado e tentando me confortar.

— Eu estou contando tudo isso, não para garantir minha cadeira na presidência, pelo contrário, estou abrindo mão dela. Se vocês acham que não tenho competência para tal, não me importo. Lola está grávida, espera um filho meu e por eu ter sido um completo idiota, estou perdendo a única chance de ser feliz e viver feliz com a mulher que eu amo vendo meu filho crescer ao meu lado.

— Por *Madre de Dios*, você será pai? — Minha tia bate as mãos e vem até mim pegando meu rosto e beijando cada lado das minhas bochechas.

Sinto um tapa ardido na nuca e reclamo, olhando para minha mãe.

— Seu moleque! Trate de consertar isso, Olavo. Eu não quero ficar longe do meu neto! Coitada da Lola, passou por tudo isso por você e agora está grávida e sozinha. — Minha mãe se levanta, visivelmente agitada.

— Mãe, ela não me quer. Eu não posso culpá-la.

— Não interessa! Você vai consertar isso!

— Mas mãe...

— Nada de mas, Olavo! Venha, Lena, eu preciso de um café para digerir tudo isso. —
Elas saem do escritório.

— O que pretende fazer, filho?

— Em relação a empresa vocês já sabem. Abro mão seja do que for. Eu não faço
questão de mais nada.

— Isso não, menino. Seu pai está perguntando sobre sua namorada e seu filho — meu
tio esclarece.

— Eu não sei. Darei um tempo a ela, mas logo entro em contato para saber do bebê —
falo, pensativo.

— Tire uns dias da empresa, damos conta sem você. Pense com cuidado, filho, não há
erro irreparável quando se tem sentimentos — meu pai aconselha.

— A não ser que ela seja igual as mulheres dessa família — meu tio fala com humor
sarcástico.

— Tio... — lamento, jogando minha cabeça no encosto do sofá e fechando meus olhos.

— Eu deveria te dar uma surra, garoto, mas a miséria que vejo em você já é castigo
suficiente. Quando eu e seu pai tivemos essa ideia maluca de relacionamento, era para tentar te
frear um pouco, você parecia um libertino descontrolado e começamos a temer por problemas
irreparáveis, Olavo — meu tio solta e eu o encaro. — A presidência continua sendo sua, caso
queira. Nunca duvidamos da sua competência, mas questionamos seu caráter moral. Tire os dias
que seu pai ofereceu e pense bastante no que vai fazer. Os homens dessa família tendem a se
apaixonar só uma vez na vida e perder esse amor vai te deixar incompleto para sempre. — Meu
tio vem até mim dando três tapinhas no meu ombro e sai do escritório seguindo meu pai.

Solto ar dos meus pulmões, tudo ocorreu melhor do que imaginei e talvez, se eu tivesse
tido essa atitude desde o começo, nada disso teria acontecido. Talvez eu também não tivesse me
aproximado de Lola e descoberto aquilo que sempre senti e fiz questão de negar. Eu a amava.

As palavras do meu tio começam a rodar na minha cabeça, meu peito em frangalhos só
me certifica da miséria que viverei de hoje em diante. Subo para meu antigo quarto, não quero
ficar sozinho naquele apartamento, principalmente por eu ver Lola em cada canto daquele lugar.

Solto meu corpo sobre a cama e faço a única coisa que posso: lamentar, sofrer, lembrar
e sonhar com os bons momentos que tivemos juntos. Se o que me resta é o passado, então é nele
que viverei a partir de hoje.



Capítulo 22

Eu teria que aprender mais essa lição

Lola

Passo dois dias na cama. Minha rotina se resume em vomitar, dormir, comer, chorar e vomitar novamente. Praticamente um ciclo vicioso. Já marquei uma consulta com a minha obstetra para dar início ao pré-natal.

Olavo não tentou nenhum contato e fiquei muito agradecida por isso. Nossa briga não sai da minha mente, fico a todo momento me torturando, imaginando ele em orgias com várias mulheres durante a minha ausência. Estou exausta emocionalmente e lidar com ele agora, mesmo que pelo meu filho, acabaria ainda mais comigo.

Mandei uma mensagem para Amanda explicando minha ausência por esses dias, disse que estou com uma virose e que logo que possível retorno. Amanhã é meu médico e só depois da consulta é que pensarei em como seguir e, claro, dar a notícia para todos. Só de pensar na reação da minha mãe eu chego a tremer.

Estou jogada no sofá, já passam das duas da tarde e estou tentando assistir a um programa de culinária enquanto Theodor tenta chamar minha atenção.

— Hoje não vai rolar, amigão, eu estou um trapo. — Ele parece entender o recado e desce do sofá indo para a cozinha.

Escuto o barulho do interfone chamando e levanto intrigada. Ninguém fora Amanda sabe que estou em casa nesse horário. Atendo a chamada e sou informada de que tem quatro pessoas nervosíssimas na portaria querendo subir a qualquer custo.

— Pode permitir, Sr. Aroldo. — Libero a entrada sem nem precisar saber os nomes. É o quarteto.

Torno a me jogar no sofá respirando fundo, já posso imaginar o circo que me aguarda, assim que eles passarem por essa porta.

— Lolita! — A líder terrorista vem à frente.

— Aldria, que surpresa!

— Surpresa é você estar sumida por dois dias.

— Oi, amadinha! — Lucca vem me cumprimentar.

— Oi, Lola — Vega me beija e senta ao lado de Aldria.

— Olá, amiga. Como você está? — Amanda me abraça reconfortante e sinto vontade de chorar.

— Tô bem.

— Pensei que Olavo estaria aqui cuidando de você já que ele não dá as caras na empresa tem dois dias — Aldria comenta, esticando o pescoço e olhando em volta.

— Não. Eu só falei com ele logo que cheguei e depois não mais.

— Amiga, o que está acontecendo? Você está abatida, mas isso não parece uma virose — Amanda questiona, preocupada.

— Pirralha! *Tá* na cara! Ela e o meu cunhado brigaram. Não foi? Que merda ele aprontou, Lola?

— Eu... é... — Minhas mãos começam a transpirar e me hiperventilar com os olhares questionadores me fitando.

— Desembucha, Lola — Vega decreta e eu não aguento segurar.

— Nós terminamos.

— O QUÊ? — os quatro gritam em uníssono.

— Sim. Nós terminamos. Foi uma confusão, um mal-entendido, mas resolvi dar o basta.

— Superficial demais, garota! Queremos detalhes de o que o idiota do meu cunhado aprontou — Aldria fala, demonstrando raiva.

Respiro profundamente e começo a relatar todo o acontecimento desde a noite antes da viagem. Falei sobre Mauro, Olavo deduzindo coisas e acabando por meter os pés pelas mãos.

— Eu vou ligar *pra* ele — Aldria decreta, levantando do sofá.

— Não! — grito, levantando-me em um pulo.

— Isso não pode ficar assim, Lola — Vega intervém.

— Eu não quero ter nada mais a ver com Olavo. Já basta o que nos ligará pelo resto da vida. — Abaixo minha cabeça, levando a mão ao meu ventre.

— Nãooo... — Lucca sussurra, vindo até mim e cobrindo minhas mãos com as suas.

— Sim. — Olho-o, sorrindo fracamente.

— Amada, isso é incrível. Um bebê, meu Deus, um bebê. — Ele sorri abertamente, me apertando em um abraço afetuoso.

— Lolita! — Aldria se junta a nós.

Logo Amanda e Vega se agregam nesse abraço coletivo e ficamos assim durante um tempo. Sinto meu corpo ser embalado de um lado para o outro por eles e essa demonstração de afeto e cuidado me levam as lágrimas.

— Não chora, amiga. — Amanda consegue nos separar e me abraça individualmente.

— Não consigo. Acho que são os hormônios.

— Espere querer transar até com a maçaneta da porta e aí conversamos — Aldria

desdenha e eu faço cara de nojo.

— Que horror, Mortícia — Lucca se manifesta.

— Meu primo sabe da gravidez, Lola? — Vega pergunta quando tornamos a nos sentar.

— Sim. Eu falei.

— E mesmo assim ele foi embora? Cachorro, safado! Eu vou matar meu cunhado — Aldria se irrita mais uma vez.

— Não foi bem assim, Aldria. Eu pedi que fosse embora. Ele até pareceu emocionado, queria conversar, tentar consertar as coisas, mas para mim já deu. Não tem volta.

— Mas ele broxou, garota. Isso já é um bom castigo — Aldria argumenta.

— Mas teve a intenção de fazer e isso que é grave — Lucca pondera.

— Acho que vocês ainda têm muito que conversar, amiga. As coisas não podem ficar assim. Ele sendo pai tem direitos e deveres — Amanda comenta.

— Sim, eu sei. E nunca passou pela minha cabeça tirar isso dele. No que Olavo quiser participar, desde que seja relacionado a seu filho, eu não impedirei.

— E o que pretende fazer? — Vega pergunta.

— Amanhã volto a trabalhar e tenho uma consulta com a minha obstetra.

— Por que não vai ao médico da família? Nós três nos consultamos com Dr. Hugo, o melhor da cidade — Vega sugere.

— Não sei se ele atende meu plano e além do mais, estou acostumada com a Dr. Ana.

— Querida, você está grávida de um Gouvêa. Acha mesmo que dinheiro será o problema para cuidar do bem-estar de vocês? — A frase de Vega faz minha ficha cair e me sinto envergonhada.

— Eu não sou interesseira — defendo-me.

— Eu não disse isso e jamais pensaria isso de você, Lola. Primeiramente, eu sei o quão apaixonada você sempre foi pelo meu primo e em segundo lugar eu nunca duvidei do seu caráter, mas você há de convir que agora a situação muda completamente de figura. Todo cuidado com você e a criança é o mínimo que Olavo e nossa família poderia te oferecer, já que vocês não estão mais juntos.

— Eu não sei. Acho melhor passar com a minha ginecologista e conforme for, vemos isso futuramente.

— Tudo bem, você quem sabe.

— Já contou a sua mãe? — Amanda pergunta.

— Ai, amiga, não me lembre. Vou visitá-los no fim de semana e falar. Não quero nenhum fardo nas minhas costas — respondo com pesar.

— Bom, de tudo que ouvi hoje, só tenho uma pergunta: posso ser a madrinha? — Lucca solta em tom de mistério, fazendo Amanda, Vega e eu rimos sem parar.

Aldria joga uma almofada nele, que a chama de ignorante, e eles começam a brincar e fazer vários planos de quem poderia ocupar o lugar de padrinho e madrinha do meu filho.

Esse quarteto é incrível. Pessoas leais que estão sempre dispostas a ajudar uns aos outros e fico feliz de poder contar com eles. Não me sinto parte integrante da turma, mas saber que tenho o respaldo de pessoas tão especiais faz com que esse momento se torne um pouco mais leve.

— O ultrassom confirmou, Iolanda. Você está grávida de oito semanas, aproximadamente. É bem recente.

— Dois meses? É isso?

— Fazemos a contagem por semana, assim temos parâmetros e condições de analisar o feto e seu desenvolvimento mais detalhadamente. Já vou lhe passar as vitaminas que precisa começar a tomar.

— Tudo bem — respondo.

Hoje acordei nova em folha. Claro que o coração ainda dói quando penso nele, porém, agora tenho uma nova motivação, que vai além de qualquer amor que já senti. Meu filho.

Como vem acontecendo desde o dia que ele saiu da minha vida, os dias passo bem, não tendo tanto mal-estar e as noites a tortura começa. Fico enjoada, mal, choro, me sinto sozinha e morro de saudades dele. Coração idiota.

— Só temos um problema, Iolanda. Eu estarei fora durante três meses, então estou direcionando minhas pacientes para um colega. Tudo bem para você?

— Ah, tudo bem.

— Ótimo. Vou passar sua ficha para ele e logo sua secretária ligará marcando a próxima consulta.

— Eu agradeço, doutora.

— Não por isso e, mais uma vez, parabéns pela gravidez.

— Obrigada! — Sorrio de orelha a orelha.

Saio do consultório muito mais leve do que cheguei. Daqui a duas semanas terei outra consulta, onde farei exames mais específicos.

Chamo um Uber e enquanto espero na calçada vejo um carro parar no acostamento. Os vidros baixam e vejo uma versão do Olavo muito abatida no volante.

— Entre, Lola. Eu te levo.

— Não.. eu.. como você sabia onde eu estava?

— Amanda — ele explica. — Vamos, entre.

— Já chamei o *Uber*, ele está próximo.

Olavo bufa soltando seu cinto, desce do carro e vem até mim, pegando a minha mão e me conduzindo até o carro. Abre a porta e me faz entrar. Não tenho reação alguma, ainda estou chocada por vê-lo aqui e acabo aceitando seu comando.

— Coloque o cinto — ele fala simplesmente, ganhando as ruas de São Paulo.

Mantenho-me quieta, o silêncio só não é mais torturante, pois dos alto falantes escuto *Unsteady, X Ambassadors* tocar. Chego a pensar que ele colocou essa música propositalmente, como algum tipo de mensagem, mas logo dispenso a ideia. Chega de fantasias em torno deste homem, ele é o que é e nada vai mudá-lo, nem meu amor e, infelizmente, nem meu pinguinho.

— Como foi a consulta? — pergunta com a voz branda, como se tomasse cuidado para falar.

— Bem. Está tudo bem com o pinguinho.

— Pinguinho? — Ele me olha em confusão.

— O bebê. É que eu o apelidei de pinguinho de gente, já que ainda não sei o sexo e nem tive tempo de pensar em nomes.

— Entendi.

A conversa morre entre nós. Eu não quero falar mais do que o necessário. Para ser bem honesta, estar com ele aqui não está me agradando em nada. Toda a euforia que ele me causava só com sua presença já não existe mais, só sinto dor e decepção.

— Eu vou para o Studio — aviso para ele pegar a saída correta.

— Mas você não precisa de repouso ou algo do tipo?

— Não, Olavo. Eu estou grávida e não doente. — Não consigo evitar a grosseria.

— Desculpe, eu não estou acostumado a isso. — Ele tenta se redimir e eu o ignoro, voltando meus olhos para o trânsito.

Não demora tanto para que ele estacione o carro na lateral da Studio. No fim das contas, a tortura não durou tanto assim. Ele mal desliga o carro e já estou saltando para fora. Não quero nenhuma conversa íntima, até porque não há nada a ser conversado.

— Eu te mando mensagem atualizando sobre o bebê.

— Lola, espera! — ele pede, descendo do carro e vindo até mim.

— O que você quer, Olavo?

— Conversar. — Seus olhos me mostram súplica.

— Não temos nada a falar. Tudo que a médica me disse já te informei. Tenho um ultrassom daqui duas semanas, te aviso o dia e horário, caso queira ir.

— Claro que quero. Tudo relacionado a você e o pinguinho me interessa.

— Relacionado ao bebê. Somente ao bebê. Não esqueça isso, Olavo.

— Lola, por favor... O que eu preciso fazer? Me diz e eu faço. Qualquer coisa.

— Fique longe de mim. Isso já ajuda muito. — Vejo a dor em seus olhos e pela primeira vez não me comovo com isso.

— *Tá...* — ele responde, recuando.

Colocando suas mãos no bolso da calça, ele fica parado me olhando com pesar e simplesmente dou-lhe as costas e caminho para dentro da Studio.

Pela primeira vez em alguns dias eu não choro. Achei que quando nos encontrássemos novamente isso abalaria totalmente meu emocional, pensei que seria muito difícil lidar com isso e de certa forma fico feliz. Cedo ou tarde eu teria que aprender mais essa lição e é bom testar e saber como as coisas ficarão entre nós.



Capítulo 23
Estar perto da minha mulher

Olavo

Passei dois dias no inferno, prostrado na cama do meu antigo quarto. Mal me alimentei, só ingeri alguma coisa quando minha mãe ameaçou me levar para o hospital e ela sabe o quanto odeio hospitais.

Minha mente está fazendo um ótimo trabalho em me torturar com as lembranças dos últimos meses com Lola. Acordado ou dormindo, a única coisa que habitava minha mente era ela e, como se não bastasse o sofrimento, eu ia mais a fundo feito um masoquista em busca do seu prazer na dor, fuçando a galeria do meu celular vendo as fotos que estávamos juntos ou relendo nossas conversas por mensagem.

Deixei meu celular em modo avião para que nenhuma ligação ou mensagem chegasse até mim, e pedi aos meus tios e pais que não falassem com ninguém sobre isso. Eu ainda não estava pronto para confrontar todos e admitir o nível da babaquice que eu vivia.

Num ímpeto de melhorar a miséria que me assolava, resolvo me levantar e sair para uma corrida. Precisava buscar algo que tirasse minha mente dessa merda toda. Troquei de roupa e fui para a academia que ficava ao lado da casa da piscina no fundo de casa.

Subo na esteira e começo com uma caminhada básica, meu corpo obedece aos meus comandos, mas minha mente ainda vagueia nela. Acelero meus passos e logo estou em uma corrida extravazadora. Meu corpo aquece, o suor escorre de mim molhando minha camisa, a pressão do meu peito diminui um pouco e eu consigo respirar mais aliviado.

Quando começo a pensar que me sinto bem, sinto um murro acertar meu braço. O impacto me faz desequilibrar e tropeço na esteira não conseguindo acompanhar sua velocidade. Caio feito um pastel e vejo Vega parada ao meu lado, com os braços cruzados e a face dominada pela ira.

— Que porra foi essa, Vega? — falo, tentando me levantar.

— Você é um *gillipolas*, Olavo. Como pode?

— Você já está sabendo? — a indago.

— Claro. Faz dois dias que Lola não aparece no Studio e você sumiu sem deixar rastros, sabíamos que algo não estava correndo bem.

— Lola não foi trabalhar? Mas ela *tá* bem? O bebê...

— Eles estão bem, mas não graças a você!

— Eu sei...

— Você foi um imbecil! Pensar que Lola te trairia? É muita burrice.

— Eu sei. Ela fez tudo que fez por mim e eu não valorizei isso. Já estou me sentindo um merda suficiente, prima.

— Fez? O que ela fez?

— Ela não te contou? Eu... eu pedi a ela que se passasse por minha namorada e ela aceitou. A coisa não rodou como deveria e acabamos envolvidos demais.

— Vou arrancar sua cabeça. — Vega vem para cima de mim e me cubro como posso para fugir dos socos dela. A mulher bate igual homem.

— Vega, pequena, *para* com isso. — Antônio me salva, conseguindo conter sua mulher.

— Me solta, Antônio. Vou matar meu primo. Meu priminho vai nascer sem pai. — Ela avança de novo e corro para trás da bicicleta ergométrica.

— Segura ela, Antônio! — grito.

— Mas que merda você fez para ela estar assim? — Antônio questiona, pegando Vega pela cintura enquanto esperneia em seu aperto.

— Só contei a verdade.

Quando tento sair do meu esconderijo, um sapato rosa muito chamativo passa voando perto dos meus olhos e eu viro a cabeça em direção de onde veio. Vejo um touro vindo em minha direção.

— Ah, caralho. — Contorno a bicicleta e tento correr, mas Lucca está parado na porta bloqueando a passagem de braços cruzados.

— Seu broxa do caralho, como você fez isso com ela? Sabia que ela tinha sentimentos por você e mesmo assim pedir que ela se passasse por sua namorada? Olavo! — O touro chamado Aldria vem a meu encalço e ficamos contornando os aparelhos de ginástica. Eu a frente e ela logo atrás me caçando.

— Que merda está acontecendo aqui? — Vejo Caio e Júlio entrarem na academia e respiro aliviado.

— *Para* ela, Júlio! Ela quer me matar! — grito para o meu irmão, que sai em busca da sua mulher.

A cena seria cômica se eu não fosse o alvo daqueles três malucos. Vega sendo contida por Antônio, Lucca parado na porta, só esperando sua oportunidade de me caçar e Aldria feito um búfalo selvagem me perseguindo e sendo seguida por Júlio.

Escuto um disparo e meus ouvidos zunem me fazendo parar a corrida. Olho em volta e todos estão parados encarando Caio, que tem sua pistola na mão, apontada para o teto.

— Eu ouvi um tiro! — Amanda entra na academia, apavorada.

— Já chega! Quarteto de um lado e Olavo do outro. Vocês vão conversar como pessoas normais.

— Falou o cara que acabou de atirar no teto. — Olho para a porta e vejo Eduardo

entrando.

— O que é isso? A caça do puteiro do Olavo? — pergunto, chacoalhando meu dedo no ouvido, na vã tentativa de aplacar o zumbido.

— Puteiro? Não, acredito que esteja mais *pra* broxa — Aldria desdenha e cai na gargalhada.

— Linda, não brinca com a masculinidade do meu irmãozinho — Júlio fala, apertando meu ombro.

— Há-há! Muito engraçado, cunhadinha. Para sua informação, eu não sou broxa. Só meu pau que resolveu ser fiel a uma única boceta.

— Pelo amor de Deus! Não vim aqui para ouvir sobre o desempenho ou não — Lucca me encara com ironia e eu fecho a cara — do Olavo. Quero saber como fica Lolita e seu bebê nessa história.

— Senta ele aí e vamos ouvir tudo. Nos mínimos detalhes — Vega decreta e eu obedeço.

Conto em detalhes tudo que aconteceu desde que procurei Lola na Studio meses atrás. Houve momentos que elas ameaçaram me bater, mas os caras contiveram o ímpeto raivoso delas.

— Você a ama. E disse isso — Amanda fala sorrindo. Dos quatro ela é a única que demonstra calma.

— Isso não justifica suas merdas, cunhadinho — Aldria avisa.

— Eu estou no inferno, cunhada. Não preciso que me lembre disso. Agora que vocês sabem de tudo vão me ajudar?

— Com o quê? — Vega cruza os braços me olhando, enquanto Aldria começa a gargalhar.

— Com Lola, claro. Eu a quero de volta — determino.

— Sonha, neném — Aldria fala se levantando e todos a acompanham.

— Mas... eu pensei... — Começo a me desesperar.

— Isso quem decide é ela, Olavo. Não temos o direito e nem iremos intervir — Vega diz e sai da academia acompanhada de Aldria, Lucca e Eduardo.

— Que porra! — esbravejo para o nada.

— A merda foi grande, cara. Dê um tempo, quem sabe mais para frente?! — Antônio lamenta.

— Não! Porra, eu preciso daquela mulher. Estou há dois fodidos dias no inferno. — Meu desespero começa a dominar a situação.

— Calma, Olavo — Júlio intervém.

— Olavo — encaro Amanda que me chama com a voz branda —, eu ainda não sei o que pensar disso, mas sou a favor das coisas se acertarem. Principalmente por um bebê vir a caminho, ele não merece passar por tudo isso. Hoje a Lola tem sua primeira consulta com a obstetra, vou te mandar o endereço por mensagem, só por favor, não faça mais nenhuma burrice. — Se Amanda não tivesse um marido tão possessivo e ciumento, e eu não estivesse tão encrencado, teria dado um beijo na sua boca.

— Obrigado — limito a responder e eles saem dali.

— O que pretende fazer, irmão? — Júlio me questiona agora que estamos a sós.

— Primeiro, vou providenciar um seguro de vida e pedir uma restrição do quarteto. Mas antes, vou atrás da minha mulher, eu a amo, irmão. Preciso dela comigo. — Júlio sorri e abraça meu ombro de lado.

— Isso aí, maninho. Mostre o bom homem que se tornou. — Ele bagunça meu cabelo e eu o empurro, sentindo meu humor um pouco melhor.

Chuto algumas garrafas de bebida que estão pelo caminho e atrapalham minha passagem. Quatro dias já se passaram desde a minha tentativa frustrada de falar com a Lola, ela estava tão fria, indiferente a mim, como se nada mais a abalasse.

Eu cheguei na hora certa na consulta, porém, me acovardei em abordá-la para entrar no consultório. Fiquei esperando do lado de fora, queria dar esse momento a ela, era sua primeira consulta, deveria ter muitas coisas a perguntar, então, a esperei na calçada.

Nossa conversa não saiu nem um terço perto do que desejava. Tinha tanto a falar, implorar, se fosse preciso até suplicar, mas ela não deu nenhum espaço. Fui obrigado a atender o único pedido que ela me fez, mesmo ele sendo para que me mantivesse afastado. Se isso a ajudaria com a gravidez, se lhe traria um pouco de conforto, eu faria esse sacrifício, mesmo que isso significasse minha derrocada.

Tropeço até a cozinha e abro a geladeira. Não tem nada para comer, só as bebidas que comprei a caminho de casa. Pego mais uma garrafa de vodka e abro a tampa. Não preciso de copo e viro direto do gargalo. Volto para a sala e ligo o sistema de som. Digito músicas românticas no display do aparelho e logo a sessão “dor de corno” começa.

Agora eu entendo por que as mulheres gostam tanto dessas músicas, as letras são um mecanismo de facadas direcionadas na sua ferida aberta que acompanhadas da melodia chorosa, servem de combustível para atear fogo no seu sofrimento. Masoquismo emocional puro. Perfeito!

A fim de afundar minha mente em minha própria miséria, busco no celular as fotos que tenho dela. Ando em círculos descompassados olhando as imagens, no som começa a tocar *Evidências de Chitãozinho & Xororó* e eu começo a cantar a letra a plenos pulmões.

A bebedeira de dias contribui para me afundar de vez nessa merda de sofrimento sem fim e canto como se eu fosse a terceira voz da dupla. Quando chego ao último refrão e a música para, escuto aplausos vindos da porta e vejo Júlio e Aldria parados me encarando.

Meu irmão parece não acreditar na cena que vê, seus olhos estão arregalados e a boca quase caída no chão de tão aberta. Já Aldria segura o riso e tenta aplaudir ao mesmo tempo que mira o celular em minha direção.

— Você está fil-filmando... isso? — Merda, ficar girando e cantando me deixou ainda mais bêbado.

— Lógico. Você e Vega dariam uma ótima dupla de sofrência.

— Maravilha. Então aproveita e mostra para Lola. Tá vendo isso? — Abro meus braços, me expondo. — Sou eu na merda. Farei qualquer coisa que você pedir.

Tento fixar meus olhos no celular que me filma e tenho dificuldades com isso. Tudo roda, meu estômago protesta e me inclino para frente, vomitando toda a bebida que ingeri.

— Ai, que nojo! — Aldria grita.

— Que merda, Olavo. Não! Sai daí, cara. — Júlio me resgata quando penso em me abaixar no chão todo vomitado.

— A faxineira já está chegando, amor. Eu cuido de tudo por aqui. Leva ele para uma ducha fria e cuida dele. Seu estado está deplorável.

— Também te amo, cunhadinha — balbucio, sendo carregado pelo meu irmão até o quarto.

— Pro chuveiro, mano — Júlio fala, me enfiando no box e abrindo a ducha fria.

— Porra! — grito quando a água atinge meu corpo.

— Isso vai ser bom. Vou pegar uns analgésicos e um café forte.

— Eu não quero nada disso. Só me deixa aqui bebendo. — Encosto minha cabeça no azulejo.

— E deixar o pai do meu sobrinho morrer de cirrose? Não, obrigado. — Júlio desperta meus sentidos com esse comentário.

— Meu filho...

— Sim, seu filho, cara. Você pode até não ter mais nada com a Lola, mas ainda terão um filho, então trate de tirar sua cabeça da merda e pensar nisso.

— Eu não sei se consigo viver sem ela.

— Você vai sobreviver.

— Você sobreviveu?

Júlio para de vasculhar meus armários e me encara com seriedade.

— Vivi o inferno por sete anos e esperei o momento certo. Você vai sobreviver. —
Vejo-o engolir em seco.

Eu sei o quanto meu irmão sofreu por todo esse tempo, no começo eu não sabia de nada, de toda a história dele e de Aldria, mas quando ele voltou do exterior, percebi os olhares, a troca de aferroadas e a forma como ficava quando a via.

— Vou fazer seu café, não demore.

— Sim, mamãe — desdenho do seu jeito protetor e como resposta recebo o dedo do meio em riste.

— A propósito, irmão, sua Lola está indo para a casa dos pais amanhã. Pelo que fiquei sabendo, ela pretende passar um tempo por lá.

Ah, merda!

Parte da minha bebedeira se vai e começo a maquinar o que farei para estar perto da minha mulher.



Capítulo 24
Defender seu coração ferido

Lola

Desembarco na rodoviária de Pindamonhangaba, olho adiante e vejo minha mãe e meu pai parados me esperando. Meus olhos se enchem de água e saio correndo ao encontro deles.

— Mãe! — Abraço-a tão apertado que sinto poder sufocá-la.

— Nossa, filha! Quanta saudade. — Ela ri, mas noto sua voz preocupada.

— Oi, minha princesa. — Meu pai me abraça e beija minha cabeça com carinho.

— Vem, vamos para casa. Tem um bolo de banana delicioso te esperando — minha mãe comenta e sinto meu estômago protestar. Ah, não, pinguinho. Rejeitar o bolo da vovó não pode.

Minha mãe segue me atualizando de todos os últimos acontecimentos da família. Minha tia que resolveu se separar depois de vinte anos casada e meu primo por parte de pai que revelou ser homossexual.

Eu já sabia de tudo isso, sempre que conversamos por telefone e ela me atualiza, mas deixei que falasse. Depois do encontro com Olavo resolvi me distanciar um pouco de tudo aquilo, preciso focar no meu filho. Conversei com Amanda ontem e mesmo contra a sua vontade, vou ficar um tempo aqui com meus pais.

Ela disse que meu emprego estará sempre lá esperando por mim, mas a deixei livre para procurar alguém para colocar em meu lugar. Não posso permitir que a administração da Studio ficasse abalada pela minha ausência sem tempo determinado.

Chegamos em casa e minha mãe me arrasta para cozinha, não me dando tempo de preparar meu estômago para o cheiro enjoativo do bolo de banana. Ele protesta no momento em que inspiro o cheiro do bolo, me solto do seu agarre e corro para o banheiro, despejando todo o meu café da manhã no vaso sanitário.

Quando me recupero do momento, olho para a porta e vejo minha mãe recostada, me olhando de forma duvidosa.

— Tem alguma coisa a dizer, Iolanda?

— Mãe... eu estou... grávida. — Ela fica séria.

Vem até mim e passa a mão pelo meu rosto e me puxa para seus braços. Seu abraço é tão reconfortante e me alivia a um nível que quando percebo, estou aos prantos.

— Shiuu... meu bebê. Acalme-se. — Ela me consola.

— O que houve? — meu pai aparece na porta, questionando.

— Venha, vamos sentar e tomar um bom café. Querido, tire o bolo de banana da cozinha.

— E quer que eu coloque onde, mulher?

— No quintal, na sala, até no quarto, se quiser. Só tire da cozinha, homem de Deus! — minha mãe responde sem paciência e rio. Eles são ótimos juntos, mas vivem se alfinetando.

— *Tá bom! Tá bom!* — meu pai sai batendo o pé e nós nos olhamos rindo.

Minha mãe me leva até a cozinha, agora sem bolo de banana esmagador de estômagos fragilizados, ela encara minha barriga e se aproxima tocando meu ventre. Um soluço escapa da minha garganta e começo a chorar feito uma criancinha assim como ela.

— Meu bebê vai ter um bebê — ela fala, limpando as lágrimas.

— O quê? — Olhamos para a porta e meu pai está estacado, encarando nós duas.

— Nossa filha está grávida, meu bem.

— Mas... como... quem... o... o...

— Querido, respira. Cuidado com a pressão.

— Pai, o senhor está bem? — Vou até ele e sou pega em um abraço apertado.

— Minha filha... — Ele está visivelmente emocionado.

A reação deles foi bem melhor do que imaginei, sempre soube que teria o apoio e ajuda dos meus pais, mas nunca idealizei toda essa comoção pela minha gravidez.

— E onde está o Otávio? — minha mãe pergunta e meu sorriso morre no rosto.

Antes que eu possa responder, a campainha toca, me salvando do assunto desagradável. Provavelmente minha mãe vai pirar e querer jogar a galinha que ela prometeu na cabeça dele.

— Oi, rapaz. Vamos, entre. — Escuto meu pai saudando alguém.

— Olavo! — Fico chocada com a imagem dele parado ao lado do meu pai na entrada da cozinha.

— Ué! Não entendi! Achei que Lola viesse sozinha — minha mãe questiona, curiosa.

— Ela vinha. Aliás, ela veio. Mas eu consegui transferir alguns compromissos de última hora da empresa e vim fazer uma surpresa.

Meus pais olham de mim para ele com curiosidade. Eu encaro os olhos suplicantes dele não acreditando na cena que está tentando protagonizar para os meus pais. Se ele pensa que vai me persuadir porque estamos na frente deles, ele está redondamente enganado.

— Com licença — digo, saindo da cozinha e arrastando Olavo pela mão.

Nossos dedos unidos fervem e quase gemo ao sentir, mesmo que mínimo, o seu toque. Uma descarga elétrica passa pelo meu corpo, minha vontade de jogar tudo para o alto e agarrar esse homem mais que errante se torna mais e eu solto sua mão.

— O que foi, denguinho? — Ele tem um sorriso apreensivo no rosto.

— Vá embora.

— Por quê? Eu...

— Olavo, não seja cínico. Você pensa que vou permitir que faça esse jogo de esconde-esconde com meus pais para que você possa ficar por perto e aliviar sua barra? Esquece!

— Eu não quero aliviar nada! Eu vim aqui para juntos conversarmos com eles.

— Eu não te pedi nada.

— Mas eu quis vir. É meu papel. Você tem um filho meu na barriga.

— E eu me arrependo amargamente de quem é o pai — falo, encarando seus olhos com fúria.

Ambos nos chocamos com o que acabei de dizer. Estou ofegante e nervosa. O calor que senti com seu toque se transformou em raiva por ele tentar me forçar a algo. Eu só quero que ele suma daqui.

— Existem erros que não podemos apagar, Lola, e esse é um deles. Sinto muito que você tenha tanto ódio por eu ser o pai dessa criança, mesmo assim, ainda o sou e vou cumprir meu papel — Olavo determina com mágoa estampada em suas palavras.

Ele me dá as costas, voltando para dentro, e fico ali parada, bufando de raiva. Agora de mim, por dizer algo tão duro a ele.

Respiro algumas vezes para acalmar meu coração acelerado e sigo o caminho que ele fez. Subo o primeiro degrau e sinto uma fisgada forte no meu ventre. Paro por um minuto, pensando ser um desconforto normal e volto a andar.

— Ai. — Curvo para frente quando outra fisgada me atinge em cheio e sinto algo molhar na minha calcinha.

Levo a mão até o vão do vestido, a dor fica mais intensa e quando verifico meus dedos, vejo sangue. O desespero me acomete e começo a chorar copiosamente.

— Mãe! — grito em soluços e logo sinto braços fortes sustentando meu corpo.

— Calma, denguinho. Eu vou te levar a um hospital. — Abraço o pescoço de Olavo e choro em total desespero.

— Eu não quero saber onde você vai pousar a porra do helicóptero, só sei que se sua bunda não estiver aqui em dez minutos considere-se demitido. — Olavo encerra a ligação e retorna ao meu lado.

— Olavo, não precisa de tudo isso. Eu já fui atendida, o médico disse que está tudo bem.

— Foda-se o que esse caipira disse. Eu não confio nele.

— Caipira ou não, ele que cuidou de mim — retruco, mal-humorada.

— Isso não está em discussão, Lola. Nós vamos voltar para São Paulo, eu já marquei uma consulta com o obstetra da família.

— Eu já tenho obstetra! — protesto.

— Lola, escute o seu namorado, sim? Mesmo sendo atendida aqui, é bom verificar isso direito.

— Obrigada, sogrinha! Viu, denguinho, até sua mãe me dá razão.

— Não se empolga, Otávio!

— É Olavo, sogrinha.

— Tanto faz. — Ela, como sempre, dá de ombros para a provação que fez.

— Foi daqui que solicitaram um helicóptero para São Paulo? — uma enfermeira entra no quarto e pergunta.

— Sim! Fui eu!

— Vamos mover a paciente de ambulância até o local de embarque.

— Que vergonha — respondo baixo.

— Tudo que for relacionado ao seu bem-estar e do nosso filho, não haverá barreiras para me impedir, denguinho. Venha, vamos sair daqui — Olavo decreta, seus olhos nunca deixando os meus e engulo em seco.

— Filha, se cuida! Eu vou dar um jeito de ir para São Paulo e cuidar de você.

— Não se preocupe, sogrinha. Eu te prometo estar 24/7 em cima dela. — Olavo sorri da piada dúbia que fez.

— Isso você já fez, meu filho!

— Mãe! — Fico ultrajada com sua resposta.

— Que foi? Ah, pare com isso, Lola. E, Olavo — Ela o encara seriamente —, obrigada por cuidar do meu bebê.

— Eu descobri que nasci para isso, dona Mônica.

Os dois trocam um sorriso cúmplice e percebo ali que esse cretino de uma figa acaba de conquistar o respeito da minha mãe. Ah, se ela soubesse tudo o que aconteceu para chegarmos a isso, duvido esse amor durar mais de um minuto.

— Os dois já acabaram a troca de gentilezas? Podemos sair daqui?

— Claro, denguinho. — Ele vem até mim e me ajuda a levantar e eu só permito isso.

— E minhas coisas?

— Vou mandar alguém buscar meu carro e suas malas — ele responde, me amparando pelos braços.

— Não estou inválida, Olavo! — esbravejo com o cuidado excessivo que ele está tendo.

— Não seja malcriada, Lola. Seu namorado só está te ajudando. — Só me faltava essa.

Bufo e sento na cadeira de rodas que me levará até a ambulância. Despeço-me da minha mãe e deixo um beijo para o meu pai que não veio por ter que olhar a padaria que estava sozinha na mão dos funcionários.

Olavo segue ao meu lado na ambulância e logo estamos em uma área aberta e um helicóptero nos aguarda com os motores ligados.

— Acho tudo isso exagerado.

— Não tem problema. Eu posso me dar ao luxo desse exagero — ele responde na mesma rispidez que a minha.

Entramos no helicóptero, é a primeira vez que voo em uma geringonça dessas e começo a me sentir nervosa. Olavo, muito habituado a isso, me ajuda a prender o cinto e toma seu lugar ao meu lado.

Quando a geringonça começa a subir, agarro seu braço com força, fico nervosa e começo a inspirar e expirar com força.

— Calma. Estamos seguros — ele conforta, cobrindo minha mão com a sua.

Novamente aquele calor familiar começa a brotar do nosso pequeno contato e eu automaticamente solto-me dele. Olavo me olha, penso que ele vai dizer alguma coisa, por fim desiste e seguimos a viagem em silêncio.

Desembarcamos no principal hospital de São Paulo, somos levados a uma sala de consultório médica linda e elegante.

— Logo o Dr. Hugo estará aqui — a enfermeira que nos acompanhou informa.

— Agradeço — Olavo, como sempre, é simpático e a pobre coitada quase tem um colapso com o sorriso que ele estampa no rosto.

Pigarreio alto para que a enfermeira atirada se toque e casse seu rumo. Olavo tem um olhar divertido em sua face e resolvo ignorar. Convencido!

— Como soube que eu estava em Pinda?

— Eu sei tudo sobre você, Lola.

— Corta essa, Olavo. Quem falou?

— Meu irmão. Ele ficou sabendo.

— Entendi.

— Boa tarde! — Um homem alto entra na sala, interrompendo nossa conversa. — Você deve ser a Srta. Lola e você o Sr. Olavo Gouvêa — um médico bem afeiçãoado nos cumprimenta.

— Somos nós. Muito prazer, Dr. Hugo, o senhor foi recomendado pela minha família já que cuidou da gravidez das mulheres dela.

— Sim, me lembro bem. Sra. Machado, Sra. Gouvêa e Sra. Barreto.

— Sim, são minhas amigas.

— Muito bem. Em que posso ser útil?

— Bom, doutor... — ambos falamos e eu e o médico encaramos Olavo. Ele pega a dica e se senta calado ao meu lado.

— Então, doutor. Hoje pela manhã viajei aqui de São Paulo para Pindamonhangaba e pouco depois de desembarcar, tive uma dor intensa e sangramento. Fui levada ao hospital local e medicada, ficando em observação até agora. Eu achei um exagero Olavo querer me trazer a São Paulo de helicóptero, mas enfim, como ele disse, é para o bem do nosso filho.

— E seu — ele complementa, me olhando com ternura.

— Pois bem. Você sabe me dizer de quantas semanas está?

— Oito.

— Tem a ultra feita pelo médico?

— Não aqui comigo.

— Nem de hoje?

— Não.

— Eles deveriam ter feito. Venha, vamos te preparar para uma ultra e ver como está o bebê. — Olho assustada para Olavo, que também parece abalado, mas tenta me confortar pegando na minha mão e apertando com firmeza.

— Vai dar tudo certo, denguinho — ele afirma.

Vou até um reservado e visto uma camisola de hospital com uma venda na barriga. Vou até a maca e deito, logo o médico me cobre com um lençol descartável e puxa o aparelho para perto de mim.

— Faremos o transvaginal. Me admira ainda não terem feito em você, já que teve um pequeno sangramento. Dobre as pernas e as abra para mim.

— O que o senhor vai fazer? — Percebo o choque na voz de Olavo e sinto vontade de rir.

— Vou examiná-la.

— E isso você vai enfiar onde? — Ele aponta para o trans.

— Na vagina dela. — Cubro meu rosto com parte do lençol.

— Isso é ético? — Olavo fica indignado.

— Olavo! Pelo amor de Deus, pare de ser ridículo. Se está tão incomodado, saia da sala.

— Nem fodendo eu saio da sala. Vamos, continue... com... essa coisa aí. — O médico balança a cabeça e leva na brincadeira. — O meu é bem maior que isso mesmo — comenta e o médico solta uma gargalhada. Eu torno a cobrir minha face.

— Mamãe, eu preciso que relaxe bem para o aparelho fazer o trabalho dele.

— Tudo bem. — Respiro fundo e relaxo para o exame.

Ficamos em silêncio até que o ambiente é preenchido com um barulho de batimentos cardíacos, meus olhos se enchem de água e transbordam a emoção que estou sentindo. O medo de que algo ruim pudesse ter acontecido me apavorou e escutar novamente seu coraçãozinho batendo é um bálsamo para meu receio.

Sinto minha mão ser apertada e vejo Olavo próximo de mim olhando fascinado para o aparelho médico. Seus olhos estão marejados e uma lágrima envergonhada escorre pelo canto do seu olho, que rapidamente limpa.

— É meu filho? — ele pergunta excitante.

— Sim, papai. É seu filho — o médico responde enquanto clica em algumas teclas do aparelho.

Olavo me olha dentro dos olhos, a ternura e o amor incondicional que sinto estão refletidos em sua pupila. Em silêncio, vejo-o dizer um obrigado, apenas movendo seus lábios e começo a soluçar com a emoção.

— Muito bem. Prontinho. Já garanti a primeira selfie do bebê — o médico brinca para desanuviar a nossa emoção.

— Faz duas cópias, por favor — Olavo pede e eu rio.

— Iolanda, pode se vestir e eu lhe aguardo para conversar melhor.

Troco de roupa rapidamente e volto para a mesa de consulta onde o médico e Olavo me aguardam.

— Muito bem, Iolanda. O exame foi ótimo, o bebê está bem e dentro do padrão normal de crescimento e desenvolvimento. Seu sangramento não tem uma causa certa, não seria algo

para tanto alarde, mas manteremos o cuidado. Continue com suas vitaminas e tudo ficará bem.

— Ela precisa de algum repouso, doutor?

— Só dois dias para garantir que estará bem recuperada.

— Doutor, gostaria de aproveitar e pedir para o senhor assumir meu pré-natal. Minha ginecologista vai se afastar da cidade e eu teria que trocar de qualquer forma.

— Claro, sem problemas. Eu só não atendo plano médico. — Minha animação toma um banho de água fria.

— Ah, que pena.

— Não tem problema, doutor. Tudo que precisar tanto para Lola como para o bebê, faça. Eu quero o melhor para os dois.

— Não precisa disso, Olavo — ele me corta.

— Estamos falando de você e do meu filho e eu já avisei, Lola, tudo que envolva os dois terá prioridade máxima.

Recuo com a resposta de Olavo. Apesar de ser cuidadoso comigo, ele foi bem duro em suas palavras, não me deixando nenhuma brecha para qualquer questionamento.

— Eu já disse que não vou para sua casa!

— Alguém precisa cuidar de você nesses dois dias.

— Eu consigo me alimentar e tomar banho sozinha, Olavo.

— Eu não vou correr riscos.

— Você está sendo patético.

— Não, não estou.

— Eu não vou!

— Você vai!

— Não vou e pronto! Você pensa que pode consertar tudo demonstrando esse cuidado exagerado, Olavo, mas não pode. Eu ainda tenho ódio do que fez, respeito você como pai do meu filho e nada mais. E ainda mantenho meu pedido de pé: quanto mais longe de mim você estiver, melhor eu ficarei. —Mantenho uma frieza que não sinto na minha voz.

É definitivo, a doce Lola morreu e no lugar dela surgiu alguém muito rancorosa e disposta a qualquer coisa para defender seu coração ferido.



Capítulo 25
Mesmo que seja em sonhos

Lola

Olavo toca o carro para minha casa. Ele não responde ao meu comentário duro, simplesmente liga o carro e partimos. Eu já não me reconheço mais, nunca em meu normal agiria dessa forma, seria tão dura em minhas palavras, contudo, a descoberta da gravidez me fez começar a ver as coisas de outra forma.

Mais uma vez ele está tentando se redimir de seus erros e eu só quero mostrar a ele que tem coisas que não há remédio. Está feito e não há volta e isso não vincula um pedido de perdão, quem dirá de esquecimento.

Olavo sinaliza e encosta na frente do meu apartamento, pego minha bolsa e pela primeira vez depois do que eu disse ele me encara. Fraquejo vendo em seus olhos a mágoa.

— Você ficará só por um tempo. Vou pedir para alguém ficar com você. Uma das garotas, pode ser? — Só afirmo com a cabeça em concordância. — Ótimo! Cuide-se, Lola e por favor, mesmo sendo insuportável tolerar minha presença, se precisar de algo, qualquer coisa mesmo, me ligue ou mande mensagem. Eu me preocupo com você e nosso filho.

— Tudo bem — solto e saio do carro.

Lágrimas arrependidas saltam dos meus olhos sem que eu possa impedi-las. Entro o mais rápido que consigo para que ele não veja. Eu não quero que as coisas fiquem dessa forma entre nós, ele é pai do meu filho e precisa entender que é somente isso. Existe um limite, uma barreira que ele precisa aprender a respeitar.

Entro direto para o chuveiro e passo um bom tempo deixando a água quente varrer o cansaço, desespero e arrependimento que passei hoje. Não consegui passar um tempo com a minha mãe, a boa parte de tudo foi que a reação dos meus pais foi positiva em relação à gravidez e, no fim das contas, eles não saberem de toda a verdade sobre Olavo e eu será melhor.

Saio do banho e ligo para minha mãe, conto a ela como foi tudo, que o obstetra que me atendeu é maravilhoso e já consegui ouvir o coração do seu netinho. Ela transborda alegria ao telefone, gritando para o meu pai tudo que eu dizia.

O interfone toca e autorizo a subida de Lucca. Acho que foi o único do quarteto que poderia estar aqui.

— Amadinha! — Ele me abraça com cuidado e eu sorrio.

— Calma, já estou bem. Foi um susto.

— Menina, quase morremos do coração quando Olavo ligou contando o que aconteceu.

— Por sorte ele estava lá e agilizou tudo.

— No fim das contas o libertino consegue ser um bom pai.

— Sim. — Sorrio fracamente.

— Ai, *desculpa*, florzinha. Eu e minha língua ácida.

— Você não mentiu. Olavo sempre foi ótimo com crianças, Sara o ama, com certeza será um excelente pai.

— Sim, ele será. Mas e você, como está com tudo isso? Amanda comentou que essa ida para o interior era *pra* se afastar de tudo e no fim foi obrigada a voltar.

— Ah, Lucca. Eu vou ter que aprender a lidar com tudo isso, não há muito o que se fazer. Olavo é o pai e por mais que o queira longe, não posso mantê-lo no escuro.

— De fato. Você acha que ele vai desistir? Digo, de vocês dois?

— Acho que com o tempo ele encontra outra distração melhor e me esquece.

— Por que será que eu acho que isso não vai acontecer?

— Como assim?

— Ai, amadinha. Jura não contar para as malucas que te adiantei isso? Elas me matariam.

— Fala logo, Lucca!

— No dia em que vocês terminaram, parece que Olavo esteve em uma reunião com seus pais e tios e abdicou da cadeira da presidência contando tudo sobre o acordo que ele te propôs.

— Não...

— Sim. E você escondeu tudo de nós... Isso não se faz, amadinha. — Ele dá um tapinha na minha perna, rindo.

— Ah, Lucca. Eu não poderia falar, era algo... eu não sei nem explicar o que era, pois logo depois tudo mudou.

— Sim, nós sabemos. Olavo nos contou tudo.

— Nossa, ele realmente abriu a boca.

— Claro, amadinha. Imagine três mães galinhas surrando ele dentro de um cubículo.

— O quê? — Rio do que Lucca me conta. — Obrigada por me defenderem — agradeço emocionada.

— Amadinha, você faz parte desse bando ou segundo Júlio, uma quadrilha.

Rio com vontade dessa vez, Lucca tem um ótimo humor e agora entendo porque as meninas o têm como uma mãe. Ele sabe conversar e nos conduzir de forma carinhosa, realmente agindo de forma materna.

Já passa das duas da manhã e estou na minha cama rolando de um lado para o outro e sem sono algum. Lucca e eu ficamos jogando conversa fora, ele comentando sobre a vida de casado e que Eduardo é um homem maravilhoso. Falamos do seu doloroso processo de adoção e a batalha que tem sido cada passo desse caminho.

Fico muito feliz por ele, acabamos criando um elo, igual ao que tenho com Amanda e Aldria, com ele isso fluiu até mais fácil. Lucca é o tipo de pessoa que você quer por perto, então tudo se torna simples e fácil.

Ele estava cansado, precisa levantar cedo para trabalhar, mas garantiu que amanhã Aldria viria para passar o dia comigo e já imagino a tempestade que será tê-la tanto tempo por aqui.

Desisto de dormir e pego meu celular, dou uma olhada na minha rede social e não vejo nada demais. O bichinho da curiosidade me atiga e resolvo dar uma conferida no perfil de Olavo.

Fico de queixo caído quando vejo a atualização da sua foto de capa. Ele colocou a imagem da ultrassonografia que fiz hoje com a seguinte legenda:

“Descobri a felicidade quando você me deu o melhor presente do mundo. Obrigada, denguinho.”

Ele não fez nenhuma marcação no meu nome, provavelmente respeitando a distância que pedi. Fico olhando a imagem e lendo a mensagem várias vezes, não preciso mencionar que estou chorando feito uma louca e meu coração mais uma vez se aperta com sua atitude.

Olho os comentários, ele já tem mais de duzentas curtidas, várias pessoas parabenizando o mais novo papai, muitas curiosas perguntando quem é a sortuda da mamãe e lamentando não serem elas. *Patéticas!*

Ele só respondeu alguns amigos nos comentários e aos que perguntaram sobre a mamãe, ele se limitou a dizer que era a namorada das fotos no perfil. As sirigaitas internautas não tiveram nem uma curtida, por mais inocente que fosse, em seus comentários. Isso me deixa bem feliz. Penso no que devo fazer com isso, ignorar seria o certo, mas como ultimamente não tenho feito nada do que é certo, resolvo curtir a foto.

Não se passa nem trinta segundos e a janela de mensagem inbox apita na minha tela. Abro vendo uma mensagem de Olavo.

Olavo – fico feliz que tenha curtido minha foto ;)

Eu – é a melhor foto... rs...

Olavo – virão muitas outras, perfeitas e lindas...

Observo a tela do celular, penso em milhares de coisas para responder e resolvo me abster. Puxar assunto na rede social estaria fugindo totalmente do meu propósito de manter-me afastada. Não posso vacilar. Se houver uma brecha que seja, sei que ele vai cavoucar fundo até atingir o seu objetivo.

Fecho o aplicativo e me ajeito na cama, preciso dormir e esquecer esse dia maluco. Passa alguns minutos e escuto o bip de nova mensagem inbox no celular, não resisto e vou conferir.

Olavo – Perfect, Ed Sheeran

É um link da música e eu clico para escutar. Olavo tem o dom de conseguir jogar muito baixo quando quer, sou completamente apaixonada por esse cantor e essa música é a minha preferida. Volto a chorar escutando a melodia, a letra ronda minha cabeça e tenho que fazer um grande esforço para não cair na ilusão de que é uma declaração de amor.

Letras de música são perfeitas para definir um momento, mas não compõem a realidade dos fatos. Acreditar que sou o seu grande amor seria uma burrice. Puxo meu lado racional para elucidar minhas emoções.

Desligo a música, fecho o celular e viro de lado, me entregando a um choro silencioso. Meus pensamentos sempre me levam para os bons momentos. Os melhores dois meses da minha vida, os quais vivi o amor plenamente, mas era medrosa demais para fazê-lo admitir o que via em seus olhos.

Um mês antes...

— Que foi? — Olavo me olha de forma intensa, parece perdido em pensamentos.

Estamos deitados no sofá da sala de seu apartamento, é domingo e como todas as outras vezes resolvemos curtir um final de semana caseiro que, segundo Olavo, se consiste em comida pronta, filmes e séries, e muito sexo. Do que eu posso reclamar, afinal? Isso é tudo que uma mulher deseja.

— Nada — ele desconversa, voltando a zapear a Netflix procurando algo para assistir.

Mais uma vez engulo as três palavrinhas mágicas que estão entaladas na minha garganta. Por diversas vezes já passamos por esses momentos mágicos, onde nossos olhos refletem aquilo que não temos coragem de proferir, e em todos eles ambos nos acovardamos em colocar para fora o que sentimos.

Sei que o amo, nem que eu quisesse poderia negar isso, e também sei que ele tem sentimentos por mim. Não posso afirmar que é amor, sempre que tento o desvendar, ele consegue fugir e escapar entre meus dedos.

Meus pensamentos são espantados quando sinto a mão dele subindo pela lateral da minha coxa vagarosamente. Estamos deitados no sofá, ele embaixo e eu praticamente em cima dele, minha perna transpassa a sua e sinto algo endurecer na sua região baixa.

— Já escolheu o filme? — pergunto, tentando disfarçar o momento.

— Foda-se o filme. Acho que está na hora de praticarmos um pouco de *X-Videos*.

— Olavo! — grito quando ele afasta o corpo e caio deitada, ficando prensada entre ele e o sofá.

Olavo se aproxima da minha boca devagar, sinto sua respiração acelerar e meu corpo entra em combustão com a expectativa. Ele me beija com fervor, sua mão escorrega pela minha perna erguendo-a até seu quadril, encaixando nossa intimidade. Sua língua em sincronia com sua pélvis faz uma dança erótica junto do meu corpo e começo a me perder nesse mar luxurioso.

— Quero que goze assim — ele sussurra e eu me espanto.

— Com você se esfregando em mim? — pergunto, ofegante e duvidosa.

— Sim. Feito dois adolescentes.

— Eu acho... que não consigo — gemo entre as palavras.

— Ah, Lola. Você acaba de subir minhas expectativas com esse desafio.

— Mas eu não des... — Não consigo responder quando sua boca cobre a minha e Olavo aumenta sua fricção na minha intimidade.

Ele engole meus gemidos com sua boca, sua língua devora a minha com voracidade, nossos quadris encontram o ritmo perfeito e percebo que a possibilidade de eu chegar a um orgasmo é certa.

— Vamos, dê *pra* mim. Quero sentir seu corpo tremer e minha perna molhar com sua boceta melada. — Sua voz rouca e as palavras sacanas são o gatilho certo para me atirar direto para um orgasmo alucinante.

Meu corpo se arrepia e eu convulsiono em total êxtase. Ainda de olhos fechados, sinto Olavo abrandar seus movimentos e beijos.

— Perfeita! — ele sussurra e abro meus olhos para cair no mar azul dos seus.

Vejo tantas coisas ali e penso que minha mente pode estar pregando mais uma de suas peças apaixonadas em mim. O fogo do desejo é latente, ainda assim, consigo ver admiração, prazer, intensidade e arriscaria dizer ternura.

Olavo volta a me beijar de forma branda, mais contido, como se testasse alguma coisa. Eu só consigo fechar meus olhos e me permitir ir, seja para onde ele quiser. Ele conduz essa dança erótica e sou só uma massa moldável em sua mão.

Logo estamos encaixados, ele em cima e eu embaixo, seu membro procurando minha entrada que já implora pelo seu contato. Sua cabeça robusta encaixa em meu canal e lentamente ele ganha espaço dentro de mim.

— Abra os olhos, menina bonita! — Faço o que ele pede.

— Ahh... — ofego quando ele termina de nos encaixar.

Olavo me prende em seu olhar, começando a se mover devagar. Meu corpo suado em

contato com o seu causa uma fricção prazerosa, seus olhos buscam por algo dentro de mim.

— Seja minha, Iolanda. Toda minha... — sua voz rouca pede e eu cedo.

Ele quer minha entrega total, quer que eu diga que sou dele por inteira e eu realmente sou. Não há receio ou incerteza quando afirmo isso.

— Eu sou sua! — sussurro em prazer.

Minha resposta atíça Olavo e sinto seu corpo aumentar o ritmo atingindo um ponto maravilhoso dentro de mim. Nossos corpos balançam com sua investida e tão logo eu penso, estamos gozando juntos.

Sento-me na cama assustada, meu corpo treme e sinto o suor escorrer por mim. Estou ofegante, realmente cansada. Mais uma vez durmo com nossas lembranças e tenho sonhos eróticos do que já vivi com ele.

Levanto da cama devagar, minhas pernas estão meio bambas e percebo que gozei. Vou para o chuveiro chocada, nunca passei por isso e só consigo justificar com o fato dos meus hormônios estarem descontrolados.

Deixo a água me lavar e tomo uma decisão: nada de lembranças. Não posso permitir que aquele homem continue tirando prazer de mim, mesmo que seja em sonho.



Capítulo 26
Tempos de banda

Lola

Saio de casa tremendo. Hoje é a minha consulta de doze semanas e Dr. Hugo disse que faremos uns exames para atestar que tudo corre bem comigo e o bebê, mas meu nervosismo não está nisso e sim por saber que Olavo me espera em frente ao prédio para irmos ao médico.

Temos conversado o necessário por mensagens, ele sempre atencioso e interessado, me disse que andou lendo algumas coisas sobre a gravidez, o que achei muito fofo. Quando o assunto se torna íntimo demais, me esquivo e encerro o papo.

Depois daqueles dois dias de repouso, voltei à minha rotina normal e não senti mais nada. Além de um sono excessivo e um desejo latente – culpa daquele safado –, está tudo caminhando na mais perfeita ordem.

Abro a porta do carro e estaco vendo Olavo em sua tamanha imponência vestindo um jeans escuro justo, uma camiseta branca simples e óculos de sol. Seu sorriso é o mesmo encanto de sempre.

— Oi, Lola, como está? — Senti falta da sua voz.

— Bem, obrigada. — Bato a porta do carro e direciono meu olhar para a rua.

— Lola? Está tudo bem? — ele pergunta, divertido.

— Sim. Toca o carro. — Escuto seu riso baixo e não me atrevo a olhá-lo.

Minha libido resolveu acender a todo vapor só de vê-lo vestido assim. Sinto um calor tão grande que meu rosto está todo ruborizado. Rezo para que ele não repare em nada, assim não dou margem para uma investida. Deus é testemunha que estou tentando, mas esse homem ao meu lado é a obra do tihoso testando meus limites.

— Como tem passado esses dias?

— Normal, você sabe — respondo.

— Eu andei lendo. Te falei, né? Achei algumas coisas bem interessantes, principalmente em relação a mudança do corpo. Sabe que é importante manter uma dieta saudável, Lola.

— Eu não vou ficar gorda, não se preocupe.

— Não falo por isso, denguinho. Estou falando de saúde para você e o pinguinho. Seu corpo já está mudando, dá para ver. Seu quadril aumentou e seus seios, eles estão maiores e se me permite dizer, incríveis.

— Não... não permito. Pare de dizer essas coisas, Olavo — gaguejo e tento manter a compostura.

— Só digo a verdade. — Vejo pelo canto do olho ele dar de ombros.

Agradeço ao Divino que logo estacionamos na clínica e rapidamente desço do carro, me

afastando dele. Meus hormônios parecem estar descontrolados. Estou excitada e quase pulando em cima desse homem. Estou ficando descontrolada e isso não é bom, também pudera, ele não precisava estar vestido assim e nem falar aquelas coisas sobre meus seios.

— O Dr. Hugo já irá recebê-los — a recepcionista avisa e sentamos lado a lado para aguardar.

Olavo fica muito à vontade no consultório. Ele toma a frente todas às vezes, fazendo perguntas, questionando, e acabo sendo a telespectadora entre o médico e o pai do meu filho.

Fico feliz ao confirmar que está tudo bem comigo e o bebê. Ele tem se desenvolvido perfeitamente e é só eu continuar seguindo minha rotina e a dieta, que tudo ficará bem. Não conseguimos ver o sexo ainda, é meio cedo para isso.

— Eu já vou sair, Lola. Só tenho que trocar uma palavrinha com o médico — Olavo me despacha assim que a consulta acaba.

— Perguntar o quê?

— Nada de mais. Uma dúvida que fiquei. — Ele volta no consultório e fico parada na recepção, intrigada.

Logo vejo Olavo em seu jeans arrasador vir com um sorriso satisfeito nos lábios do consultório do médico. Eu o olho intrigada, porém, ele finge que nada demais aconteceu e saímos da clínica.

— Vai me falar o que queria com o médico? — pergunto enquanto ele dirige.

— Não.

— Por que não?

— Coisa de homem.

— E que coisa de homem você tem para falar com meu médico?

— Nada demais. Vamos passar naquela pastelaria perto da sua casa. Tô com saudade do pastel de lá — ele desconversa e resolvo acatar.

Olavo compra uma meia dúzia de pasteis frescos e rumamos para minha casa. Penso em perguntar se ele não queria dividir os que ele iria levar, já que não vou deixá-lo subir para meu apartamento nem sob tortura.

— Chegamos. — Olavo solta o cinto de segurança dele.

— O que pensa que está fazendo, Olavo?

— Vou comer os pastéis com você.

— Olavo, por favor. O que eu te pedi?

— Nossa, Lola. Eu só estou tentando ter um momento bom com meu filho. Apesar de ele estar na sua barriga, eu já o considero parte da minha vida. Não posso ter uma refeição com ele através da mãe?

Fito seus olhos por um momento e um suspiro condena que ele me convenceu. Não quero afastar Olavo de todo o processo da gravidez. Como ele disse, esse momento é do nosso filho e ele tem direito de acompanhar.

— Você come e vai embora. Entendeu?

— Claro como água.

Entro no apartamento seguida por Olavo, deixo minhas coisas na mesinha de centro e vou para a cozinha, pego uma jarra de suco de manga e coloco na mesa. Pego pratos, copos e guardanapo e arrumo na mesa. Vejo Olavo parado olhando em volta, observo sua feição e sei que ele está lembrando da última vez que esteve aqui.

— Vamos comer? — pergunto, animada por tirá-lo daquele momento.

— Vamos. Estou tarado de fome — ele responde sugestivo e engulo em seco.

Comemos os pastéis e conversamos sobre a gravidez, como serão as próximas semanas, exames, previsão do nascimento. Engraçado, não me lembro de termos tido em todo esse tempo um assunto que nos aguçasse tanto em discutir.

Faço a maior lambança quando tento colocar ketchup no meu pastel e não percebo que o tubo está entupido. Forço a saída e explode molho para todos os lados, respinga na minha blusa, minha mão fica vermelha, até Olavo não se safar e tem sua camisa branca manchada de vermelho.

— Que meleca — xingo.

— Calma, deixa comigo. — Ele levanta pegando um pano descartável limpo, umedece na torneira e vem até mim. — Deixe-me ver isso.

Olavo passa o pano com delicadeza no meu rosto. Ele foca no seu serviço e desce o olhar para meu pescoço, limpando alguns respingos. Meu coração bombeia com força, seu contato em minha pele parece brasa, eu vergonhosamente ofego sem pensar.

Olavo desce seu contato para meu colo e passa o pano ali, limpando a região devagar. Ele já não está mais atento a seu serviço e sim em minhas feições. Eu o encaro, séria, desejando gritar dentro de mim e sem pensar em nenhuma consequência, puxo sua camisa unindo nossos lábios em um beijo desesperado.

Suas mãos seguram minha cintura e ele me ergue em seu colo, virando nossos corpos e me colocando sentada na pia. Estou usando vestido e isso facilita e muito sua investida em minha calcinha. Quando seus dedos tocam minha intimidade, gemo em sua boca e sinto minha vagina alagar.

— Molhada do jeito que eu gosto — Olavo fala entre nossos beijos afoitos e puxo ainda mais sua camisa o trazendo para perto.

Ele começa uma fricção deliciosa do seu dedo no meu ponto prazeroso e rolo meus olhos com tamanho tesão que sinto.

— Mais forte — gemo e ele atende a meu pedido.

Sua mão trabalha com afinco na minha região necessitada, com a outra ele abaixa a alça do meu vestido e abocanha com força meu bico intumescido. Levo minhas mãos à sua cabeça e o seguro ali. Está bom demais e estou caminhando para a borda.

— Vai gozar gostoso *pra* mim. — Seu hálito quente aquece meus seios.

Ele torna a sugá-los com força e com sua mão habilidosa puxa a fenda da minha calcinha para o lado e introduz dois dedos em mim. Grito com o prazer de ser preenchida. Com o dedão ele pressiona meu clitóris enquanto seus dois dedos fazem um movimento delicioso dentro de mim.

Não demora para que meu corpo dê sinais do orgasmo eminente. Olavo interrompe seu ataque ao meu seio e olha dentro dos meus olhos. Ele sempre gostou de me ver gozar.

— Vamos, dê para mim. — E com o comando, gozo fechando meus olhos.

Meu corpo zune com o prazer que sinto, ele aos poucos abrandando suas investidas e para o movimento do dedo na minha área sensível.

— Ah... meu... uau... — ofego tentando me recuperar dessa loucura.

— Eu sabia que a libido aflorava na gravidez, mas não fazia ideia que a deixaria mais selvagem, denguinte.

Acerto um tapa no seu braço e o empurro de perto de mim. Olavo tem os olhos espantados me encarando, desço da bancada ajeitando como posso meu vestido e encaro seu rosto.

— Você fez isso tudo de propósito! — acuso.

— O quê?

— Isso tudo! Comprar os pastéis, falar no carro sobre meus seios. *Te conheço*, Olavo.

— Eu também entupi seu ketchup para causar esse acidente e assim poder te atacar? — ele questiona.

— Se aproveitou de uma brecha.

— E você gostou. Qual o problema?

— Eu disse que não te quero mais.

— Não foi isso que pareceu — responde, presunçoso.

— Como você disse, a libido aflorou muito. Poderia ser com você ou qualquer outro. —

Sou irônica no meu comentário.

— Não diga babaquices, Lola. — Agora ele está bravo.

— É a verdade. Agora pode ir embora.

— Assim? Olha minha camisa, Lola, está toda suja.

— Problema seu. Já me alimentou e me deu um orgasmo, agora pode ir. — Aponto para a saída e Olavo fica indignado.

— Isso é um absurdo. Eu virei o quê? Um prostituto?

— Pense como quiser. Só não espere receber por esse serviço. — Cruzo os braços e mantenho a postura dura.

Olavo abre a boca para responder, vejo raiva em seus olhos, porém, por algum, motivo ele se cala.

— Eu sei o que está fazendo, mas não vai funcionar, denguinho. Quando precisar dos meus serviços eróticos, sabe onde me achar. — Pisca um olho para mim e parte.

— Merda!

Fico totalmente irritada com ele, parece que nada é capaz de atingir esse homem, e agora que ele conseguiu a brecha que procurava, tenho certeza que virá com artilharia pesada para cima de mim.

Olavo

Eu virei a porra de um puto, literalmente. Lola quase conseguiu tirar meu juízo quando insinuou isso na cozinha, estávamos em um ótimo momento, finalmente eu estava conseguindo quebrar um pouco sua barreira, mas ela percebeu e como das outras vezes, quis me ferir.

Aceito toda sua revolta, eu sei que fiz uma merda épica, minha conduta até aqui não serve como crédito para suprir o erro que cometi e é por isso que continuarei tentando.

Desistir dela não é uma opção e nunca será. Apesar de ficar bravo com a sua insinuação, eu ainda posso usar isso a meu favor, mas está na hora de provar para minha garota que não quero só isso dela.

— Ah, Lola. Eu vou ser a porra do príncipe encantado que você tanto quer.

Começo a maquinar meu próximo meio de ação e resolvo chamar reforços. Disco o número do meu irmão. Faremos um churrasco na casa dos meus pais no fim de semana, minha mãe já está me torrando a paciência para ver Lola grávida e aproveito para me declarar a ela e fazer tudo que uma princesa merece.

Ligo para os caras, está na hora de relembrar nossos tempos de banda.



Capítulo 27
Não consigo imaginar minha vida sem vocês

Olavo

Estou andando de um lado para o outro na margem da piscina. Todos os convidados já chegaram e nada de Lola aparecer. A possibilidade de que ela desista começa a brotar na minha mente e um medo de que tudo o que planejei saia do meu controle é grande.

Conversei com os velhos, expliquei que essa era uma das minhas tentativas de trazer Lola para mais perto de mim, quem sabe conseguir que seu coração abrande e ela me perdoe. Eles concordaram em não dificultar minha vida. Minha mãe ficou feliz em saber da vinda dela e meu pai satisfeito com a minha atitude em tentar consertar as coisas.

Difícil foi conseguir o apoio da quadrilha. Achei que Vega e Aldria tentariam arrancar minhas bolas quando falei com elas durante a semana. Apelei para os maridos, praticamente implorando aos sacanas para intervirem por mim e parece que deu certo, já que todos vieram e aparentemente estão se comportando.

— Lola chegou — Júlio me alerta, fazendo um sinal com a cabeça na direção da entrada.

Levo alguns minutos para recompor meu nervosismo. Ela está linda, em um vestido claro que vai até os joelhos, o cabelo preso em um rabo alto e o rosto angelical, como sempre.

— Denguinho...

— Já falei *pra* não me chamar assim — ela fala baixo e não dou ouvidos. Aproximo de mim com um abraço afetuoso.

— Estou tão feliz que tenha vindo. Como está nosso filho? — pergunto, me afastando e fazendo carinho na sua barriga.

— Estamos bem e você já sabe. Fala comigo todos os dias, praticamente.

— Tem razão, mas é sempre bom perguntar. — Olho para ela sorrindo.

Pego sua mão, que reluta, tentando soltar-se de meu aperto, mas não permito. Vamos até a mesa onde todos estão sentados conversando e a coloco estrategicamente sentada em uma cadeira escolhida por mim.

— Lola, querida — minha mãe a cumprimenta com um abraço. — Estou tão feliz que pôde vir ao nosso almoço. Você sempre foi parte da família, agora é ainda mais. Posso? — Minha mãe sinaliza sua barriga e Lola permite que ela toque com um acenar de cabeça.

— Obrigada pelo convite, dona Rute.

— Nada de “dona”. Somos família, então pode me chamar de Rute. Acho que já dá para ver uma barriguinha aqui — ela brinca e Lola ri.

— Não se engane, mãe. Essa barriguinha sempre existiu. Você não faz ideia do quanto essa garota come — brinco e Lola me olha furiosa.

— Para de provocá-la, Olavo. Você está linda, minha filha. Radiante.

— Obrigada, Rute. E eu não como muito não, Olavo — ela me repreende e eu sorrio.

— Lolita! — Aldria vem em nossa direção.

— Oi, Aldria. Olá, gente — ela cumprimenta a todos, meio acanhada.

— Ainda bem que veio ou o Olavo ia furar o chão próximo da piscina. — Olho para minha cunhada fazendo careta e ela ri.

— Tia Lolo. — Minha adorada afilhada, Sara, vem correndo em nossa direção.

— Oi, princesa. — Lola se abaixa e a pega no colo.

— Você também é *pincesa*, mas só do Dinho. Né, Dinho? — Essa minha afilhada merece um prêmio.

— E quem é seu príncipe? — Lola pergunta a ela.

— O papai. Ele *falô* que eu só posso ser *pincesa* dele e do Dinho. A mamãe *dexô* ele ser meu *pincipe*, você *dexa* o Dinho ser *tamém*? — Lola ri com a pergunta de Sara.

— Claro!

— Vai lá brincar com seus priminhos, princesa — Júlio chama sua filha, que obedece prontamente.

— Oi, Júlio, como vai?

— Bem, Lola. Seja bem-vinda aqui e na família. — Meu irmão a abraça. Ele sabe o que pretendo e antecipa seu cumprimento.

— Obrigada... eu acho... — Lola fica intrigada e eu a puxo dos braços dele.

— Já chega de agarrar minha mulher. Você tem a sua.

— Babaca — ele me xinga.

— Eu não sou sua mulher, Olavo — Lola sussurra, se sentando ao meu lado.

— Ainda não — respondo enigmático. — Além do mais, é o nosso pinguinho que está aqui. — Toco sua barriga, fazendo carinho.

Lola sorri acanhada e logo emendamos em uma conversa gostosa sobre bebês, fraldas, nomes e tudo que envolve o mundo da maternidade. Fico fascinado, observando-a interagir com o grupo. Ela está mais à vontade com eles e isso me alegra.

Meu irmão sinaliza para a porta e olho, vendo o pai e a mãe de Lola entrando. Ela não sabia que eles viriam, mas para o que tenho em mente hoje, a presença deles será imprescindível.

— Seu José e dona Mônica, sejam bem-vindos. — Eu os recepciono.

— Boa tarde, meu filho — seu José me cumprimenta.

— Olá, Otávio — minha futura sogra provocadora me cumprimenta.

— A senhora sabe que em algum momento terá que falar meu nome corretamente, não é? — brinco e ela acaba rindo. Hoje nada é capaz de tirar meu humor.

— Mãe? — Lola se levanta, espantada.

— Oi, filha — eles a cumprimentam e Lola fica ainda mais intrigada.

— Seus pais não poderiam faltar no dia de hoje, denguiho. — Sorrio enigmático e Lola estreita os olhos para mim.

Olho o relógio e vejo que está quase na hora dos caras chegarem. Despisto Lola e vou para a garagem esperar por eles. Logo Renato, Tinho e o Denis chegam e combinamos aquilo que já treinamos durante a semana.

— Beleza, seus putos. Hoje é o dia.

— Caralho! Não tô acreditando que o mais puto de todos está fazendo isso — Renato fala.

— Mais um soldado abatido — Tinho zoa comigo.

— Vão à merda. Vocês não entendem, eu também não entendia, mas quando acontecer com cada um de vocês, eu terei o prazer de estar do lado e dizer: eu falei. — Eles me olham chocados e todos fazem o sinal da cruz ao mesmo tempo.

— Hora do show, irmão — Júlio anuncia.

— Vambora — Tomo a coragem que não tenho e parto para a ação.

Lola

Olho em volta buscando por ele. Alguma coisa está acontecendo e sinto cheiro de confusão. As pessoas me olham de forma estranha, meus pais aqui, algo não se encaixa.

Logo vejo Olavo indo para o coreto que fica próximo à casa de piscina. Ele está acompanhado de mais três rapazes, um deles é o tal Renato, que não fui com a cara. Eles mexem em algum tipo de aparelhagem de música e Olavo posiciona um pedestal com microfone a sua frente.

— Oi. Testando. Oi. — Ele testa o som do microfone.

— O que ele vai fazer? — meu pai pergunta e dou de ombros ainda chocada.

— Família! Sejam bem-vindos a essa reunião familiar! Quero pedir que todos se aproximem, pois está na hora do show! — ele anuncia e todos começam a se levantar.

Eu hesito, mas acabo sendo carregada pela minha mãe, que parece muito animada com o que Olavo está planejando. Meus olhos estão arregalados e ainda temo com o que pode vir disso tudo. Não esqueci aquele carro de telemensagens.

— Lola, meu denguinho — Ele me olha com ternura —, palavras e expressões são difíceis quando temos tanta coisa guardada no peito e acredite, eu tenho! Essa música é de uma banda que eu acho muito foda e a letra tem tudo a ver com a gente, amor. Eu te amo — ele fala mais baixo.

Seus olhos nunca deixando os meus, sinto uma euforia dentro de mim gritar. Não acredito que ele tenha dito isso assim, na frente de todos. A banda começa os primeiros acordes da música e logo reconheço de quem é. *Memórias, da Banda Malta*.

Essa música é incrível! Penso que alguém vai assumir o microfone e me surpreendo ao ver Olavo apoiar no pedestal com uma das mãos e começar a cantar. Por mais incrível que pareça, sua voz é linda. Rouca, parecida com a do cantor. Ele canta a melodia e seus olhos focados nos meus transmitem todo o sentimento que a letra tem.

A letra vira uma declaração. Sinto o amor, a euforia, nossa paixão, a saudade de todos os nossos momentos, sua persistência pelo caminho. Lembro dos caminhos tortuosos. Logo meu rosto está banhado em lágrimas e não seguro mais a emoção.

Sinto um abraço reconfortante e olho, vendo meu pai ao meu lado. Volto minha atenção a Olavo e vejo seus olhos também marejados. Fico desacreditada de tudo que estou vendo. Tantas emoções se misturando dentro de mim e eu só quero sumir.

Os últimos acordes tocam, Olavo desce do coreto e vem caminhando até onde estou, com cautela. Ficamos frente a frente, sua mão alcança uma lágrima no canto dos meus olhos e ele a limpa.

— Lola... Eu sei que não mereço nada vindo de você, mas te peço, me perdoa. Eu fui

um canalha, julguei, errei, fiz tantas merdas que não daria para enumerar, mas eu te amo. Amo você e nosso pinguinho. Não consigo imaginar minha vida sem vocês. — Ele se curva, ficando de joelhos à minha frente.

Sara vem de encontro a ele com uma caixinha na mão. Fico assustada, não acreditando no que ele está prestes a fazer.

— Tia *Lolo*, você que ser a *pincesa* do Dinho *pa sempi*? — Sara pergunta com os olhinhos brilhando.

Eu alterno meus olhos entre Olavo e a pequena Sara, sentindo um medo grande me invadir. Imagens dele de anos atrás com outra no sofá, sua demora em uma reunião que na verdade era um encontro com outra e as mulheres que levou para aquele motel, me vêm à cabeça.

Balanço minha cabeça em negativa e dou passos para trás. Não posso fazer isso, não posso. Não consigo passar por isso de novo. Olho em volta e todos me encaram com expectativa.

— Lola? Você aceita se casar comigo? — Olavo pergunta, hesitante.

Balanço minha cabeça em negação e vejo o sorriso de Olavo morrer aos poucos. Aldria tira Sara do colo dele e ele se levanta, olhando dentro dos meus olhos.

— O quê?... Eu pensei que...

— Eu sinto muito... de verdade. — Tento responder mesmo em meio aos soluços do meu choro.

Dou as costas para todo mundo e saio correndo dali. Preciso me distanciar de tudo. Não acredito que estou negando o único amor da minha vida.

— Lolita! Espera! — Aldria vem atrás de mim.

— Me deixa!

— Não! Espera, garota! — Ela segura meu braço, me parando.

— Só me tira daqui — peço, desesperada e Aldria atende ao meu pedido.

— Você é mais maluca do que eu — ela xinga e logo partimos em seu carro para longe da casa dos Gouvêa.

— Filha, você precisa comer! — minha mãe esbraveja comigo da cozinha.

— Já disse que como mais tarde — respondo, rodando os canais da televisão.

— Tem uma semana que essa é sua desculpa. Não se esqueça que tem que alimentar meu neto.

— Está tudo sob controle, mãe... — falo em tédio.

— Uma ova que está, Iolanda. Procure Olavo, diga que se arrepende de agir daquela forma, que teve medo e pronto. Eu duvido que ele não aceite.

— Vou para o meu quarto — digo simplesmente e saio da sala.

Minha mãe tem toda razão no que diz, exceto em Olavo me perdoar. Preciso comer melhor. Sinto que estou fraca e sem a menor vontade de sair. Mal estou indo trabalhar e Amanda tem sido um anjo por compreender.

Deito na cama e abro pela milésima vez o vídeo que o Júlio gravou do dia que acabei com a minha felicidade. Foi tanta emoção, tantas coisas misturadas, que só consegui detectar o medo. Ele me travou e fez com que eu recuasse.

Estava tudo na minha cara. O amor dele por mim, sua declaração, aquela música. Começo a chorar como em todas as outras vezes. Deito de lado na cama e curto a minha decadência em silêncio.

Ontem mandei uma mensagem para ele dizendo que eu e o bebê estamos bem e ele respondeu com um simples “ok”. Acho que dessa vez minha atitude intempestiva não terá perdão.

Deitada em posição fetal, espero que o sono e cansaço venha e simplesmente me deixe ir. Em meus sonhos sou feliz, tenho as boas lembranças que vivemos e posso senti-las livremente.



Capítulo 28
Vamos construir uma linda família

Olavo

— Não foi isso que eu pedi — esbravejo com minha secretária, que retira a xícara da minha frente com a mão trêmula.

— S-sim, senhor... — Ela sai feito furacão da sala, quase trombando em Júlio que entrava.

— Fala, irmão.

— Oi — respondo, curto.

— Ainda azedo?

— Não tem nada azedo. Estou trabalhando.

— E aterrorizando sua secretária, pelo visto — Júlio faz piada.

— Se ela não tem competência para servir um simples café, não há nada que eu possa fazer.

— Qual é, Olavo?! Você nunca foi assim. Sempre foi o cara do sorriso fácil e gentilezas.

— As pessoas mudam.

— Dê tempo a ela, irmão.

— Mais? — Olho-o indignado.

— Você nunca foi a melhor pessoa com ela, tem que admitir.

— Eu admiti, irmão. Eu falei e fiz tudo que podia, o que mais ela quer? Já me humilhei o suficiente. — Olho para a janela.

— Eu te entendo, irmão. Mas ela está grávida e suas emoções abaladas.

— Por isso resolvi atender ao seu apelo. Vou ficar longe. Distante. Conto com você e Aldria para me atualizar sobre o bebê.

— Tem certeza disso, Olavo?

— Absolutamente — respondo sério.

Meu irmão balança a cabeça com pesar, ele me conhece bem o suficiente para saber que minha real vontade é de ir até aquele apartamento e chacoalhar os miolos de Lola até ela entender que é comigo que deve ficar.

Depois que saiu do churrasco daquela forma, eu entendi que realmente ela precisa do seu tempo. Lola sempre foi uma moça doce, fácil de lidar e desde que começamos essa história louca, tudo tem acontecido tão atropeladamente que nos perdemos no caminho.

Eu sei que ela me ama, engraçado que sempre esperei ouvir isso dela primeiro e no fim das contas fui eu quem disse. Vou parar com minhas investidas, não entrarei mais em contato de forma nenhuma. Se ela precisa de espaço para lidar com seus sentimentos, eu respeitarei.

Levanto da mesa frustrado, nada tem saído como eu planejava, minha vida virou de ponta cabeça e agora tudo que sempre tive na mão, simplesmente não me quer mais.

Resolvo tomar um café na esquina, a famosa cafeteria onde Vega conheceu Antônio. Rio toda vez que ela lembra como o xingou naquele dia, para logo depois descobrir que ele seria seu cliente. A vida realmente nos reserva coisas surpreendentes, pena que nem todas são boas surpresas.

Entro na cafeteria e peço o de sempre. Várias pessoas ocupam as mesas, estamos perto do almoço. Olho em volta sem dar muita atenção a nada e observo várias mulheres me encarando. Em uma época não muito distante eu jogaria charme para elas e estaria escolhendo um alvo para mais tarde.

Tomo meu café no balcão mesmo. Verifico meu e-mail no celular, me atualizando de algumas coisas, mas logo sinto uma mão feminina cobrir a minha.

— Oi, bonitão. — Uma morena peituda me aborda.

— Oi — respondo e volto a olhar para o celular.

— Você deve estar muito ocupado. Vou deixar meu número para você nesse papel. Me liga mais tarde. — A morena se debruça sobre mim para alcançar o guardanapo que estava do meu lado.

Eu continuo olhando para o celular e antes que ela me entregue o papel, viro as costas e simplesmente saio dali. Não tenho a mínima vontade de flertar com outra mulher. Lola conseguiu me estragar para as outras e caso sua decisão não seja passageira, assim como meu irmão pensa, serei um fodido de merda por um longo tempo.

Lola

2 meses depois...

Fazia dois meses que não ouvia e via nada sobre Olavo. Tentei tirar informações das meninas, mas sempre era a mesma coisa: ele está trabalhando demais e sempre perguntando do pinguinho.

Mandeí mensagem para ele informando que hoje seria a consulta para saber o sexo do bebê, ele respondeu com o mesmo “ok” irritante e nada mais.

Reviro as redes sociais dele todos os dias, buscando qualquer coisa, uma migalha de informação que mostre como ele tem vivido. Fico frustrada por não encontrar absolutamente nada e me mantenho na miséria de vida há dois longos meses.

Tenho dormido excessivamente e comido muito mal. Nada para no meu estômago. Às vezes sinto uma tontura ou outra, mas não contei nada disso a ninguém. Minha mãe foi embora no fim da primeira semana, após o dia catastrófico.

Procuró ficar sozinha a maior parte do tempo, esquivando-me das meninas e Lucca. Não quero os olhares julgadores deles sobre mim. Já me basta o sermão que a Aldria me deu no dia em que fugi de lá.

Checo a hora e chamo um *Uber* para ir à consulta. Pelo que percebi, dessa vez será sozinha. Olavo não respondeu mais nada e não mencionei a ninguém que hoje possivelmente saberia o sexo do meu bebê. Tinha esperanças que ele estivesse lá comigo e não queria plateia no nosso momento.

Entro na recepção da clínica vasculhando o lugar com os olhos, ainda na esperança de vê-lo aqui. Me frustro mais uma vez. Ele não está em parte alguma.

— É, pinguinho, seremos só *eu e você*. — Acaricio minha barriga.

Logo sou chamada para dentro do consultório. Dr. Hugo me pede para trocar de roupa e deitar na maca para começar o exame. Faço como ele pede e antes que inicie a ultra, alguém bate à porta.

— Só um minuto — ele se desculpa, indo verificar quem é.

— Oi, desculpe a demora. — Escuto a voz de Olavo.

Não consigo evitar o sorriso que se abre na minha face. Meu coração troveja no peito e tenho que fazer um esforço incomum para não cair aos prantos.

— O papai chegou — Dr. Hugo brinca, tomando seu lugar novamente.

Olavo passa pelo biombo e quando nossos olhos se encontram, não consigo evitar a emoção e sinto as lágrimas escorrerem pelo canto dos meus olhos. Olavo também está emocionado. Sem dizer nada ele se aproxima de mim e se abaixa, dando um beijo na minha testa.

— Você está bem? — ele pergunta com o olhar preocupado.

— Agora sim — respondo sorrindo e vejo o canto da sua boca subir.

— Lá vamos nós. Vamos descobrir se é um garotão ou uma garotinha. — Dr. Hugo estoura nossa bolha e de raiva quase o acerto com meu pé.

Ele aplica o gel na minha barriga e passa o aparelho por ela toda, praticamente. Momento ou outro ele para e aperta alguns botões e volta a mexer no aparelho, sinto minha expectativa triplicar e não aguento esperar.

— Então, doutor? Qual o sexo?

— Só um minuto, Lola. Estou verificando umas coisinhas. — Um alerta acende em mim.

— Está tudo certo, doutor? — Olavo pergunta, preocupado.

— Sim. Prontinho, papais. Vamos descobrir o que vem aí. Algum palpite?

— Acho que é menino — falo esperançosa.

— De qualquer jeito eu vou amar, doutor. Só acabe com essa agonia — Olavo responde.

— É, papai, então prepare a espingarda, pois vem uma menina aí.

— Ah, meu... — Começo a chorar.

Olavo olha para mim e vejo uma lágrima descer por seu rosto. Levo a mão até ela para tirar e ele a segura, apoiando seu rosto ali.

— Obrigada, denginho. — Fecho os olhos, pedindo aos céus para eternizar esse momento.

— Lola, lhe aguardo na sala de consulta para conversarmos sobre algumas coisas. — E de novo esse médico consegue estourar minha bolha. *Saco!*

Troco de roupa rapidamente e sento-me na cadeira ao lado de Olavo.

— Lola, estou preocupado com você.

— Comigo?

— O que tem de errado, doutor? — Olavo questiona.

— Suas plaquetas estão muito baixas, você não está mantendo nutrientes nem para você, quem dirá o bebê. Tem se alimentado corretamente?

— Sim... eu... não — por fim confesso.

— Precisamos melhorar isso. Vou te encaminhar a uma nutricionista, você vai seguir à risca o cardápio e tomar os complementos que vou te passar. Isso pode afetar o bebê, Lola.

— Eu não tenho sentido fome, doutor, e normalmente o que como, coloco para fora.

— Deveria ter me procurado antes.

— Desculpe. — Arrisco um olhar para Olavo e ele está muito sério. — Obrigada, doutor.

— Vou marcar seu retorno para daqui duas semanas, quero acompanhar de perto seu quadro.

— Ela vai seguir tudo à risca, doutor. Irei me certificar disso.

Encaro a mesa me sentindo uma criança na frente do diretor e acompanhada do seu pai. Saímos do consultório e passamos direto na farmácia, Olavo não me deixa descer e vai sozinho comprar todo o medicamento que o médico passou.

Partimos dali direto para o meu apartamento, ele coloca o carro na garagem sem pedir permissão. Eu não me atrevo a contestar, além de ele estar bravo de uma forma que nunca vi, ainda o quero por perto.

Entro no apartamento e Olavo vai direto para a cozinha, escuto ele batendo algumas portas e vou até lá verificar o que está acontecendo. Encontro Olavo apoiando as duas mãos na pia, encarando o nada.

— Olavo?

— Você poderia estar mais doente, poderia perder nosso bebê e eu não estava aqui para cuidar de vocês.

— A culpa não é sua. Eu que fui relapsa, fiquei fechada em meu próprio mundo e não me atentei a isso. Me desculpe. — O embargo na minha voz é palpável.

— Você não entende, Lola. Tudo isso está acontecendo por minha culpa. Eu te fiz tudo isso.

Vou até ele e seguro seu rosto com as mãos, fazendo-o me encarar.

— Você não tem culpa de nada. Nada! Está me ouvindo? Eu fiquei focada por tanto tempo na minha miséria, pois por medo de confiar acabei desperdiçando a única chance da minha vida de ser feliz — ofego ao falar.

Olavo sela sua boca na minha pegando minha cintura e me erguendo do chão. Abraço seu pescoço e o beijo com desespero, não consigo enumerar o tamanho da saudade que senti dele. Esse homem, errante ou não, é o centro do meu mundo e pensar que não poderia tê-lo mais junto de mim estava me matando aos poucos.

— Ah, Lola... — Ele separa nossos lábios, encostando sua testa na minha.

— Perdão, amor. Me perdoa por ter fugido.

— Só com uma condição — ele fala e sorri.

Olavo me coloca no chão, tira do bolso uma caixinha pequena e familiar, se ajoelha como fez aquele dia e olhando nos meus olhos, torna meu mundo mais colorido.

— Lola, você aceita se casar comigo?

— Sim — respondo imediatamente, me jogando em seus braços.

— Preciso estar dentro de você... — ele fala entre os beijos.

Olavo me pega no colo e anda pelo apartamento em direção ao quarto, me coloca com delicadeza na cama e se afasta, tirando seu paletó e afrouxando a gravata.

— Tire a roupa, Lola — ele comanda e eu obedeço.

Olavo tira o celular do bolso e procura por algo no aparelho, logo os acordes de uma música ganha o ambiente e tento me concentrar na simples tarefa de tirar minhas roupas. Ele faz o mesmo com as suas e quase perco o fôlego quando o vejo parado na beirada da cama usando somente uma boxer preta. Seu olhar é faminto e sinto meu íntimo formigar.

Reconheço a melodia, é *Against All Odds* de *Phil Collins*, mas não é ele quem canta e sim a *Banda Malta*, a mesma que canta a música que Olavo ofereceu a mim naquele almoço.

Olavo tira a única peça que me impede de vê-lo por inteiro e um gemido baixo escapa dos meus lábios. Seu corpo é incrivelmente bem moldado e seu pênis faz jus a toda sua imponência. Ele cobre meu corpo com o seu e logo seus lábios sugam minha boca.

Deslizo minhas mãos pelas suas costas definidas sentindo cada músculo que a compõe. Olavo arrasta sua boca pelo meu queixo e suga meu pescoço. Rebolo embaixo dele, tentando algum contato mais próximo para aplacar o fogo que me consome.

Sua boca desce pelos meus seios e ele faz questão de me provocar, sugando cada um e deixando-os latentes de desejo.

— Olavo... — imploro e ele ri.

— Tudo ao seu tempo, denguinho. Estou há malditos meses me matando na punheta e pensando no seu corpo delicioso. Quero aproveitar cada momento.

Sua boca continua me torturando e quando ele alcança minha barriga, que já está visivelmente maior, ele para sua carícia sensual e deposita um beijo carinhoso ali.

— Depois o papai conversa com você, minha florzinha. Agora eu vou cuidar da sua mamãe, tudo bem?

Sorrio pela forma que ele fala e logo volta ao seu modo torturador, descendo aquela boca pecadora para minha vagina. Ele não faz cerimônia e a devora com fervor. Meu corpo arqueia com o contato e meu coração bate tão descompassado que me falta o ar.

Ele mal começa a sua magia e logo atinjo o meu auge, gozando em sua boca.

— Isso, me dá tudo — ele fala enquanto suga tudo o que pode de mim.

Quando se cansa de me torturar, Olavo volta a escalar meu corpo e logo toma minha boca. Sinto o gosto da minha excitação na sua língua, engancho minhas pernas no seu quadril o puxando para mim. Ele entende o recado e posiciona seu membro na minha entrada e a invade com força.

— Ahhhh — grito.

— Te machuquei? — pergunta, preocupado.

— Não! Continua! — imploro e assim ele o faz.

Olavo se movimenta devagar, porém com intensidade, sinto bater fundo em mim e gemo cada vez mais alto em resposta. Ele tem o cuidado de tirar o peso do seu corpo de cima de mim, por causa da barriga, assim ele olha dentro dos meus olhos a cada impulso.

— Você é meu tudo... — ele simplesmente fala e eu sorrio.

— Eu te amo, Olavo. — Ele fecha os olhos, sinto seu membro pulsar dentro de mim e meu nome sai em um gemido estrangulado da sua boca.

Suados e parcialmente satisfeitos, ele se deita ao meu lado e me puxa para si. Cubro suas pernas com a minha, seu braço me acolhe em seu peito e posso ouvir seu coração descompassado bater.

Fecho meus olhos e faço uma oração silenciosa em agradecimento por Deus me permitir ter esse homem de novo na minha vida. Dessa vez nada vai nos separar e vamos construir uma linda família.



Capítulo 29
E assim ♥ fiz

Lola

Acordo na manhã seguinte totalmente recomposta do meu cansaço. Não sinto mais a fadiga e o desânimo que vinham me acompanhando há dois meses. Olavo continua aqui e comprou quase o restaurante inteiro de comidas saudáveis me obrigando a comer.

Por incrível que pareça meu apetite voltou com força e comi tudo que ele me oferecia sem reclamar. Ele organizou meus remédios para tomar na hora certa e disse que se certificaria pessoalmente disso.

Achei tudo meio exagerado, mas não reclamei. Tê-lo aqui perto de mim, cuidando e sendo atencioso, era tudo que eu mais queria. Termina de trocar de roupa, ele disse que precisa passar agora a tarde na empresa para assinar alguns papéis, ligou para a Amanda e informou que eu tiraria o resto da semana e explicou o motivo.

Tive que aguentar minha amiga pegando no meu pé por horas quando soube que estava anêmica, me fazendo jurar que iria cuidar de mim e do bebê.

— Pronto, princesa? — Olavo me abraça, apoiando suas mãos na minha barriga.

— Sim — respondo sorrindo.

— Então vamos. Estou louco para voltar correndo para casa e tirar esse vestido de você.

— Libertino. — Finjo estar brava, dando um tapa em suas mãos.

Chegamos à empresa e Olavo me leva até a sala da Aldria para conversarmos enquanto ele tem uma pequena reunião com seu pai.

— Lolita! Estou sabendo de tudo, sua vaca! — Aldria dispara assim que entro em sua sala.

— Quanta delicadeza, Aldria.

— Não me venha com isso. Como você não fala nada sobre sua fraqueza?

— Eu pensei que era normal, Aldria. E estava afundada em minha própria miséria para me importar com qualquer outra coisa.

— Eu te entendo. Pelo que vi, agora está tudo bem.

— Sim. Nós nos acertamos. Conversamos ontem e resolvemos deixar o passado onde ele deve ficar e nos preocupar com o agora.

— E esse belo diamante indica que teremos casamento em breve?

— Sim! — respondo, feliz.

— Que bom. A propósito, Lucca acabou de ligar. Pediu para todos estarmos na casa dele hoje à noite. Ele ia te ligar, mas depois do que contei, ele achou que você não estaria

disposta.

— Vou falar com Olavo. Já me sinto bem e não terá problemas em irmos.

— Maravilha!

Ficamos conversando por um tempo, Aldria contando das estripulias de seus filhos, planos para meu chá de bebê, chá de panela e despedida de solteira. Como se nossos homens permitissem uma coisa dessas.

Verifico as horas e resolvo ir atrás de Olavo. Caso ele ainda precise ficar por aqui, vou embora sozinha e nos encontramos mais tarde na casa do Lucca.

Chego à antessala da presidência e vejo a mesa da secretária vazia. Bato na porta com suavidade e abro com cuidado. Eu não sei se Olavo está em reunião com alguém, caso esteja, volto para trás e aguardo aqui mesmo.

— Vai embora, Deborah! — Estaco no lugar.

— Para com isso, Olavo. Todo mundo sabe que você não se amarra a ninguém. Resolveu brincar de casinha, tudo bem, mas eu sei que só isso não te basta.

— Não me basta mesmo, me completa. Antes eu era um moleque vazio atrás de bocetas e isso mudou. Eu encontrei quem me completa e terei a chance de viver com ela pelo resto da minha vida. Agora, por favor, vá embora.

— Ah, Olavo... — A loira pernuda se aproxima dele, tentando contato.

Os dois estavam conversando de pé e Olavo demonstra estar totalmente apavorado. Se o ciúme não estivesse gritando em minhas veias agora, provavelmente eu riria da cena. Nunca imaginei meu libertino fugindo com medo de uma oferecida.

Entro na sala devagar, cruço meus braços e pigarreio alto para eles perceberem que estou aqui. Olavo empurra a pernuda com força, fazendo-a cair sentada na cadeira.

— Amor! Eu não fiz nada! Juro! — Ele levanta as mãos em rendição e quase rio do pobre coitado.

— Posso saber o que ela está fazendo aqui? — Aponto com a cabeça em direção a loira pernuda, mas não dirijo a ela um olhar sequer.

— Veio se oferecer, porque ela é uma oferecida! — Ele aponta, acusando-a.

— Olavo! — Ela levanta, nervosa.

— É isso mesmo. Eu já falei que não quero, amor — ele fala caminhando até mim e parando atrás das minhas costas.

— Acho que você já entendeu, né, querida? Pode ir embora e se poupar de mais vergonha. — Olho-a friamente e vejo a sirigaita quase ter uma síncope na minha frente.

— Isso não vai ficar assim, Olavo. Um dia você me paga — ela ameaça e caminha a passos largos para fora da sala.

— Vai, vai embora, capeta — ele grita quando ela sai.

Olavo contorna meu corpo com cautela, seus atos são comedidos, ele espera que eu esbraveje com ele. Tenho vontade de rir, seguro minha postura neutra no lugar e ergo uma sobrancelha, esperando que se manifeste.

— Amor... olha...

— Não diga nada, Olavo. Eu ouvi o que disse a ela e fico feliz que pense isso de nós. — Sorrio docemente e me aproximo dele, segurando a lapela do seu paletó.

— Denguinho... — ele sussurra, enlaçando minha cintura, dando-me um beijo terno.

— Você já terminou tudo por aqui? Lucca nos convidou para ir à casa dele hoje.

— Sim, já terminei. Avisei que estarei o resto dessa semana afastado cuidando da minha noiva e, semana que vem, assumo oficialmente o posto de presidente da empresa.

— Oh, meu Deus. Parabéns! — Jogo-me em seu colo, abraçando-o.

Olavo se assusta com meu arroubo, mas logo estamos rindo e nos beijando.

— Estou orgulhosa de você, dengão! — Olho dentro dos seus olhos para que ele veja minha sinceridade.

— Obrigada, Iolanda. Tudo isso só foi possível porque eu tenho você na minha vida.

— Atenção a todos! — Lucca bate em uma taça na sua mesa de jantar.

Estamos todos aqui, a quadrilha está completa como disse Olavo assim que chegamos. Estamos todos à mesa jantando e esperando ansiosos para o grande anúncio que Lucca e Eduardo querem fazer.

— Hoje recebemos a notícia de que em breve teremos nosso bebê conosco. — Eduardo abraça um Lucca já emocionado.

Todos começam a parabenizar o casal, as meninas se levantam para cumprimentá-los e os rapazes gritam e assoviam na mesa. Até as crianças fazem festa e querem abraços também.

— O processo já saiu? — Júlio pergunta.

— Ele ainda está rodando, mas na semana passada a filha da nossa faxineira teve um bebê e ela não quer a criança. Já tem quatro filhos e disse que não tem condições de criar este. Conversei com Eduardo e resolvemos fazer uma adoção direta. O processo ainda vai rodar, mas tendo um caso assim de contato direto com a mãe, facilita.

— E o que é o bebê? — Amanda pergunta

— É uma menina. *Se chama* Luiza.

— Meus parabéns, biba! — Aldria grita na sala.

— Se prepara, Eduardo. O bicho vai pegar *pra* você — fala Olavo, sendo sarrista.

— Digo o mesmo, Olavo. — Agora é Olavo quem fica sério enquanto todos riem.

Terminamos o jantar em clima de festa. Em parte, pois quando as meninas começam a planejar meu chá de panela, chá de bebê e despedida de solteira, os rapazes quase enfartam nos questionando e fazendo milhares de ameaças e proibições.

3 meses depois...

— Isso vai dar merda! — Lucca comenta, entrando no carro.

— Para de ser medrosa, biba! Vamos nos divertir hoje. Sem filhos para nós, Amanda!
— Vega brinca no banco de trás, já que as duas que têm bebês pequenos e pela primeira vez saem sem eles.

— Menos o barrilzinho aqui, né?! — Aldria aponta para mim e eu mostro o dedo do meio para ela.

— Nossa, você costumava ser mais doce, Lolita. — Ela finge ofensa.

— Entrei para a quadrilha, aprendi com vocês.

Todos riem e Amanda da partida no carro. Estamos a caminho de um clube das mulheres, faz três meses que planejo meu chá de panela, chá de bebê, casamento e Aldria focada na despedida de solteiro. Ela descobriu um clube não muito longe daqui e conseguiu armar um planejamento que os garotos não desconfiassem.

Cada um de nós foi terminantemente proibido de pensar em despedida de solteira individual. Olavo ameaçou todos e quando questionado sobre a dele, disse que beberia alguma coisa na casa dos pais com seus amigos e só.

Achei fofa a atitude dele, queria poder fazer a mesma coisa, mas Aldria prometeu me arrastar só de pijama pela cidade se não me trocasse. Eu praticamente fui sequestrada.

— Olavo vai me matar. E o marido de vocês também — decreto quando chegamos à porta do clube.

— Eles nunca vão saber — Aldria desdenha.

Entramos no clube e somos levados à uma mesa reservada para a noiva, no caso eu, localizada na frente do palco. Aldria não poupou esforços quando disse que eu veria o último corpo sarado diferente do meu marido antes de casar.

— Que comece o show. — Aldria acena para o garçom e ele traz tequila para todos, para mim água e Amanda um suco, já que ela está dirigindo.

— ATENÇÃO, LADIES. HOJE É UM DIA ESPECIAL. ESTA BELA SENHORITA SE CASARÁ AMANHÃ E COMO RECOMPENSA TERÁ UM SHOW PARTICULAR DE CINCO HOMENS DISPOSTOS A TUDO POR ELAS ESSA NOITE.

O locutor anuncia e um grande holofote nos destaca na multidão.

— Que vergonha — falo, tímida.

— Manda *pra* mamãe! — Aldria grita, acompanhada dos outros que festejam o anúncio.

As luzes se apagam por completo e logo começa a tocar *Drunk in Love* da *Beyonce*. Vemos somente a sombra de cinco homens entrando no palco e isso já basta para o público ir à loucura.

Uma luz fraca ilumina o centro do palco. Eles estão de costas, terno preto e chapéu na cabeça. Encaro a bunda do cara que está no centro, acho algo familiar ali.

— Puta que pariu. Eduardo! — Lucca grita.

As luzes se acendem e os homens se viram. Eduardo, Júlio, Olavo, Caio e Antônio estão em cima do palco. Eles se movem contidos, o público está alvoroçado e nós cinco em choque.

— *Parô* a palhaçada! — Aldria levanta, indo até o palco.

Amanda acompanha e logo Vega está atrás. Eu ainda estou sentada, chocada o suficiente para não me atrever a nada. As meninas sobem no palco, parando a tentativa de eles tentarem tirar o paletó. Seus respectivos homens as enlaçam em uma dança sensual, eu e Lucca nos encaramos e logo estamos a caminho do palco.

Olavo aponta o dedo para mim, me chamando, e eu rapidamente o alcanço.

— O único que vai se despir para você sou eu, denguinho. Acostume-se.

— Estou pronta para o sacrifício, dengão. — Olavo toma minha boca em um beijo indecente.

Dançamos o resto da música todos no palco, a multidão reclama por ninguém tirar a roupa, Aldria arrisca e logo Júlio a puxa para a mesa. No fim das contas ficamos todos bebendo e falando bobagens o resto da noite.

Olavo conta que descobriu o plano da Aldria logo no começo e combinou com os meninos de fazerem essa surpresa. Ele levou na boa, mas pela cara do Caio e Antônio, acho que Amanda e Vega não terão tanta sorte quanto eu.

Ninguém no mundo teria tanta sorte quanto eu. Escolhi o cara errado, tudo aconteceu para que no fim não estivéssemos juntos, só não contávamos com o amor. Eu me entreguei de imediato, ele se entregou na dor, passamos por muitas coisas e no fim nos rendemos a esse amor.

Olavo

Um mês depois...

— Eu vou ser pai, porra! — grito assim que encerro a ligação com minha esposa.

A sala de reuniões com a diretoria estava cheia. Júlio levanta, assim como meu pai e tio. Saio em disparada para encontrar minha mulher.

— *Espera*, irmão — Júlio chama.

— O caralho! Amanda já foi com ela para o hospital — falo apressado.

— Eu dirijo. — Ele toma as chaves que já estavam na minha mão.

Faço Júlio avançar todos os sinais possíveis, estou nervoso demais, já tirei o paletó e a gravata. Eu sabia que estava perto, mas a danadinha da minha filha não quis esperar mais uma semana. Não queria vir nessa merda de reunião, mas sendo o novo presidente, não poderia deixar de estar presente.

— Onde está minha mulher? — grito assim que entro na recepção do hospital.

— Irmão, calma — Júlio tenta me conter.

— Calma nada. Moça, Iolanda Gouvêa deu entrada nesse hospital, ela está dando à luz.

A recepcionista percebe meu nervosismo e logo começa a digitar alguma coisa, acredito que procurando onde minha mulher está.

— Ela está na maternidade, segundo andar.

Subimos apressados, estou suando feito um porco, um medo incontrolável toma conta de mim. Temo por minhas meninas. Preciso estar ao lado delas o quanto antes.

Vejo minha família assim como nossos amigos na sala de espera, mas passo direto. Tiro informações com uma enfermeira que logo libera minha entrada para onde Lola está.

— Ai — escuto o grito de Lola assim que passo pela porta da sala de parto.

— Calma, denginho. Eu já estou aqui.

— Olavo! — Ela sorri.

Minha mulher está sentada em uma maca, suando e fazendo força.

— Chegou o papai. Vamos trazer essa princesa ao mundo logo — Dr. Hugo fala.

— Vamos. Força, amor.

Lola faz o que o médico pede, com o rosto vermelho. Ela grita no final de cada contração. Mantenho nossas mãos unidas tentando lhe transmitir algum conforto.

— Isso, Lola. Mais um pouco e acaba. Já coroou — Dr. Hugo fala por baixo do pano que tampa parcialmente as pernas da minha esposa.

— Vamos, amor — falo para ela e isso a incentiva.

Lola faz seu último esforço e logo escutamos um resmungo baixo. Meus olhos se enchem de água, sorrio quando vejo o médico erguer uma linda e forte menina chorando a plenos pulmões.

— Quer fazer as honras, papai? — Estou hipnotizado pelo que vejo.

Aproximo-me do médico que me dá a tesoura para cortar o cordão umbilical que une minhas princesas. Olho para Lola que chora tanto quanto eu, pego a tesoura para cortar e sinto uma dormência na minha mão.

Tudo gira à minha volta e logo a escuridão me toma.

— Acorda, princesinha. — Sinto alguém batendo na minha cara.

— Para com isso, Júlio. Deixa seu irmão em paz.

Abro os olhos devagar, olhando em volta. Estou deitado em uma cama de hospital, tento me levantar com dificuldade, mas uma zonzzeira atormenta minha cabeça.

— O que aconteceu?

— Você desmaiou, viadinho! — Júlio debocha.

Olho para Lola que está em outra cama ao meu lado e ela sorri para mim, divertida. Estamos no quarto do hospital, olho para o meu braço e vejo que estou ligado a um soro.

— Amor? E nossa princesa?

— Ela está bem. Está tomando banho, logo a trarão para a primeira mamada. Você está bem?

Antes que eu responda, as portas se abrem e por ela entra o Dr. Hugo acompanhado de uma enfermeira e um pacotinho cor-de-rosa em um carrinho.

— Como estão meus pacientes? — Torço a cara para a gracinha do médico.

— Estou ótima. Quero ver minha menina. — Lola estica os braços.

— E você, Sr. Olavo? Se sente melhor?

— Sim — respondo carrancudo.

A enfermeira vem até mim tirando meu soro, o médico verifica meus olhos.

— Posso? — pergunto, ansioso. Quero ver minha filha.

— Pode, claro.

Levanto devagar e vou até minha esposa que está com nosso bem mais precioso nos braços. Nossa filha nasceu bem, forte e saudável. Sem cabelo nenhum, bochechas rosadas e quando nossos olhos se encontram, me apaixono pela segunda vez na vida.

— Camilli... — digo seu nome e parece que ela reconhece, se mexendo sem parar no colo de Lola.

— Olhem para cá, papais do ano. Vou tirar uma foto. — Júlio tem uma câmera na mão.

Ajeito-me ao lado de Lola e ele bate a fotografia.

— Irmão. Veste uma calça, essa camisolinha está decadente. — Levanto o dedo do meio para ele.

— Hora de amamentar, mamãe. Vamos? — A enfermeira vem para perto ajudar Lola.

— Ei, babaca. Vire-se — falo para meu irmão que rola os olhos para mim.

— Olavo!

— Não vou deixar meu irmão olhar para os seus peitos. Só divido essas belezinhas com minha filha — decreto e Lola me acerta com uma cotovelada.

Logo o quarto é invadido por uma avalanche de pessoas querendo conhecer minha filha. Tenho que aguentar uma dúzia de sarros por ter desmaiado no parto, mas eu não ligo.

O importante é que minhas preciosidades estão bem. Afasto-me de todos e fico observando aquela cena, a conversa fácil, minha esposa rindo, minha filha se alimentando, penso que em outra época eu não daria o menor valor para isso.

Eu fui um tolo por grande parte da minha vida, aprendi valores morais que meus pais me passaram, mas os deixei em uma gaveta escondidos, por simplesmente ter medo de viver. Nunca durarei o suficiente para ser grato a essa mulher que com seu jeito doce e fácil me mostrou que minha única chance de ser realmente feliz seria me entregando ao seu amor.

E assim o fiz.



Epilogo

Olavo

20 anos depois...

— Pai, eu tenho 20 anos, sabia? — Camilli fala enérgica e penso na merda de madrinha que escolhi para ela. Aldria.

— Isso não me interessa! Você não vai!

— Olavo, por favor. — Minha doce e ainda deliciosa esposa tenta abrandar os ânimos na cozinha.

— Não tem cabimento isso, Lola. — Jogo meus braços, tentando mostrar meu ponto.

— Filha, vá terminar de arrumar suas coisas. Logo o Ben passa aqui para te pegar.

— Ela não vai! — respondo enérgico.

Sento à mesa abrindo minha cerveja de toda sexta-feira. Lola prepara uma massa, hoje é nosso dia de receber os amigos para jantar. Combinamos que cada fim de semana seria na casa de um e tem sido assim durante todos esses anos.

— Amor, você precisa deixar sua filha viver.

— Eu deixo. Aqui, à minha volta.

— Olavo, o que ela pode fazer em um acampamento na praia que não faria aqui?

— Ah, eu posso fazer uma lista para você, querida — respondo, já imaginando tudo que aquele sedutor barato do filho do Caio e da Amanda pode fazer com minha princesa.

— Olavo, você está sendo infantil e ridículo, meu amor. Nossa filha já cresceu e não há nada que possamos fazer quanto a isso. Apenas relaxe e me ajude a arrumar a mesa de jantar.

Bufo indignado. Eu sabia que não seria uma boa ideia quando aquele moleque quis namorar minha filha. Neguei e não aceitei, Caio e Amanda vieram aqui em casa para tentar me convencer e fui irredutível. Só que minha amada esposa, aprendiz das facetas da minha cunhada, me colocou no sofá por uma semana inteira.

Em vinte anos de casamento nós nunca ficamos mais de três dias afastados um do outro e ela me coloca no sofá por conta disso. Fui obrigado a ceder, ainda mais quando a vi desfilando pela casa de madrugada usando uma camisola transparente e sem calcinha. Foi minha derrota.

— Amor, a campainha. — Atendo a porta injuriado.

— Entra — respondo para Aldria e Júlio, que chegaram mais cedo.

— Ainda de bico, cunhado? Desencana! Minha afilhada tem juízo.

— Não é dela que tenho medo — rebato.

— Vou pegar uma cerveja. — Júlio sai da sala.

— Isso é culpa sua. Mania de querer essa coisa de igualdade e blá, blá, blá.

— Ah, falou o libertino que não podia ver um rabo de saia — ela responde. — Até Viviane está indo viajar, cunhado.

— E eu acho isso inacreditável. Ela só tem cinco anos.

— Ela estará acompanhada da supervisão escolar. Eles têm um ótimo programa de escoteiros e ela ama essa coisa de selva, matas e bichos. Vou aproveitar esse tempinho sem filhos para me esbaldar com meu ser infernal. — Faço careta para seu comentário. — E você, cunhadinho, deveria agradecer à Camilli, por namorar alguém como Ben.

— Vou agradecer quando eu cortar o pipi daquele moleque. — Jogo-me no sofá.

Não demora muito para que a casa esteja cheia. Amanda e Caio chegaram acompanhados do filho pervertido, Vega e Antônio, Lucca e Eduardo, também acompanhados dos filhos.

— Eu acho que vocês deveriam ficar por aqui — falo na sala para todos ouvirem.

— Relaxa, tio Olavo. Vamos nos cuidar — Rodrigo argumenta e bufo em descrença.

Logo minha esposa anuncia que o jantar está servido e todos nós sentamos à mesa. Minha raiva diminui com a cena à minha frente. Todos os meus amigos, minha família e nossos filhos reunidos.

Por todos esses anos prezamos pelo nosso convívio. Havia momentos que queríamos nos matar, mas no fim das contas estávamos todos ali, uns para os outros.

Criamos nossos filhos com esses ensinamentos. União, amizade, parceria e confiança, esse era nosso maior legado. Meu falecido pai uma vez me disse que eu saberia se fiz o que era certo pelo caminho, quando pudesse olhar para aqueles que amo e ver que estavam bem.

Pois é, pai, hoje eu posso dizer isso com toda a certeza.

— Pai... — Camilli, que está ao meu lado, me chama.

— Oi — respondo carrancudo.

— Pode ficar tranquilo. Eu sei me cuidar.

Camilli tinha a mesma habilidade da mãe quando queria. Ela era tempestuosa em vários momentos. Lola não cansava de dizer o quanto tínhamos gênios iguais, mas quando ela agia assim, docemente, eu me rendia, como o fraco que sempre fui pelas duas mulheres da minha vida.

— Eu sei. — Sorrio para ela com amor e ela sabe que estamos bem. — Já você, rapazinho... Pipi dentro da calça garante que ele continue aí — alerta Ben, que arregala os olhos para mim.

— Olavo! — Lola chama minha atenção, enquanto todos riem na mesa.

— Estamos velhos, cara. Nossos filhos fazem agora o que não fazemos há muito tempo — Caio brinca.

— Velhos, mas bem vividos. — Animo os homens.

— Olhe para nós, somos homens realizados. Quem pode dizer que conquistamos tudo que conquistamos e que por algum motivo, aquelas belas mulheres nos escolheram para dividir uma vida — meu irmão comenta.

Automaticamente todos nós olhamos para nossas respectivas esposas e viajamos nos anos que se seguiram até aqui.

— Amanda me salvou de mim mesmo — Caio fala em tom apaixonado.

— Eu daria minha vida pela minha pequena — Antônio decreta.

— Lucca foi e ainda é a melhor pessoa que conheci — Eduardo se manifesta.

— Eu não viveria sem as maluquices da minha mulher — meu irmão apaixonado comenta.

— Lola sempre foi a minha melhor foda — falo por fim.

Sinto uma almofada acertar meu rosto e vejo os caras rindo e me xingando de puto. O que eu posso dizer? Nunca fui santo, mas a minha vida ganhou um sabor completamente diferente quando aquela pequena mulher, dos cabelos amendoados e olhar doce, entrou na minha vida.

— Valeu nos entregarmos a essa coisa de amor, hein? — Antônio levanta o brinde e nós batemos nossas garrafas em concordância.

Por fim, declaro em meio ao brinde:

— A nossa história valeu a pena ser vivida e merece ser contada...

Fim